



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EMILIANA FARIA ROSA**

**OLHARES SOBRE SI:**  
**A BUSCA PELO FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES SURDAS.**

Salvador

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**EMILIANA FARIA ROSA**

**OLHARES SOBRE SI:  
A BUSCA PELO FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES SURDAS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel Garcia Bordas

Co-orientadora: Prof. Dra. Marianne Rossi Stumpf

Salvador

2009

**EMILIANA FARIA ROSA**

**OLHARES SOBRE SI:**

**A BUSCA PELO FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES SURDAS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 27 de março de 2009.

**Banca Examinadora**

Dr. Miguel Angel García Bordas – Orientador \_\_\_\_\_  
Doutor em Filosofia pela *Universidad Complutense de Madrid*  
Universidade Federal da Bahia

Dra. Nídia Regina Limeira de Sá – Membro \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Universidade Federal do Amazonas

Dra. Theresinha Guimarães Miranda – Membro \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo  
Universidade Federal da Bahia

Ao surdo baiano, ignorado, oprimido, mas que com graça, leveza e jogo de cintura não tira o sorriso do rosto e a chance de levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima.

Aos Surdos. Povo guerreiro que cai, levanta, sorri, chora, mas não perde a vontade e a naturalidade de simplesmente viver.

## AGRADECIMENTOS

Aos surdos baianos, seja da capital ou do interior, que me ajudaram ao longo desta pesquisa e que, apesar da resistência de muitos, tiveram coragem de expor dificuldades, vontades e realidades do cotidiano de cada um. Não podendo citar todos, meus sinceros agradecimentos a cada um deles.

À coordenadora, às tutoras e ao pessoal de apoio do pólo UFBA do Curso de Letras/LIBRAS que disponibilizaram espaço, material e permitiram o contato com meus amigos surdos para a realização da coleta de dados.

A Omar, Miguel, Nídia e demais professores da UFBA que ousaram arriscar, auxiliar e possibilitar conquistas.

A minha mãe, Teresa, que deixou a borboleta sair do casulo e voar atrás do que desejava;

A minhas irmãs, pela digitação e envio constante dos materiais para a confecção dessa dissertação.

A minha família, que agüentou minhas 'loucuras' e vãos constantes na busca de um ideal.

A Victor, meu irmão. Amigo de muitos caminhos e sonhos alcançados. Amizade verdadeira que o tempo faz cada vez mais forte e insubstituível.

Aos meus amigos surdos e ouvintes, cariocas, baianos, catarinenses, paulistas, gaúchos e tantos outros que direta ou indiretamente me apoiaram na conquista desse sonho.

A Deus, por mais um degrau subido na escada da vida.

## O EU NO MUNDO

Eu

Outro

Onde um começa?

Onde o outro termina?

Onde se encontram?

Onde se afastam?

Será um espelho?

Uma metade?

Será minha parte?

Quem eu sou?

Quem você é?

Quem é esse Outro?

O que o mundo representa para mim?

O que eu represento para o mundo?

Será que ele sabe que eu existo?

Sou um simples grão de areia...

Uma simples gota de água...

Mas o mundo é formado por terra e água!

Sou a gota que completa o oceano.

Sou o grão de areia que forma a terra...

Sou parte do mundo.

E o mundo

É parte de mim.

(Emiliana Rosa)

## RESUMO

Ao redigir a presente dissertação, meu objetivo foi analisar a descoberta da identidade surda na estrutura da sociedade baiana de Salvador, sua negação e possibilidades fecundas de fortalecimento. Identidade que é negada, desprestigiada e que muitas vezes sequer é reconhecida. Busquei evidenciar a necessidade do empoderamento da comunidade surda, do sujeito surdo propriamente dito, da cultura surda, visando com isso o fortalecimento da identidade surda na comunidade de Salvador, o que muito pode contribuir para o empoderamento dos surdos em todo o estado. Evidentemente, a vivência da identidade pode ser múltipla diante da diversidade de situações da vida, tal como experimenta cada pessoa surda. Quis mostrar como este empoderamento passa pela necessidade de multiplicar saberes, práticas, conceitos e possibilidades. Mostrarei indícios das artimanhas sociais que ignoram, mascaram e desprestigiam a identidade da comunidade surda de Salvador. Procurei demonstrar como o sujeito surdo pode ser influenciado por jogos de poder sociais, chegando a negar sua cultura ou colocá-la num lugar onde possa tê-la por perto quando precisar. Jogos de poder, identidades negadas e uma necessidade de fortalecimento para enfrentar diversas causas, especialmente o direito de intervir na Educação dos demais surdos. Uma comunidade surda dividida entre abaixar a cabeça e aceitar o que a sociedade oferece, e assim, obter pequenas melhorias na qualidade de vida, ou erguer a cabeça, lutar pela valorização de sua cultura, mesmo sofrendo estigmatização e, num possível futuro, perceber que valeu a pena defender o que é próprio do surdo e de sua experiência social: o direito de ter uma identidade, uma cultura e fundamentalmente, o direito de ser Surdo.

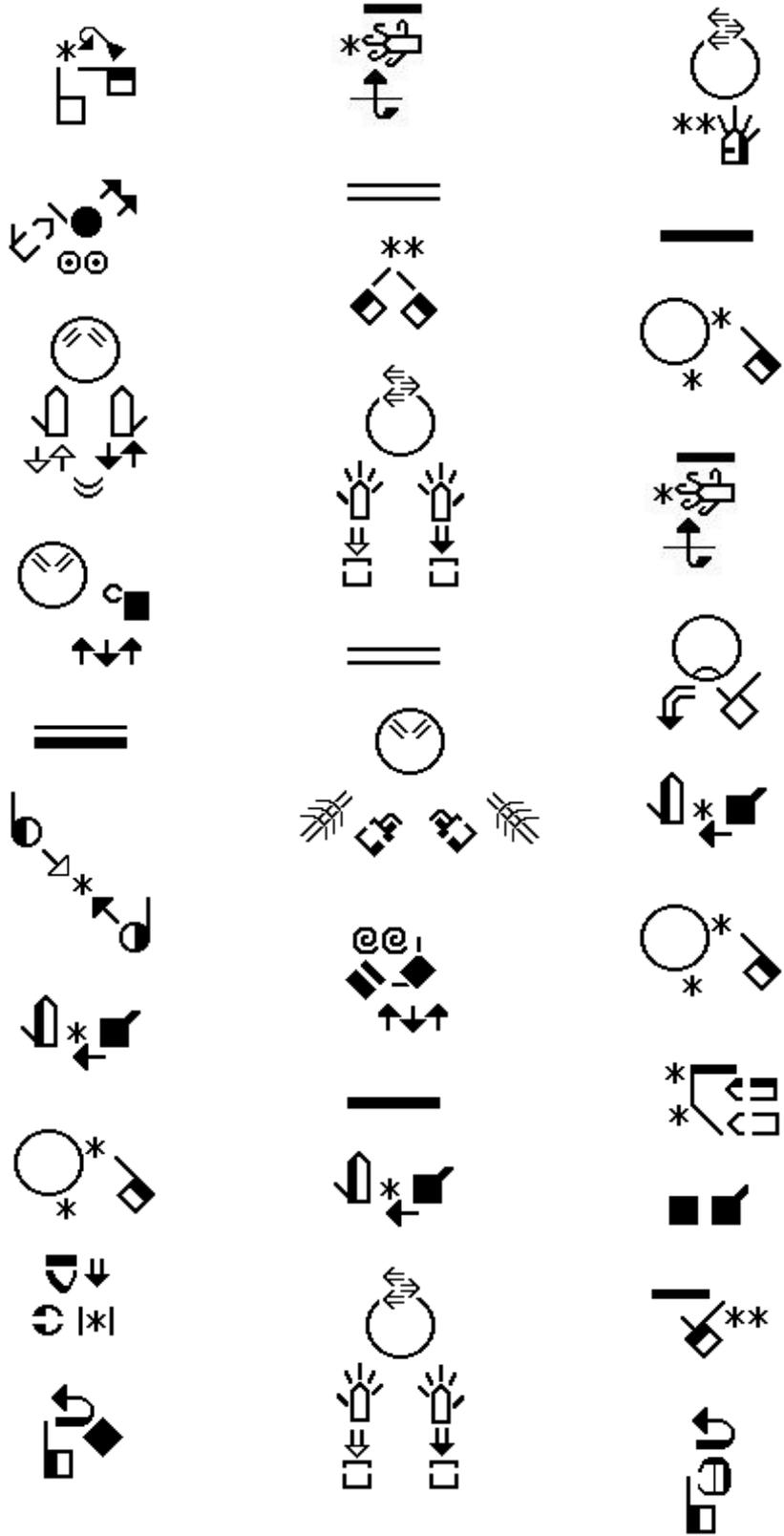
Palavras-chave: Surdos. Identidade surda. Cultura surda. Educação de surdos.

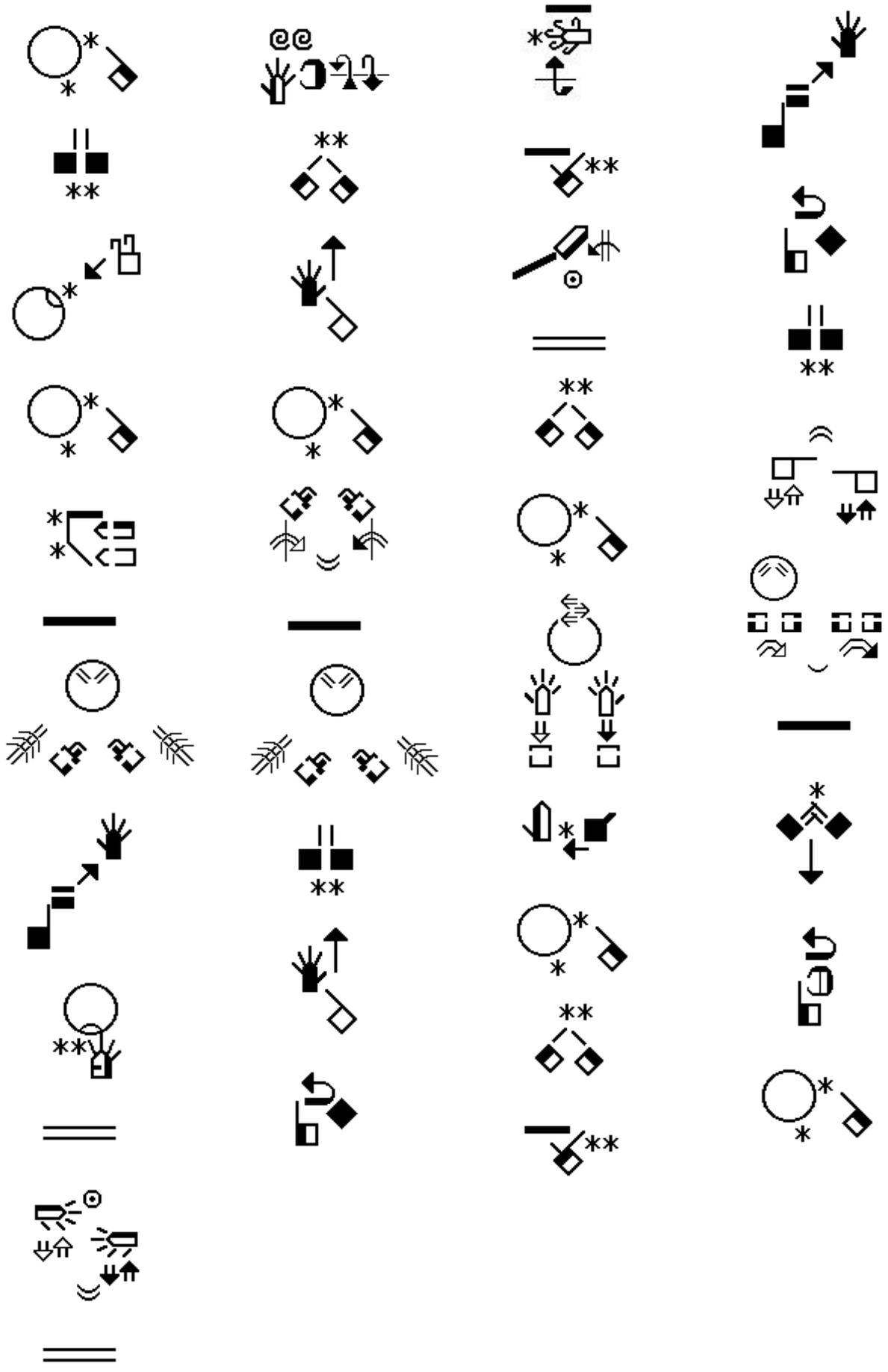
## ABSTRACT

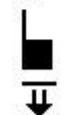
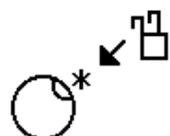
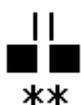
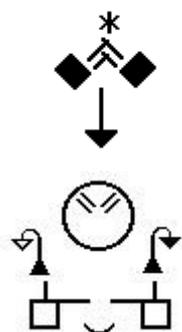
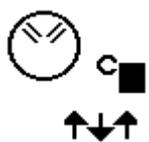
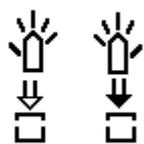
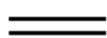
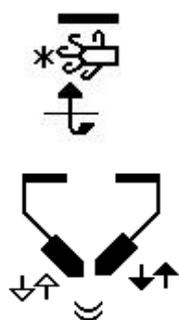
When writing this dissertation, my goal was to analyze the discovery of deaf identity in the structure of society in Salvador, his denial and possibilities of strengthening fruitful. Identity that is denied, discredit and even that often is recognized. Seek evidence of the need to empower the deaf community, the subject itself deaf, deaf culture, with it to strengthen the identity in the deaf community of Salvador, which too can contribute to the empowerment of deaf people throughout the state. Of course, the experience of multiple identities may be facing the diversity of life situations, as each person experiences deaf. I wanted to show how this empowerment is the need to increase knowledge, practices, concepts and possibilities. Show evidence of trick that ignore social, and discredit mask the identity of the deaf community of Salvador. Aims to show how deaf subject may be influenced by games of social power, to deny their culture or place it in a place where you can have it around when you need it. Games of power, identity denied, and a need to strengthen to face various causes, especially the right to intervene in the education of deaf too. A deaf community divided between the head down and accept what society offers, and thus more small improvements in quality of life, or raise the head, fighting for the recovery of their culture, even suffering and stigma, in a possible future, realize that worth it to defend itself that is the deaf and their social experience: the right to have an identity, a culture and fundamentally, the right to be deaf..

Keywords: Deaf. Deaf identity. Deaf culture. Education of the deaf.

☞→D\*☞←☞







**SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2. APRESENTAÇÃO</b>	21
2.1 - MINHA HISTÓRIA	21
2.2 - A ORIGEM DESTA PESQUISA	22
<b>3. METODOLOGIA</b>	24
<b>4. SURDOS</b>	30
4.1 – O MUNDO DO SURDO	39
4.1.1 - Comunidades surdas	43
4.2 – CULTURA	47
4.2.1 - Cultura surda	50
4.2.2 - LIBRAS: língua visuoespacial	53
<b>5. O MUNDO</b>	57
5.1 – FAMÍLIA	62
5.2 – SOCIEDADE	67
5.3 – EDUCAÇÃO	72
5.4 – ALTERIDADE: A EXISTÊNCIA DO OUTRO	76
<b>6. IDENTIDADES</b>	79
6.1 – IDENTIDADES SURDAS	85
6.2 – O NEGAR, O DESCOBRIR E O FORTALECER DA IDENTIDADE SURDA	91
<b>CONCLUSÃO</b>	94
<b>REFERÊNCIA</b>	99
<b>ANEXOS</b>	102
<b>ÍNDICE</b>	144

## 1. INTRODUÇÃO

“A mão é ação: ela toma, ela cria e, por vezes, pode-se dizer que ela pensa.”

Henri Focillon

A vida humana é comparável a de uma árvore. Começa com uma semente e um ambiente especialmente preparado para concebê-la. Lembro-me das aulas de ciências sobre as partes da planta e, pasmem, concluo que somente trocam-se os nomes, as definições, mas temos os mesmos “pedacinhos” da tal planta.

Os sujeitos surdos<sup>1</sup> podem se tornar árvores, desenvolver, crescer com os galhos voltados ao céu, desabrochar, dar frutos. Cabe a cada um, ao solo em que colocamos nossas raízes e aos outros organismos que, juntamente a nós, habitam o mesmo ambiente, desenvolver-se e transformar-se em carvalhos, jequitibás, ipês, cedros, eucaliptos ou meros galhos caídos nas estradas.

Assim que criamos raízes, ou melhor, quando começamos a criá-las, nos deparamos com os outros organismos e seus diversos traços culturais e contextos vivenciados. Depara-se à diversidade humana e social presente ao nosso redor e, do qual, cada ser é - inegavelmente - inseparável, por pertencer a esta mesma diversidade.

Assim é o surdo. Uma árvore. Que pode se germinar, crescer e se desenvolver de acordo com seu fortalecimento cultural e identitário; a partir de sua interação com os demais sujeitos presentes na sociedade. Afinal, para se ter uma floresta é preciso de muitas árvores, seres vivos e diversos elementos naturais.

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação o uso da expressão *sujeito (s) surdo (s)* como um indivíduo que “*está vivenciando suas relações no domínio do espontâneo, entendendo este como libertador ou cerceador de suas possibilidades, pois tanto pode estar no domínio do afetivo que é emancipador, como no domínio da alienação.*” (MAHEIRIE, 2002) Tem-se então que o sujeito que se forma pelo convívio com o coletivo, ou seja, com o social. Sujeito pode assim ser caracterizado por o ser individual, real, que possui qualidades e pratica ações. Ao usar os termos ‘sujeito surdo’ e ‘surdo baiano’ toma-se por base os estudos culturais e as teorias que os seguem. Definir um ser humano por sujeito é dotar-lhe de características singulares tanto individuais quanto sociais. De acordo com isso o uso de tais expressões é subjetiva ao foco da pesquisa realizada na tentativa de especificar o local e o tema em que se procede tal pesquisa. Deseja-se apontar o foco da pesquisa com objetividade para ter-se a delimitação descrita na metodologia e usada ao longo desta dissertação. Sendo assim, as expressões usadas ao longo deste trabalho não são uma visão estereotipada, mas sim possuem fundamentalmente, características elementares e definidoras de onde se pesquisou e da comunidade surda a que se refere.

O surdo referido neste trabalho é um sujeito, produto da interação social que vivencia. Observado na heterogeneidade, tal sujeito pode ser surdo por diferentes causas. O surdo pode, ou não, ser usuário da língua brasileira de sinais.

O objetivo central desta pesquisa – a descoberta da identidade na sociedade, sua negação e fortalecimento – é formado pela interação do eu com o outro, presentes na sociedade. Uma identidade só será definida, descoberta, se houver elementos característicos que auxiliem o surdo no desvendar de si mesmo e do mundo que o rodeia e do qual faz parte.

Para se ter o povo surdo é preciso muito mais que isso simplesmente, é preciso aceitação e compreensão das diferenças e não deficiências. Entender que tais diferenças, de percepção – percepção visuoespacial no caso do surdo -, de comunicação, de língua – a LIBRAS (Língua de Brasileira de Sinais), não são deficiências, não há falta se utilizar outro canal de percepção, há outro tipo de vivência, de entendimento, de possibilidade. Melhor dizendo, deve-se mostrar que ser surdo não é somente não ouvir, conceito patológico, mas sim possuir características diferentes dos outros sujeitos.

As diferenças – entendidas aqui em termos de diferenças políticas e culturais – ocupam um lugar central, considerando-as não só atributos rígidos e essenciais, mas também produtos históricos, culturais, que resultam sempre de (uma consciência de) relações de poder. (SKLIAR, 2003: 139)

O povo surdo pode ser caracterizado (STROBEL, 2006) como um conjunto de sujeitos surdos que são ligados por uma origem, tais como a cultura surda, a língua de sinais, tem costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado.

Cada sujeito representa algo. Possuindo elementos que podem existir no “eu”. Esse sujeito, o outro, com suas características próprias e singulares, são simultaneamente diferentes e semelhantes a cada outro sujeito. Ou seja, “[...] esse outro [...] está entre nós [...] se o outro não estivesse aí, não haveria palavra, não haveria relação, não haveria vida humana [...]” (SKILIAR, 2003: 14).

Esta pesquisa é o prosseguimento das observações sobre as vivências do surdo e a descoberta de sua identidade. Sendo esta identidade fortalecida ou negada através das aspirações, tentativas e valores socioeducacionais.

Antes de qualquer observação de mundo, de ambiente, a pergunta que se faz é a mais simples e, também, a mais complexa: Quem sou eu? Simples pergunta por ser rapidamente evocada pelo pensamento humano. Complexa, pela infinidade de respostas possíveis e as ramificações que, qualquer uma das respostas escolhidas, acarretará. Não há uma única

resposta correta, não há um limite de possibilidades. Há múltiplos caminhos e, logo, múltiplos pontos de chegada e de partida.

O ser humano é múltiplo, divisível e plural. Capaz de, voluntária ou involuntariamente, alterar suas características pessoais e, por conseguinte sua identidade, de acordo com sua vontade e/ou interferências do social. Em cada ambiente, ou contexto social, ele pode adquirir uma face identitária. Isso porque a identidade não possui um ponto final, ou seja, *“para a identificação, a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade”* (BHABHA, 1998). Observo a partir daí a confirmação da volubilidade da identidade, da mutação da identidade do indivíduo.

As interferências sociais citadas acima são vistas no cotidiano. São interferências culturais, educacionais, situacionais. São possíveis negociações, nem sempre efetuadas, do contexto vivido pelo surdo. Uma rotina que não há possibilidade de negar. Interferências que podem, em sua maioria, modificar a vida do surdo, sua identidade e desenvolvimento social.

Temos então, enfaticamente, o problema pesquisado: Como as identidades surdas são descobertas, posicionadas, silenciadas e fortalecidas na sociedade contemporânea?

O problema apresentado é, antes de tudo, uma questão aberta à multiplicidade de respostas possíveis dentro do referido conjunto. Multiplicidade também notada na questão da identidade, visto que esta pode ser mutável e flutuante, respeitando as características humanas e suas nuances. O que pode ser comprovado abaixo:

[...] o que diz respeito às identidades e culturas surdas [...] a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. (WOODWARD apud SÁ, 2006:51)

Em se tratando do surdo, essa multiplicidade é característica marcante no desbravar, não tão fácil, de caminhos encontrados no contexto social. Cada ser tem sua percepção de mundo, sua (s) identidade (s), sua forma de expor suas dificuldades, captar saberes e expor suas idéias. Cada ser, cada sujeito surdo, é único, diante do leque da variedade cultural percebível e possível da sociedade.

Para o surdo de Salvador, no entanto, poucas são as identidades “aceitáveis” oferecidas pela sociedade e o fortalecimento de tais identidades é, muitas vezes, difuso e bifurcado. Isso porque *“é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos caracteriza, e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza”* (SANTOS apud MANTOAN, 2003: 33).

Identidade deve ser escolhida pelo próprio sujeito e não pela sociedade. Surdos não devem ser bonequinhos de massa a serem moldados a gosto da sociedade ouvinte, da família ou de quem quer que seja. São sujeitos aptos a escolhas, valores e capacidades como qualquer outro.

As identidades a serem analisadas ao longo desta dissertação terão por base as identidades surdas descritas por Perlin (1998). Mas não ficarei presa somente a essas identidades, isto porque, o surdo é um sujeito social e sua identidade é mutável, de acordo com as influências com as quais ele toma parte, ou seja, essa identidade pode vir a ser contraditória, mutante e formada pelo pertencimento a uma cultura.

A identidade surda pode ser definida como um conjunto de características da comunidade surda. Um conjunto de tradições, costumes, interesses, cultura e língua desenvolvido e vivido pelo povo surdo ou ainda “*algo em questão, em construção [...] que pode [...] ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições.*” (PERLIN, 2005:52). Por isso, destaca-se anteriormente a singularidade da identidade surda, sua flutuação e mutação de acordo com o ambiente social vivenciado e com a marca da personalidade do sujeito surdo.

Mas como esse sujeito surdo constrói sua identidade? A identidade não se constrói de uma hora para outra, não é processo rápido, ela passa por influências e modificações. Para tanto, é necessário:

[...] uma política de identidades surdas, onde questões ligadas à raça, à etnia, ao gênero, etc.; sejam também entendidas como ‘identidades surdas’; identidades que são, necessariamente, híbridas e estão em constante processo de transição (SKLIAR, 2005:27).

Atento ao fato de que a pesquisa realizada foi especificamente na cidade de Salvador. A necessidade de centralização da pesquisa foi definida a partir da descoberta das diferenças e multiplicidade entre os surdos existentes na referida cidade. A comunidade surda é heterogênea e diversificada.

Cada localidade tem características próprias, visto que a cultura não é a mesma em todos os lugares. Em se tratando do povo surdo, a cultura e a variação lingüística são específicas da comunidade surda em que se situa.

Surdos não possuem as mesmas características, aptidões, possibilidades e auxílios; assim como também não possuem a mesma variedade lingüística regional, apesar de usar a mesma língua – a língua brasileira de sinais (LIBRAS). A LIBRAS não é padronizada, possui

variações lingüísticas regionais; assim como universalmente. Seu uso interfere no fortalecimento da identidade surda de cada surdo.

Não há linguagem de sinais universal [sic], mas ao que tudo indica há elementos universais em todas as linguagens sinalizadas, universais não no significado, mas na forma gramatical. (SACKS, 1990: 131)

A sociedade ouvinte invariavelmente, por mais que se fale em alteridade e diversidade cultural, não aceita espontaneamente a cultura surda. Para muitos, a cultura surda é uma “coisa bonitinha” com a qual os surdos “brincam” já que eles não participam enfaticamente da cultura ouvinte. Idéia equivocada e preconceituosa, mas, infelizmente, apesar dos movimentos culturais surdos, ainda existente em nossa sociedade majoritariamente ouvinte. A cultura surda é o elo entre os sujeitos surdos e o mundo em que se vive; sendo formada pela língua, identidade e contextos sociais diários do surdo.

Para introduzir, pesquisar e responder tantas questões utilizo quatro pilares existentes no cotidiano do surdo: sociedade, família, educação e si próprio, ou seja, o próprio surdo. Quatro pilares de sustentação em relação à descoberta de si, da sua(s) identidade(s) e da cultura surda. Observo e analiso as relações de interdependência entre essas categorias e suas relações com o sujeito surdo.

Sujeito possuidor de características relevantes e marcadas por um aspecto psico-sócio-educacional<sup>2</sup>. Por isso, toma-se por hipótese que o sujeito surdo é dotado de uma identidade e cultura própria construída pela vivência, alteridade e trocas sociais. E que a descoberta de tal identidade é percebida pelo cotidiano. Sendo assim esse sujeito, ao tomar parte de uma comunidade e conviver com ela, torna-se um sujeito singular que dispendo de inserção cultural mais profunda ao aceitar a cultura surda.

Por objeto de estudo destaco a questão da identidade em sua relação eu-outro-sociedade<sup>3</sup> na cidade de Salvador. Não há possibilidade de separação entre tais elementos, visto que são interligados e inseparáveis de forma a se imbricarem nos mais diversos

---

<sup>2</sup> Psico-sócio-educacional: referente à relação entre os contextos psicológicos, sociais e educacionais vivenciados pelos sujeitos surdos de forma que estes conceitos acarretem uma modificação do desenvolvimento cognitivo e social de tal sujeito surdo.

<sup>3</sup> A relação “eu-outro-sociedade” é percebida pelo desenrolar das trocas sociais entre os sujeitos surdos pertencentes a uma comunidade e esta vinculada à sociedade. Essa relação pode ser analisada através da alteridade, ou seja: “*Em todo outro [...] existe o próximo – esse que não sou eu, esse que é diferente de mim, mas que posso compreender, ver e assimilar – e também o outro radical, (in) assimilável, incompreensível e inclusive impensável.*” (BAUDRILLARD & GUILLAUME apud SKLIAR, 2003: 26)

acontecimentos e situações existentes na vida humana. Seguindo esse pensamento toma-se por objetivo a análise, portanto, das identidades surdas observadas na heterogeneidade visível da sociedade e sua relação perante o contexto psico-sócio-educacional e influenciadas, que são, pela cultura surda e pela cultura ouvinte. Indicando uma identidade fortalecida ou estigmatizada. Tal contexto pode ser observado no relacionamento eu-outro-sociedade, ou seja, na relação do sujeito surdo com si mesmo, com a comunidade surda da qual participa e com a sociedade.

Justifica-se, então, o tema escolhido devido a uma importância fundamental observada no cotidiano a partir da constatação de que a identidade é o marco central na descoberta de si e do outro; podendo conduzir ou não a uma mudança na qualidade de vida humana, isto em virtude da atual necessidade de proporcionar múltiplas possibilidades identitárias aos múltiplos atores sociais existentes na esfera mundana.

Este trabalho verte para os estudos culturais; que são estudos baseados na produção, estudos baseados no texto e estudos baseados nas culturas vividas: “*Os estudos culturais ampliaram o conceito de ‘texto’, trazendo uma abrangência que vai além das grandes obras e incluindo também a cultura popular e as práticas sociais cotidianas.*” (SÁ, 2006: 54)

Sendo assim, essa pesquisa justifica sua importância social e acadêmica. Seu mérito será contribuir para uma melhor relação de benefício na descoberta do indivíduo surdo como sujeito singular dentro da comunidade e da sociedade, valorizando assim esta sua singularidade e os contextos da sua cultura. Além de distinguir caminhos visando melhoria e desenvolvimento do surdo, de sua educação e do fortalecimento de sua identidade.

Tais questões expostas acima são somente o início de uma estrada na busca de respostas quanto ao que se deseja descobrir. Este trabalho visa contribuir para um maior esclarecimento quanto à caracterização das identidades surdas<sup>4</sup>, seu fortalecimento e sua conjugação com a experiência visual e a educação, medidas (ou não) pela cultura surda e influenciadas que são pela cultura ouvinte. Pretendo apontar a questão das identidades de modo a captar as diversidades humanas dos sujeitos sociais surdos baianos, a fim de poder ampliar as possibilidades de compreensão sobre a descoberta de si, e do ambiente em que vivem, incentivando à aproximação dos conteúdos culturais.

---

<sup>4</sup> Identidades surdas no plural por serem múltiplas. A identidade não é presa a um modelo único, indivisível; pelo contrário, a diversidade dos indivíduos existentes na esfera social predispõe a uma variedade de identidades decorrentes dessas trocas sociais e escolhas pessoais. Isso será mais bem analisado ao decorrer desta dissertação.

A importância de se pesquisar identidades em sua negação ou fortalecimento e a cultura surda na sociedade se dá pela perspectiva existente nesta mesma sociedade, visto ao que foi pesquisado, descoberto e será revelado ao longo deste trabalho. Pesquisa esta que revela a necessidade de mudanças radicais para o desenvolver do surdo e construir o empoderamento social deste.

As indagações citadas nesta pesquisa serão discutidas e exemplificadas por diversos autores como: Skliar, Hall, Bhabha, Perlin, Quadros, Strobel, Sá, entre outros. Autores que comprovam a realidade vivenciada e observada cotidianamente.

Para afirmar sobre a relação eu-outro-meio social, cito Hall (HALL in SILVA, 2000:109):

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica [...].

Mas como a identidade se constrói? Em se tratando da identidade surda e sua construção, Perlin explica que *“A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural”*. (PERLIN, 2005: 56)

Estudar e pesquisar sobre identidades surdas é falar da cultura e da comunidade surda, da língua de sinais, da educação de surdos, do convívio de surdos com ouvintes e de encontro de surdos com surdos, do povo surdo. É abordar a maneira pela qual os próprios surdos se definem e como os ouvintes definem os surdos. É apontar caminhos, sinalizar histórias, participar de conversas, de trocas sociais; é enfrentar o mundo, lutar por direitos, por cidadania, por cultura, pela nossa identidade. É lutar por respeito.

Falar sobre surdos é um meio de desfraldar a bandeira da cultura surda, de mostrar-se, erguer-se a cabeça e poder sinalizar em público sem ser apontados ou observar risos zombeteiros e olhares de piedade ou de curiosidade.

Ser surdo é pôr literalmente ‘a cara a tapa’ – enfrentando o que a vida traz, enfrentando de cabeça erguida as dificuldades em busca de um ideal – ao exigir respeito aos próprios valores, a si mesmo. É ver muitos ‘nãos’; é cair, levantar, respirar fundo e continuar caminhando, apesar dos joelhos esfolados, das mãos calejadas, das lágrimas que rolam e secam no rosto, do sorriso que brota a cada conquista. *“Cada pessoa tem dentro de si uma*

*águia. Ela quer nascer. Sente o chamado das alturas. Busca o sol. Por isso somos constantemente desafiados a libertar a águia que nos habita.”* (BOFF, 1998: 37)

Ser surdo não é não ouvir. Ser surdo é ouvir com os olhos e com as mãos; é ouvir com o coração. Deixe então que o surdo conte sua própria história, mostre a sua identidade; que ele sinalize sua vida, impondo seus valores e traços culturais nas relações psico-sócio-educacionais.

Afinal, do que adianta o sujeito surdo ser uma árvore se somente junto a outras formará uma floresta requisitada ou admirada por outros seres vivos como citado na metáfora no início deste texto? Ou mais especificamente: do que adianta ter-se ouvidos sadios se muitos ouvintes se fazem de surdos às necessidades, desejos e chamados do outro?

## 2. APRESENTAÇÃO

“Não se volta se a meta é a estrela.”  
Leonardo Da Vinci

### 2.1 - MINHA HISTÓRIA

Quem poderia imaginar como seria a vida daquela menina nascida em um sábado de carnaval? Tranqüila vida de criança que foi virada de cabeça para baixo inesperadamente.

Minha surdez não é nativa. Fiquei surda por seqüela da meningite aos onze anos. Desde então tudo mudou. Poderia até dizer que mudou para melhor, mesmo que meu caminho não tenha sido e não seja fácil. Mudou para melhor porque foi a partir daí que descobri que o mundo não era tão certo e perfeito como eu pensava.

Minha família é toda ouvinte, não conhecedora do mundo dos surdos, muito menos da LIBRAS. O medo da perda total de comunicação comigo fez com que minha família, acatando as recomendações dos médicos, não aceitasse que eu aprendesse a língua de sinais. Aos vinte e dois anos, senti um chamado do qual não poderia fugir. Comecei a aprender a língua de sinais e a viver meu caminho, meu destino.

Dificuldades todos têm e não há necessidade de comentá-las aqui. Qual surdo nunca teve dificuldade na escola, foi vítima de preconceito, falta de informação ou desprezo? Muitos.

Estudei em escolas regulares em boa parte de minha vida acadêmica. Em 2004, formei-me em Letras (português/literaturas) e, sequencialmente, em 2006, concluí a Pós-Graduação em Educação Inclusiva. Prestei concurso para professor estadual no Rio de Janeiro, passei. Lecionei para turmas de ouvintes por dois anos até deixar tudo para trás e ir a Salvador cursar o Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia em 2007.

Um ano morando naquela cidade fez-me ver a diversidade da vida dos surdos. Um abismo assustador. Boa parte do que relato e analiso nesta dissertação vem do que vivi, observei e também do que me foi dito, sinalizado; foi difícil separar o que vivenciei com o que eu pesquisava, mas consegui. Experiência que não pode de toda ser deixada de lado; afinal, sou surda e vivi em Salvador, era a teoria comprovada na prática, ali não importava se

eu era ou não nascida naquela cidade; o que era levado em consideração é que eu era surda e participante da sociedade local.

A pesquisa diária, observação em minha própria vivência como surda dentro de uma sociedade que muitas vezes impõe o que deseja e esquece que o surdo possui direitos: direito de escolha, direito de língua, direito de poder e, o fundamental, direito de ser.

Senti necessidade de aprofundar conceitos e conhecimentos. Mudei-me então para Florianópolis para, assim, poder estudar na Universidade Federal de Santa Catarina, núcleo de educação e pesquisa sobre surdos, sua cultura, língua e identidade. Aprendizado feito não somente em sala de aula, mas a partir da troca, do contato, do dia a dia com outros pesquisadores surdos e ouvintes.

Possibilidade de ter contato contínuo com o que eu precisava para poder desenvolver minhas pesquisas e, de alguma forma, contribuir para uma melhoria na qualidade de vida e/ou ainda uma abertura na consciência da sociedade e do próprio surdo.

## **2.2 - A ORIGEM DA PESQUISA**

Posso dizer que esta pesquisa iniciou-se comigo mesma. Com a descoberta da cultura surda, da língua de sinais e das vertentes identitárias presentes na sociedade. Posso dizer que a vontade de pesquisar isso, deve-se a minha própria curiosidade de descobrir quem eu era e meu papel no mundo que me rodeava.

Cheguei a Salvador como uma idéia de pesquisa. As identidades surdas e sua descoberta. Com o passar do tempo, percebi que precisava centrar isso. Neste mesmo tempo presenciei muitas coisas sobre a vida do surdo naquela cidade. Realidade diferente da que eu vivi em minha cidade natal. Realidade que me fez repensar minha pesquisa e o que eu buscava.

Decidi abordar a identidade do surdo vivente na cidade de Salvador. Mas não mais somente a descoberta dessa identidade e suas vertentes, mas sim seu fortalecimento, sua negação e o porquê disso acontecer.

Nem todos se abriram espontaneamente à pesquisa. Não é fácil colocar o dedo na ferida sem doer. Não é fácil ter que se indagar quem se é. Vários surdos se recusaram a participar das entrevistas dessa dissertação. Surdos negaram interesse, disponibilidade e

vontade de participar dos depoimentos escritos e filmados. Muitos surdos em Salvador não têm noção de quem são, do que representam e do que podem vir a ser dentro da sociedade.

Foi pensando nisso que a pesquisa se desenvolveu. Da necessidade de observar, descobrir e apontar caminhos para o fortalecimento do surdo, de sua identidade e cultura. Esta pesquisa deseja contribuir com uma abertura da consciência da sociedade de que o surdo baiano não pode ser oprimido, não pode continuar à mercê do que a dominação ouvinte quer. Mostrar que ele pode e deve lutar e, assim, conquistar seus ideais.

O surdo baiano também deve mudar seu olhar. Precisa olhar para o alto, para o horizonte, para a vida. Só assim poderá perceber e reconhecer o que precisa mudar em seu cotidiano para, enfim, alcançar o que tanto deseja: a liberdade de ter um língua, uma cultura, uma identidade.

Liberdade de, simplesmente, ser.

### 3. METODOLOGIA

“O rio atinge seus objetivos porque aprendeu a contornar obstáculos.”  
Lao-Tzu

Início a explicação da metodologia usada afirmando que referências e pesquisas não são somente teóricas. Nelas se inclui a própria vida; vida diária na qual se situam as pessoas e situações que estão juntos de cada ser. Usarei a abordagem qualitativa para assim conseguir agrupar os conceitos e os contextos observados, vivenciados e analisados no desdobramento da pesquisa, uma vez que ela está fundamentada nas experiências de surdos no cotidiano da comunidade surda da cidade de Salvador e em minha própria vivência como pesquisadora.

Tal abordagem:

Realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. (MINAYO e SANCHES, 1993)

Conhecer pela experiência, negando o uso somente do lógico, e expondo a necessidade da vivência, são atribuições do método qualitativo, ou seja, por meio dele busca-se qualificar quantidades, experiências, dados e observações percebíveis no cotidiano. Esta metodologia expõe, assim, a realidade, como algo cotidiano, visível e palpável, existente diante de nossos olhos, e que pode ser alcançada pelas nossas mãos e pensamentos de cada sujeito social.

A abordagem qualitativa em pesquisa é uma construção social que percebe e problematiza, ou seja, que se baseia na observação da condição humana, em sua constituição, e nas diversidades que apresenta. Ao utilizar tal método coloco em foco a relação cultura e realidade, sujeito e objeto, os quais são fatores imprescindíveis no objeto de estudo vinculado a esta pesquisa, indo em direção às noções de mundo e à participação, tão necessárias à argumentação que caracteriza a pesquisa qualitativa.

Ao utilizar tal abordagem, descarto tabelas quantitativas com os poucos dados obtidos nos quatro questionários entregues. As respostas dos mesmos estão no conteúdo desta dissertação, isso por que foi feita análise dos discursos dos surdos pesquisados.

As etapas do estudo são efetuadas no dia a dia, primeiramente pela leitura que geram percepções científicas a respeito do tema, suscitando indagações e respostas compatíveis ao objeto de estudo abordado, além de se adequarem como meio de comprovação teórica.

Nestas percepções teóricas estão presentes elementos dos Estudos Culturais em caráter pós-estruturalista, que estuda os aspectos culturais da sociedade e suas relações. Pode-se então representar o que a sociedade espelha, ou seja, uma realidade na qual existe a produção de significados – ao que se é e ao grupo ao qual se pertence - e dão sentido aos pensamentos e valores dos sujeitos surdos em questão.

Em relação às teorias lidas e analisadas, posso citar: Hall, Veiga-Neto, Tomaz Silva (necessários para o aprofundamento dos Estudos Culturais, educação, cultura e identidade de forma geral); Quadros (para comprovação da língua de sinais enquanto elemento constituinte da cultura surda); Skliar e Larrosa (para aprofundamento, descoberta e comprovação dos estudos surdos, educação e teorias que auxiliem no desenrolar do surdo e do mundo que o rodeia); Perlin (expositora do povo surdo, sua cultura, identidade e as múltiplas vertentes existentes nesta); Strobel (desbravando a cultura surda e o caminhar do povo surdo); Foucault (expondo o discurso, a vivência e as trocas sociais); entre outros.

Como processo para a coleta de dados utilizei o método de estudo de caso, com ênfase em histórias de vida. O estudo de caso vem a ser o estudo do passado, do presente e das interações ambientais do indivíduo, grupo ou comunidade; é uma modalidade adequada para a investigação nas ciências humanas e sociais (GRESSLER, 2004). Já a história de vida é a abordagem onde se coletam dados de pessoas com características peculiares; utilizando para isso entrevistas abertas ou semi-estruturadas, que vão aprofundando as questões.

A pesquisa foi realizada durante os meses letivos do Mestrado, visando um maior aproveitamento das temáticas estudadas, as trocas de informações e o desbravar de novas vertentes e caminhos necessários à elucidação das indagações da pesquisadora. Certamente, no transcorrer dos estudos, se abriu um leque para novas e instigantes indagações.

Surge então o problema objeto deste trabalho: Como as identidades surdas são descobertas, expostas, localizadas, posicionadas, silenciadas e fortalecidas na sociedade baiana contemporânea?

Não foi somente a pesquisa teórica que auxiliou na elaboração desta dissertação. O trabalho de campo teve papel fundamental para a realização e conclusão desta pesquisa. Foi a partir da observação que a pesquisa se desenrolou e apontou por onde se deveria caminhar a fim de atingir o objetivo proposto.

Observar os surdos em Salvador foi tarefa diária, constante e proveitosa. Isso porque fundamentada na teoria a vivência do ser surdo de Salvador pode ser observada na prática. Com isso pode-se perceber o que acontecia e o que adequava com esse contexto teórico. Abriu-se assim a possibilidade de coletar dados qualificados e tecer análises.

Necessário lembrar que o que foi observado nesta pesquisa poderia ser observado em qualquer outro local. Problemas, dificuldades e necessidades são vistos em muitos lugares e não especificamente em Salvador.

Para responder a pergunta da pesquisa, procurei reunir um grupo de participantes representativos da comunidade surda, com escolaridade variada e faixa etária mínima de dezoito anos e máxima de quarenta anos, residentes na cidade de Salvador. Surdos escolhidos aleatoriamente, mas respeitando a faixa etária pelo pensamento de que tais surdos já possuem uma identidade, ou várias, se ela (s) qual (is) for (em).

Ao iniciar a pesquisa pensei que poderia contar com inúmeros surdos disponíveis e acessíveis para entrevistas, depoimentos e grupo focal, uma vez que a Bahia é o terceiro estado com maior número de surdos do país. Os fatos revelaram outra realidade.<sup>5</sup>

De vinte questionários distribuídos em mãos e via e-mail somente três questionários foram respondidos via e-mail e um respondido e a mim entregue. Quando os surdos foram convocados para filmar, muitos se negaram dizendo não possuir interesse, ter vergonha ou não querer filmar. Tendo em vista o pequeno número de entrevistados, somente se obteve um grupo de aproximadamente, no máximo, vinte surdos para acompanhamento e exemplificação.

Por causa da pouca disponibilidade encontrada e enfrentada, a quantidade de entrevistados foi pequena. Um grupo pequeno pode não ser suficiente para representar toda a diversidade de uma sociedade, mas ele já predispõe a tal diversidade buscada – e encontrada – na pesquisa realizada. Em anexo encontra-se a transcrição das entrevistas, das mesmas participaram quinze surdos, alguns em no grupo focal outros somente na entrevista individual. Outros surdos participantes são os que responderam ao questionário escrito. Outros foram somente observados no decorrer da pesquisa.

O grupo pesquisado tem por *lócus* a cidade de Salvador. Observações e entrevistas aconteceram ocasionalmente em locais em que se reuniam os surdos, como reuniões,

---

<sup>5</sup> Dados obtidos em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>. Acesso em 20 de novembro de 2007. A pesquisadora, por e-mail, pediu dados recentes à Secretaria de Educação (SEC/IAT) e não recebeu retorno.

conversas informais, a associação de surdos (o CESBA – Centro de Surdos da Bahia), pólo do curso Letras/LIBRAS – UFBA<sup>6</sup>, entre outros locais.

Necessário ressaltar que embora as entrevistas tenham sido efetuadas na cidade de Salvador, não significa que somente surdos soteropolitanos tenham sido entrevistados. Como grande parte da observação aconteceu no pólo UFBA do Curso do Letras/LIBRAS houve a possibilidade de contato com surdos de outros municípios como Simões Filho, Feira de Santana... Além de observações de surdos que são de outros estados, mas estudam no pólo UFBA e participam do cotidiano do local da pesquisa.

Muita observação foi efetuada, mas somente algumas tiveram suas filmagens autorizadas. Observações que muitas vezes aconteciam naturalmente, por minha vivência como pesquisadora na comunidade surda de Salvador. Pelo contato diário com surdos, ouvintes, com as idas à associação de surdos de Salvador, com a percepção das dificuldades, da incredulidade do que se percebia e com as tentativas de compreensão dos motivos daquilo acontecer.

Observações que aconteciam espontaneamente e sem deixar tempo de anotar ou filmar, mas ficando presas em minha memória. A vida presente na pesquisa, a teoria absorvida na prática. Um ano de experiências vividas pela pesquisadora, as quais o surdo baiano tem em toda sua vida, em toda sua história. Houve então a necessidade de separar a alma de pesquisadora com a alma de participante da comunidade surda.

O grupo focal é um procedimento típico da pesquisa qualitativa e foi realizado de forma complementar à coleta de dados iniciada com observações e entrevistas, para representar e problematizar percepções, línguas e valores do sujeito surdo. Os participantes tinham o objetivo de discutir o objeto de pesquisa - a identidade do surdo baiano e suas representações – a escolha dos participantes obedeceu às características dos surdos entrevistados e observados ao longo desta pesquisa.

As discussões do grupo foram pré-estabelecidas pela pesquisadora para interagir com o grupo, porém em seu papel de mediadora, a pesquisadora deixou as discussões fluírem ao perceber que elas tomavam outros rumos; o que de nada prejudicou a pesquisa, ao contrário, beneficiou. Os entrevistados ao desencadearem outro assunto levaram a pesquisadora a aproveitar os apartes e modificar as perguntas anteriormente preparadas.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Curso Superior Letras/LIBRAS, à distância, que possui atualmente quinze pólos espalhados pelo Brasil; pólos que são coordenados pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Salvador possui um pólo – o pólo UFBA.

<sup>7</sup> Em anexo, encontram-se a pesquisa de campo e as traduções/transcrições das filmagens.

As poucas filmagens que foram conseguidas, autorizadas pelos surdos, estão em LIBRAS. Para transcrever estas filmagens utilizei a tradução da LIBRAS para a língua portuguesa, usando, assim, o mesmo recurso que Perlin em suas pesquisas. Uma forma natural de traduzir o que foi sinalizado sem perda do valor do que foi dito pelo surdo, mostrando sua língua, sua cultura, suas vontades, suas reivindicações...

A chamada transcrição é o processo no qual, com o auxílio das anotações registradas o diário de campo, realiza-se a recriação do texto. Nesse processo, busca-se recuperar todos os elementos da entrevista que a textualização, sozinha, não foi capaz de captar. É a fase em que a interferência do pesquisador se dá de forma mais nítida, modelando o depoimento de modo a torná-lo um documento histórico produzido em co-autoria (pesquisador e colaborador) (MEIHY, 2000: 91).

Transcrever as filmagens não foi fácil. Muitas vezes alguns sinais só possuem uma tradução aproximada. A beleza da sinalização expôs a emoção do surdo em seu depoimento e isso pode ser observado na transcrição/tradução do grupo focal em anexo, com as observações entre parênteses. Para preservar os participantes, optou-se por usar somente a inicial dos mesmos nas traduções, preservando seus nomes e sinais.<sup>8</sup>

A leitura de Perlin foi essencial para que se conseguisse encontrar uma forma correta de traduzir as filmagens e observações dando voz ao surdo. As idéias da professora Gladis Perlin, primeira doutora surda em Educação do Brasil, foram aproveitadas não somente como inspiração desta pesquisa, mas também como parâmetro de observação das vivências dos surdos da comunidade de Salvador.

Como forma de processamento usei coleta de dados sobre as histórias de vida de surdos por meio de questionário com entrevistas semi-abertas; entrevistas presenciais com os surdos a partir dos questionários, ampliando as questões pertinentes, reunião do grupo focal para discutir o tema utilizando o roteiro de discussão. Em se tratando dos instrumentos, utilizei questionário individual, roteiros para entrevistas e roteiro de discussão para as reuniões do grupo focal, que podem ser encontrados no anexo.

É importante lembrar que não somente usei esses procedimentos. Histórias de vidas dos surdos foram contadas naturalmente em conversas informais sem que houvesse tempo de anotar algo ou filmar. *“É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no*

---

<sup>8</sup> Cada indivíduo ao entrar na comunidade surda recebe um sinal proveniente da LIBRAS que o especifica e o caracteriza tanto quanto seu nome de batismo.

*tempo*” (LARROSA, 1994: 69). A naturalidade e espontaneidade dos relatos impediram a pesquisadora de parar a conversar e anotar. Se fizesse isso o surdo se fecharia e não iria expor sua história de vida, por muitas vezes resguardada, tantas vezes sofrida, de forma tão natural.

#### 4. SURDOS

"Pedras no caminho? Guardo todas,  
um dia vou construir um castelo..."

Fernando Pessoa

O ser humano é um sujeito dotado da necessidade da inter-relação, da troca de informações, da capacidade da linguagem, entre outras tantas características que o transformam em sujeito único e pertencente ao contexto mundano. Mas, apesar de toda essa inter-relação, é um ser possuidor de marcas identitárias que o distingue dos demais participantes da sociedade mesmo que outros compartilhem algumas dessas marcas socioculturais. Isso porque acima de tudo está o ser em si mesmo (ARRIENS, 2006).

O surdo presente em uma sociedade diversificada deixa claro que há possibilidade – visível ao próprio surdo, cognitivamente – mas dificilmente tal sociedade aceitará as mudanças urgentes e imprescindíveis que este sujeito requer. Ou seja: *“Trata-se de um indivíduo que não tem, não possui, não dispõe dos atributos para deixar de ser o que é.”* (SKLIAR, 2003: 38)

É um indivíduo, um ser humano, que tem uma identidade, ou várias, dependendo do contexto vivenciado e conhecimento de culturas. As marcas identitárias podem seguir uma ou várias trajetórias referentes ao meio em que estão e de suas necessidades momentâneas. A palavra ‘indivíduo’ nos leva a pensar no lado individual de cada pessoa, individualidade que gera uma multiplicidade diante *do e no* que se vive.

Mesmo que este ser humano perceba suas diferenças existenciais, ele não consegue separá-las, ou ainda identificá-las; tem-se assim que *“[...] o ser humano é incapaz de compreender a identidade (ou si – mesmo no mundo), mas diferencia-se de outros animais por ser capaz de senti-la, intuí-la e viver a liberdade nela presente [...]”* (GÓIS, 1995: 55)

Quem é o surdo? Qual seu papel na sociedade? Esse parece ser um lugar comum, mas continua sendo um incógnito presente em toda e qualquer pessoa e em todo e qualquer lugar. Segundo Goffman (1988), *“o surdo na sua diferença, representa um perigo.”* Mas porque perigo? Perigo no sentido de uma libertação do surdo baiano da dominação ouvinte e das características e imposições que isso representa.

O homem em geral é dependente do convívio para sua própria sobrevivência. Ele não vive sozinho, não consegue viver sem interação social. Mas para que o indivíduo interaja é

preciso, primeiramente, que ele se descubra. Descobrir-se. Desvendar suas particularidades, seus medos, vontades e anseios. Descobrir-se como ser único e global. Global no sentido de pertencer ao mundo, à rotina social e comunitária a qual pode disponibilizar no local onde vive.

Descobrir-se revela que existem diferenças. “[...] a diferença é considerada uma essência, que ignora e nega a situação histórica e cultural de sua construção” (SKLIAR, 2003: 135). As diferenças se acabam quando põem um fim nas deficiências. Mas a diferença não é um ponto de vista, mas sim uma distância (SKLIAR, 2003). Distância em referência ao que se tem de semelhante ou de diferente.<sup>9</sup>

Bhabha afirma que a diversidade “[...] supõe o reconhecimento de conteúdos e costumes preestabelecidos isentos de mistura e contaminação” (SKLIAR, 2003: 205). Ainda segundo Skliar, Bhabha articulou uma distinção significativa entre diversidade – que é centrada no outro - e diferença:

[...] Diversidade é utilizada geralmente em um discurso liberal que se refere à *importância* de sociedades plurais e democráticas e que junto com ela surge sempre uma *norma transparente*, construída e administrada pela sociedade que *hospeda*, que cria um falso consenso, uma falsa convivência, uma estrutura normativa que detém e contém a diferença cultural [...] (BHABHA apud SKLIAR, 2003: 137).

Ao iniciar esse trabalho, baseando-se nos Estudos Culturais<sup>10</sup>, necessito expor inicialmente que “[...] estudos culturais negam o Universalismo e permitem uma aproximação do sujeito nativo sem mitos e suposições já construídos acerca do sujeito surdo” (SKLIAR, 2005:51). É neste estudo que este presente trabalho se baseia e caminha segundo pensamentos e informações expostas nos mesmos. Ao negar o universalismo, Skliar aponta o fato da individualidade do ser surdo e suas próprias características que o fazem único dentro de uma sociedade, possuidor da marca identitária e cultural.

A sociedade é tão heterogênea quanto qualquer outra; senão mais. Visto a diversidade de culturas existentes na mesma. Diversidade cultural, multiculturalismo, que se mostra como

---

<sup>9</sup> Distância como o que me afasta do outro. É preciso lembrar que quando algo nos choca procuramos nos afastar para nos defender do que ‘achamos’ ser diferente. É nesse afastamento, nessa distância que vamos perceber o outro e tomar um ponto de vista sobre ele, posterior ao choque inicial.

<sup>10</sup> Estudos culturais são um campo de estudos na área da cultura e como esta é compreendida e observada. “[...] o problema dos Estudos Culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas [...].” (CULLER apud STROBEL, 2008: 18)

elemento formador de uma sociedade, a qual convive constantemente com essa variedade cultural e faz disso sua forma de mostrar-se ao mundo. Ou seja, a sociedade descobriu sua marca identitária: a pluralidade cultural<sup>11</sup>. “*Pluralidade pode referir-se, entretanto, a uma repetição e a uma multiplicação da mesmidade [...] e também pode significar – ao mesmo tempo? – uma pluralidade de si mesmo [...]*” (SKLIAR, 2003: 122).

Essa mesmidade pode ser interpretada como:

[...] comum-pertencer {NT: *Zusammengehörigkeit* traduzimos aqui por comum-pertencer. Com esta expressão, quer-se acentuar: a) que ser e pensar estão imbricados numa reciprocidade; b) que, através deste recíproco pertencer-se, fazem parte de uma unidade, da identidade, do mesmo.}<sup>12</sup>.

E esse comum pertencer se apresenta na diversidade da sociedade baiana a qual é abrangente visto a heterogeneidade presente na mesma. Cultura com muitas culturas dentro, aglutinadas, justapostas, aceitas, recriminadas. Diversidade existente em toda e qualquer parte do mundo, mas específica em cada pedaço de universo particular de cada ser.

A diversidade social brasileira é fato comprovado. E em se tratando dos surdos, isso também se apresenta. Cada estado tem suas próprias dificuldades e possibilidades, mas muitas delas são iguais a todos.

Esta pesquisa tem por base a necessidade de apontar a descoberta de si e do mundo de um indivíduo singular: o surdo. Ser humano como todos os outros, com suas igualdades e individualidades. Mas quem é o sujeito surdo na sociedade baiana? Quem é esse surdo? Como ele vive? Como se define? Revela-se? O que ele esconde ou mostra? Como ele fortalece sua identidade?

O surdo é o sujeito pertencente a uma comunidade que dispõe de uma cultura e uma língua, que, por vezes, são negadas ou oprimidas pela sociedade, mas voltada ao lado patológico que ao lado cultural e identitário do surdo. O ser surdo é um ser social dotado de um língua de sinais e de uma cultura, com valores, folclore e tradições (STROBEL, 2008). Cultura surda apreendida e aprendida no convívio, na educação (familiar, escolar ou em outro meio social), nas vivências e convivências com o outro.

---

<sup>11</sup> Pluralidade cultural é cruzada com a auto-identidade (STROBEL, 2008:17). Pluralidade no sentido da conceituação da diversidade cultural existente especificamente em Salvador, local de observação dessa dissertação. “[...] representa uma condição uma condição do modo de vida ocidental de fim de século: vivemos em uma sociedade multicultural.” (SKLIAR, 2003: 126)

<sup>12</sup> HEIDEGGER. Disponível em <http://www.filoinfo.bem-vindo.net/vocabulario/index.php?a=term&d=1&t=1429>. Acesso em 14 de jul. de 2008.

A definição de surdo vai muito além do que expõe o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei de LIBRAS - nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

Segundo o Decreto:

Art. 2º. Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.). (DECRETO nº. 5.626 de 22 de dezembro de 2005).<sup>13</sup>

Ou seja, o sujeito surdo interage com o mundo através do visual e manifesta sua cultura principalmente com o uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Ser surdo, nascer surdo, põe a pessoa numa situação extraordinária; deixa-a exposta a uma gama de possibilidades lingüísticas e [...] a uma gama de possibilidades intelectuais e culturais que o resto de nós, como falantes naturais [...] mal podemos começar a imaginar. (SACKS, 1990: 135)

Nesta gama de possibilidades citada por Sacks, a experiência visual para o ser surdo é tudo. Os olhos, segundo ditado popular, são os espelhos da alma. No caso específico dos surdos, o visual, poder-se-ia dizer que é a própria alma. É o visual que irá transparecer, observar, analisar, expressar o que o surdo deseja comunicar.

A imagem, para o surdo, é o elo com o mundo que o rodeia, intensamente necessária. Através da percepção visual compreende-se a habilidade do surdo em observar o mundo que o rodeia e assimilar o que isso representa, ou seja, imagens de um mundo feito, recebido e transmitido pelo olhar. Imagens que se desdobram em outras e estas em outras; levando a uma multiplicidade de percepções, de caminhos, de trajetórias.

A surdez é uma experiência visual [...] e isso significa que todos os mecanismos de processamento de informação, e de todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual. (SKLIAR, 2005:27)

---

<sup>13</sup> “Decreto que Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.” Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/index2.php?option=content&do\\_pdf=1&id=122&banco](http://portal.mec.gov.br/seesp/index2.php?option=content&do_pdf=1&id=122&banco). Acesso em: 10 de mar. de 2008.

Tal experiência é usada por mais de 185 milhões de pessoas, ou seja, 1,7% da população apresenta problemas relacionados à surdez. Dados do MEC mostram que, em 2003, 56.024 alunos surdos freqüentavam o ensino fundamental; e 2.041, o médio. Somente 3,6% do total de surdos matriculados conseguiram concluir a educação básica, o que comprova a exclusão escolar provocada pelas barreiras na comunicação entre alunos surdos e corpo docente. Segundo dados do IBGE, Censo de 2000, existem no Brasil 5,7 milhões de pessoas com problemas relacionados à surdez<sup>14</sup>.

Surdos não são iguais. Assim como ouvintes não são iguais. Por isso, temos a indagação: Quem é esse outro tão diferente e, ao mesmo tempo, tão próximo? Os surdos como povo, têm desafios peculiares. Desafios identitários, educacionais e sociais. É necessário o estabelecimento de uma identidade própria (e não de ouvinte) – uma identidade fortalecida - para que estejam livres para aprender, se mostrarem como indivíduos, a integrarem em um grupo, e facilitando a afirmação dos seus próprios valores.

A pergunta que podemos fazer é: o que seria do surdo baiano sem uma identidade? Seria uma lanterna apagada? Um robzinho ouvintizado com chip de on/off?

[...] a exclusão é um processo cultural que implica o estabelecimento de uma norma que proíbe a inclusão de indivíduos e de grupos em uma comunidade sociopolítica [...]. Um processo histórico através do qual a cultura, mediante o discurso de verdade, cria a interdição e a rejeita. (FLEURY apud SKLIAR, 2003: 91)

Coloca-se o surdo como produto social da exclusão, sem corpo, sem vontade e sem futuro. Futuro inalcançável pelo excesso de barreiras colocadas pela sociedade. “[...] *O surdo parece um fantoche no mundo. Precisa cortar as cordas, se libertar e entrar no mundo.*” (Mikael).<sup>15</sup>

Como sonhar se cortam as asas do surdo? É como se o surdo precisasse dizer: “*sou diferente de todo mundo e igual a todo mundo*” (HILLMAN, 2001: 153), a fim de conseguir atingir seus objetivos sem amarras.

A sociedade ouvinte, sendo assim, muitas vezes estigmatiza o surdo porque “[...] *nunca são o que alguém jamais deveria ser, e estão sendo para os outros aquilo que alguém jamais desejaria ser [...]*” (SKLIAR, 2003:12). Necessitando mudar esse tipo de pensamento

<sup>14</sup> Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm>. Acesso em 20 de novembro de 2007. Como não obtive retorno da SEC/IAT não há possibilidade de centrar os dados na cidade de Salvador.

<sup>15</sup> Nesta dissertação o uso de nomes de anjos como nomes fictícios entre parênteses em citações em itálico serve para diferenciar depoimentos preservando o anonimato dos entrevistados.

discriminatório que não aceita a cultura surda e, por conseguinte, a identidade surda, deve-se repensar o que já se conhece e tem-se por norma, por regra de convívio. É preciso restabelecer no que se baseia o processo de interação.

Quando se fala em surdos têm-se duas formas de ligação a um significado: o patológico e o cultural/identitário. Na sociedade, ainda prevalece o patológico em contextos sociais da vida do surdo, ou seja:

Inventamos a surdez, como inventamos a loucura, como inventamos a infância, nesse esforço desesperado pela identidade normal e justa. Assim, ao inventar a surdez, ficamos do lado da normalidade do ser ouvinte e, também, do lado da racionalidade, do lado do ser-adulto. (SKLIAR apud LOPES, 2004: 9)

O que é comprovado com o depoimento a seguir:

*Minha família pensava que eu era ouvinte até a idade de um ano e seis meses quando em uma festa no interior ficou desconfiada por eu não responder ao ter meu nome chamado. Depois de fazer muito treinamento fonoaudiológico e estudar em escola regular tive contato com a língua de sinais através de uma vizinha que sabia [...] (Daniel).*

O surdo como sujeito patológico é marcado, na sociedade, pela deficiência, pela falta de um dos sentidos fisiológicos do ser humano, ou o surdo, que se conhece e conhece seus direitos e ideais; fortalecido identitariamente e culturalmente. Membro de uma comunidade na qual se revela sujeito dotado de segurança e capacidade de mostrar o que deseja para si e para seus semelhantes. Surdo: sujeito que perturba a sociedade, provoca, instiga e que tem necessidade de mudança e de repensar sua vivência.

Surdo grafado com “s” maiúsculo para definir um membro de uma comunidade que luta por seus direitos e pela valorização da sua cultura. Surdos longe da visão patológica que demonstra deficiência e incapacidade. Ao colocar o surdo com a visão patológica se esquece das outras eficiências, das possibilidades individuais e coletivas do ser humano independentes do que possua de igual ou não perante outros indivíduos.

As palavras *Surdo* e *surdo* são ambas usadas em discussões de questões que dizem respeito profundamente às crianças e adultos surdos, embora cada uma tenha um significado diferente. O uso do termo *Surdo*, com letra maiúscula, agora é amplamente usado para se referir à categoria cultural de auto-identificação. O termo com letra minúscula refere-se ao simples fato da deficiência audiovisual e é diferente do processo de auto-identidade. Esta distinção "s/S" foi feita pela primeira vez em 1972, pelo sociolinguísta James Woodward, mas agora é amplamente compreendida e usada pela maioria dos escritores no campo. (WRIGLEY, 1996: 13)

Ou ainda:

[..] os termos *Surdo* e *surdo* representa somente parte da dinâmica de como as pessoas Surdas falam sobre si. As pessoas Surdas são tanto Surdas como surdas, e suas discussões, mesmo os argumentos sobre questões de identificação, mostram que estas duas categorias estão frequentemente interrelacionadas de maneiras complexas. (PADDEN et alli, 1988:5)

Neste trabalho a palavra surdo está grafada com “s” minúsculo, independente dos dois diferentes significados para fins de facilitação de entendimento e desenrolar desta pesquisa. Porém o significado não aponta o patológico, ao contrário, este trabalho foca a necessidade do surdo baiano se fortalecer e, assim, mostrar-se como sujeito, transformando-se assim em um sujeito surdo que possui cultura, língua e toda a possibilidade de impor-se e, por conseguinte, alcançar seus ideais.

*Aqui algumas pessoas surdas parecem que não querem, tem desprezo e não querem a identidade surda, ao contrário de alguns que aceitam a identidade surda. Os que não aceitam é porque querem ser como os ouvintes, como se estes fossem mais inteligentes que os surdos, ou seja, o ouvinte acima do surdo. Agora há surdos que estão começando a aceitar a identidade surda. (Ayel)*

Muito se foi observado na comunidade surda e na sociedade, não há formas de negar o que existe e se percebe. Assim como não há como negar que é preciso urgentemente de mudanças em vários sentidos para uma melhoria na vida do surdo baiano, seja ele morador da capital ou do interior.

Surdos são possuidores de uma cultura e língua marginalizada pela sociedade. São sujeitos que disponibilizam de uma língua de sinais, língua visual, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), grafada através da escrita de sinais - o sistema SignWriting<sup>16</sup>. Mas essa escrita se restringe às pessoas que a conhecem, ensinam ou aprendem-na. No contexto socioeducacional esta escrita não é usada pela sociedade, sendo ignorada, desprestigiada como se não tivesse finalidade comunicativa.

---

<sup>16</sup> SignWriting é um sistema de escrita da língua de sinais. SignWriting foi criado por Valerie Sutton em 1974. “A escrita da língua de sinais utiliza símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais. Este “alfabeto” - uma lista de símbolos visualmente delineados – é utilizado para escrever movimentos de qualquer língua de sinais no mundo.” No Brasil, “[...] a escrita da língua de sinais começou a receber atenção desde 1996. Os textos escritos na língua de sinais brasileira começaram a despertar o interesse de surdos e profissionais, pois representam o texto em línguas de sinais. Nesse sentido, a escrita apresenta possibilidades de expressar os recursos gramaticais desta língua, bem como suas modulações visuais-especiais incorporadas nos sinais e no discurso.” (STUMPF, 2007: 3-6)

O ser humano é caracterizado por ser *Homo sapiens*<sup>17</sup>, o homem que sabe que sabe; que sabe da importância da troca, do convívio, do outro e de sua importância na sociedade. Língua que está vinculada à cultura, relacionada como elemento divulgador das especificidades da vida de um grupo de pessoas. Afinal, aprende-se que cultura é o fazer humano passado de geração a geração através da linguagem. Uma língua está para a cultura assim como a identidade está para a interação humana e a evolução do pensamento.

O sujeito surdo é parte de um todo, mas esse todo possui ramificações que nos leva a inumeráveis probabilidades de inícios ou finais. A teia humana de trocas e relações varia dentro de um conjunto de acontecimentos que envolvem o ser e o estar, o ter e o dividir, o querer e o poder. Entre o ser e o não ser.

A teia das relações humanas evidentemente só existe com a rotina Eu-Outro, mas...

[...] esse outro com o qual todos nós e cada um de nós, hoje e sempre, nos encontramos porque está entre nós [...] se o outro não estivesse aí, não haveria palavra, não haveria relação, não haveria vida humana [...] (PÉREZ DE LARA apud SKLIAR, 2003:20).

É preciso que a sociedade veja o surdo como sujeito possuidor de uma cultura visuoespacial e não necessitado. Como se precisasse desesperadamente de algo que falta fisicamente. O que falta ao surdo é apoio ao seu desenvolvimento e crescimento pessoal, educacional, profissional e social. Descaracterizam-se as possibilidades do surdo, pondo em prática a visão patológica. Isto é percebido no precário apoio recebido pelo surdo baiano.

Em uma sociedade que se baseia em jogos de poder, entre dominar e ser dominado, a diferença é muito grande e vale o poderio de um povo e de uma cultura e identificar-se com o outro gera um crescimento social, individual e político.

Não existem atalhos na vida, cada ser tem suas dificuldades e diferenças, suas possibilidades e potencialidades de alcançar o que deseja ou o que quer que seja. “*O indivíduo traz em si um potencial de vida capaz de projetá-lo em múltiplas possibilidades de realização e singularidade.*” (GÓIS, 1995: 46).

Singularidade que aponta suas marcas identitárias geradas pelas escolhas e pelas potencialidades que a vida oferece ao ser e, dentre as quais, ele seleciona o que mais lhe interessa em presença de suas aspirações.

---

<sup>17</sup> Os seres humanos podem ser divididos, na linha de evolução, em espécies, sendo uma delas a atual, *Homo sapiens* (do latim para homem sábio, homem racional); aquele que dispõe e sabe utilizar a mente e a todas as possibilidades que esta pode apresentar.

[...] para a maioria dos ouvintes a surdez representa uma perda da comunicação, um protótipo de auto-exclusão, de solidão, de silêncio, obscuridade e isolamento. Em nome dessas representações, construídas quase sempre a partir da religiosidade, foram e continuam sendo praticadas as mais inconcebíveis formas de controle: a violenta obsessão por fazê-los falar; a localização na oralidade do eixo único e essencial do projeto pedagógico; a tendência de preparar os surdos jovens e adultos como mão-de-obra barata; a formação paramédica e religiosa dos professores; a proibição de utilizar a língua de sinais na escolaridade comum; pelo desmembramento, a dissociação. A separação, a fratura comunitária entre crianças e adultos surdos etc. (SKLIAR, 2003: 162)

Cita-se as palavras de Lane para descrever que somente o surdo sabe o que realmente é: “[...] só podia saber o que significa ser surdo a partir do exterior, através de construções mentais e da penetração por empatia; não poderia sabê-lo a partir do interior.” (LANE, 1992: 13). Assim como se percebe em: “Falta muita coisa porque a sociedade não conhece a cultura surda. Falta começar a conhecer” (Ariel).

“Cresci e me olhava. Perguntava quem eu era e não sabia. Eu assimilava a informação do ouvinte e pensava que era igual a mim. O tempo passou, eu me descobri surdo, mas não sei como [...]” (Ariel). Só após contato exterior o surdo se descobre surdo. É preciso de um igual para que se perceba o que se é na verdade. Pensamento de que se é como o ouvinte, como um exterior diferente, uma assimilação de mundo diferente.

Assim, “o que falta é influência, conhecimento [...]” (Acaiah). Muitos dos depoimentos mostram a diversidade de influências e situações em que as identidades são percebidas, criadas e vivenciadas. Ou ainda: “poucos aqui conhecem a cultura e identidade surda. Os surdos baianos não sabem o que é identidade e cultura surda. No interior é pior porque está mais atrasado, precisa de estímulo e língua de sinais [...]”. (Gabriel)

O ouvinte não sabe como o surdo sente, como é interiormente. Por mais que ele contribua, auxilie, se una ao surdo na busca por melhorias, o ouvinte não ‘sente na pele’ o que é ser surdo. É preciso, por isso, que o surdo sinalize, mostre e seja parte do processo de e próprio empoderamento. Afinal, para ser ajudado, é preciso ajudar no trilhar, no construir de uma jornada rumo ao empoderamento do sujeito surdo.

O sujeito surdo possui a diversidade cultural que vivencia. Um sujeito possuidor de suas próprias marcas culturais que luta para fortalecer sua identidade dentro de uma sociedade que manipula e mascara a cultura surda. O surdo, enquanto cidadão é um ser, um sujeito singular participante de uma sociedade plural. É preciso deixar o surdo ser quem é, e, assim, se descobrir.

## 4.1 - O MUNDO DO SURDO

“O mundo também nos molda, nos nutre e nos educa.”

Hillman

O que vem a ser o mundo do surdo? Um hemisfério à parte? Algo separando do mundo do ouvinte? O mundo do surdo nada mais é que o ‘habitat’, as regras com valores que a comunidade surda implica/impõe. Regras e valores que distinguem e facilitam a vida do surdo.

O mundo surdo [...] é formado em parte pela exclusão (do mundo auditivo) e em parte pela formação de uma comunidade [...]. Na medida em que formam um mundo surdo [...] para si mesmos, sentem-se à vontade nele, apreciam-no, encaram-no como um refúgio e um pára-choque. Sob esse aspecto, o mundo surdo sente-se auto-suficiente, não isolado [...] preza sua própria linguagem e imagens, quer protegê-las. (SACKS, 1990:146)

Dentro da sociedade ouvinte, o surdo de Salvador sofre de anomia, ou seja, uma ausência de organização; “[...] a questão política não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou a ideológica; é a própria verdade” (FOUCAULT apud COSTA, 2007: 13). Essa verdade – mascarada por decerto – leva ao enfraquecimento das normas sociais de um povo ou grupo social, enfraquecendo a integração desses indivíduos, deixando-os sem saber como agir, diminuindo quase por total sua consciência e identidade.

É preciso definir e diferenciar comunidade surda de povo surdo. Comunidade surda é o conjunto de surdos e ouvintes que vivenciam um cotidiano, interagindo entre si e com o mundo. Povo surdo é o conjunto de surdos que utilizam, valorizam e expõem a língua de sinais e a cultura surda, que tem as mesmas tradições, história e interesses em comum (STROBEL, 2008).

Na comunidade surda soteropolitana não há uma interação fortalecida entre os próprios surdos. Embora vivam em grupos, não há, por muitas vezes, espontaneamente trocas sociais que beneficiariam o desenvolvimento dos mesmos. Assim quando se pergunta se a comunidade surda é unida, como está no questionário, tem-se respostas como: “É muito difusa, os surdos conhecem-se pouco um ao outro. Necessitamos mais entrosamento.” (Miguel); “Separados, é óbvio.” (Reyel); “Tem momento em que são separados e outro, não.” (Menadel)

Um grupo visto os depoimentos acima muitas vezes não é ‘bem-vindo’ no interior de outro grupo; são as chamadas ‘panelas’, as quais são amplamente percebíveis na comunidade surda baiana.

*O desenvolvimento do surdo baiano é difícil, muito difícil. A mobilização aqui é fraca. Surdo se desenvolver? Sinceramente, não sei. No futuro, o surdo se desenvolver... Acho que não. É difícil. A mobilização na Bahia é fraca... Desenvolver? Não sei. As pessoas precisam combinar e lutar junto. Aqui em Salvador os surdos se dividem em grupos separados, isso torna a comunidade surda enfraquecida. É preciso um grupo só, unido. E só se percebe grupos separados, infelizmente. (Sitael)*

Essa separação da comunidade surda proporciona ao surdo uma sensação de vazio de significado no cotidiano de muitos indivíduos. Considera-se então a necessidade de uma reflexão sobre os valores vivenciados no mundo dos surdos. Valores que mudam de pessoa para pessoa, de tempo em tempo, dentro do campo necessário/requisitado pelo surdo.

Mudanças tão intensas podem vir a ser acarretadas pela velocidade que também conta dentro da diversidade. Uma vez que a rotatividade e volubilidade do mundo interferem no conhecimento, na descoberta da abertura de pensamento, na mudança de valores, nas necessidades básicas do ser humano. “*Todo problema humano deve ser considerado a partir do ponto de vista do tempo*” (FANON apud SKLIAR, 2003: 39). Assim como Skliar completa o pensamento de Fanon ao se referir que a relação tempo-homem não é única:

*Não existe nada humano fora do tempo e não existe nenhum tempo fora do humano. Entretanto: existe um único tempo dentro do humano e um único humano dentro do tempo? Com certeza, não. (SKLIAR, 2003: 39)*

O tempo é fator fundamental na construção da versatilidade das identidades presentes no mundo do surdo, uma vez que ele é quem coordena a aproximação de indivíduos, a troca de saberes e marcas culturais e o processo de adaptação do sujeito surdo a essa realidade. Mas para essa troca acontecer é necessário espaço para melhorias.

*Convivo mais com Surdos. E os encontro no Iguatemi, no CESBA, na igreja e vários lugares. O que sinto falta aqui em Salvador para ajudar a melhorar a vida do surdo são escolas, associações, locais de encontro e divulgação da cultura surda. Só Cesba e a Apada<sup>18</sup> (pouca movimentação) que tem em Salvador que pode ajudar a vida do surdo. (Miguel)*

---

<sup>18</sup> APADA: Associação dos pais e amigos dos deficientes da audição. Foi fundada em Salvador por pais de surdos diante da necessidade de desenvolvimento para seus filhos. A APADA-BA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do Estado da Bahia) possui atendimento com psicopedagogia, fonoaudiologia e psicologia e encaminhamento ao mercado de trabalho, através de ações sociais de apoio e incentivo à inserção do indivíduo surdo na sociedade. Conta também com o auxílio de uma escola

O surdo soteropolitano precisa de um espaço que apresente seus valores e idéias, representando mais verdadeiramente quem ele é e quais as realidades sociais e ambientais percebíveis no cotidiano.

Tem-se assim um acoplamento estrutural visto que o corpo, o social - relação com o outro -, o ambiente e o espiritual estão presentes nessa coletividade e na questão do ser, do si mesmo e do outro. E isso interfere na construção do mundo. Mas como isso acontece? Como foi criado? Cria-se um mundo a partir das semelhanças existentes entre pessoas. Semelhanças de valores, ideais, vontades e perspectivas.

Um mundo no qual há uma língua, a língua de sinais, em comum e usada pelos participantes deste mundo. A língua de sinais é fator de união, comunicação, e, acima de tudo, identificação. A língua de sinais é “[...] *um direito dos surdos e não uma concessão de alguns professores ou de algumas escolas.*” (SKLIAR, 2005:27). É a língua de sinais que dá ao surdo seu direito à inserção e interação à sociedade e, antes desta, à comunidade surda. Língua de sinais como elo do surdo com o que o rodeia; língua que não pode ser chamada de monolítica pelo fato de que muitos surdos são bilíngües e dispõem de duas línguas para comunicação.

É o mundo do surdo que facilitará essa interação visando uma melhoria na sociabilidade do surdo. É a possibilidade e o direito de se desenvolverem “[...] *numa comunidade de pares, e de construírem estratégias de identificação no marco de um processo sócio-histórico não fragmentado, nem cercado*”. (SKLIAR, 2005:27)

O mundo do surdo se difere do mundo do ouvinte pela característica fundamental da percepção sensorial. O surdo de Salvador, e não somente ele, usa a percepção visuoespacial, o ouvinte, a acústica. A sociedade ouvinte, porém, coloca como diferenciação a exposição de que um mundo teria mais valor do que o outro. Para a sociedade ouvinte, o mundo do surdo seria, assim, inferiorizado, diante da supremacia ouvinista e suas imposições.

[...] *cisão da vida em dois mundos: um valorizado, mundo “verdadeiro”, o outro, desvalorizado; mundo “falso” ou “ilusório”, “além” [...] ilusão constante da vida em dois mundos separados seria uma expressão do desejo da ordem.* (BEARDSWORTH, 2003:26)

A sociedade não reconhecadora do mundo do surdo irá desvalorizar a construção deste, uma vez que para ela, somente um mundo é aceito como certo. É imprescindível ser o

---

municipal de ensino fundamental que funciona em suas instalações onde os professores, além do currículo tradicional, ensinam LIBRAS. Disponível em: [http://www.rborl.org.br/conteudo/acervo/print\\_acervo.asp?id=3319](http://www.rborl.org.br/conteudo/acervo/print_acervo.asp?id=3319). Acesso em: 24 de mar. de 2008.

que se é, mas para isso “*precisamos, antes de tudo, libertar a consciência do povo. Ela vem sendo escravizada por idéias e valores antipopulares, introjetados pelos colonizadores.*” (BOFF, 1998: 18)

Pode-se assim dizer que “*não existe a célula sozinha. Ela é parte de um tecido, que é parte de um órgão [...]*” (BOFF, 1998: 73). Ou seja, o surdo de Salvador convive com outros surdos formando uma comunidade e essa comunidade se relaciona intrinsecamente com a sociedade. Volta-se então para a mesma pergunta: se a sociedade reconhece a existência da comunidade surda porque muitas vezes a renega?

A resposta é condizente a pergunta. A sociedade ouvinte nega ou oprime a comunidade surda, o mundo do surdo por causa da dicotomia do ouvinte como dominador e o surdo, dominado. Centra-se assim na ênfase das diferenças e não as semelhanças. O que distancia cada vez mais os grupos.

Na pesquisa realizada, um dos surdos entrevistados sinalizou uma excelente metáfora. Nesta, o entrevistado em questão apontou a realidade vivida na sociedade a partir da percepção do surdo.

*Dois mundos. Esse [o ouvinte] tem vontade e interesse em aprender, bate na porta do mundo dos surdos, a porta abre. O surdo com dificuldade de comunicação gesticula, escreve. O surdo ensina a língua de sinais ao ouvinte e este se transforma, divulgando as coisas no mundo do ouvinte. O surdo quer experimentar e vai ao mundo do ouvinte, bate na porta... O ouvinte abre a porta, olha o surdo e fecha a porta na cara deste. O surdo se decepciona porque antes ajudou o ouvinte e de nada adiantou. Por isso há diferença. (Mikael)*

O depoimento de Mikael, revela fatos que acontecem não somente na sociedade baiana, mas também em muitos outros lugares. O ouvinte, bem recebido no mundo dos surdos, pode, futuramente, virar-lhe as costas como se dissesse ‘o surdo nada faz, então eu irei fazer’. E nesse ‘fazer’ consta ser professor de surdos, instrutor de língua de sinais... Muitos surdos reclamam disso, mas não se mexem em busca de competir ou retomar o seu lugar.

Deve-se atentar ao fato de que mesmo sendo recebido amigavelmente, o ouvinte não é um surdo; ou seja, ele tem contato, convive com essa comunidade, mas não dispõe dos mesmos fatores culturais. Colocar, construir um muro em volta do mundo do surdo de nada adiantará. Não será a oposição mundo do surdo versus mundo ouvinte que ajudará o desenvolvimento do surdo dentro da sociedade.

Em Salvador, o mundo do surdo, sua cultura, valores, sua língua ainda engatinham em busca da liberdade de expressar-se ao mundo e da valorização enquanto fonte de sustentação e vida do surdo.

#### 4.1.1 – COMUNIDADES SURDAS

"Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada. Felicidade nunca diminui ao ser compartilhada."

Buda

Já foi dito anteriormente que um sujeito surdo sozinho não existe; é através da comunidade surda que ele terá a sensação de ser 'alguém', parte do mundo e possuidor de uma história. A comunidade surda é o lugar que permite ao surdo:

(...) sair do lugar do diferente do excluído, do estranho, do estrangeiro, para o de 'pertencimento', um lugar em que se encontram como iguais, sentem-se entendidos e efetivamente conseguem estabelecer uma relação de troca. Encontram finalmente uma família e uma filiação. (DALCIN in QUADROS, 2006: 210)

É nessa comunidade que o outro encontrará semelhantes dispondo assim de motivação para descobrir-se, conhecer-se e desenvolver a si e à comunidade em que se situa. O sujeito surdo pode até ser dominado, mas votará ao seu habitat natural sempre que houver possibilidade.

O outro na representação do tempo linear é um outro que espera a consciência do eu mesmo. Não existe fora de seu domínio [...] O outro na representação do tempo circular é um outro que já não espera, que volta insistentemente, mas para ocupar sempre o mesmo lugar. (SKLIAR, 2003: 56)

É nessa comunidade que o surdo encontrará um lugar seguro, compartilhado com outros sujeitos surdos códigos semelhantes e um estabelecimento de fronteiras – entre o mundo ouvinte e o mundo surdo. Precisa-se lembrar que não é somente o surdo que é participante de tal comunidade, ouvintes fluentes em língua de sinais ou familiares ou ainda os que participam convivendo com surdos também fazem parte da comunidade surda. Ou seja a comunidade surda possui uma:

[...] consistência culturalmente interna implica que toda comunidade seja harmônica, equilibrada, auto-suficiente e auto-satisfatória: as diferenças são

absolutas, plenas e as identidades se constituem como únicos referentes [...].  
(SKLIAR, 2003: 135)

Ainda hoje se discute se há ou não uma comunidade surda, apesar de todas as amostras dadas pela mesma para a sociedade majoritária. Em Salvador a comunidade surda é dividida em grupos, assim como em qualquer estado brasileiro, visto a aproximação e semelhança mais restrita de uns com outros. São as chamadas ‘panelas’, nas quais se identificam semelhanças e/ou diferenças entre os sujeitos surdos.

É preciso, entretanto, que tal sociedade tenha uma visão ampla das diferenças culturais e faça uma leitura multicultural dos acontecimentos existentes ao seu redor. A visão monocultural, toma a cultura surda como um desvio, um “*espaço limitado onde se produzem atividades irrelevantes*” (SKLIAR, 2005: 28)

A potencialidade de reconstrução histórica dos surdos sobre a sua educação e sua escolarização é [...] um ponto de partida para uma reconstrução política [...] e para que participem, com consciência, das lutas dos movimentos sociais surdos pelo direito à língua de sinais, pelo direito a uma educação que abandone os seus mecanismos perversos de exclusão, e por um exercício pleno da cidadania. (SKLIAR, 2005: 29)

Em Salvador, a sociedade aponta a comunidade surda como uma minoria, lingüística e cultural, uma vez que grande parte desta mesma sociedade desconhece a cultura surda e a língua de sinais. “*As pessoas ouvintes ao serviço de crianças e adultos surdos têm permanecido em silêncio acerca da principal divergência entre o seu ponto de vista sobre a surdez e o dos surdos a quem dizem servir*” (LANE, 1992: 12). Isso demonstra o desprestígio dado à comunidade surda. Skliar (2005: 22) expõe essa situação ao falar que:

É bastante comum definir a comunidade surda como uma minoria lingüística, baseando-se no fato de que a língua de sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários, os quais [...] vivem uma situação de desvantagem social [...] e participam, limitadamente, na vida da sociedade majoritária. (SKLIAR, 2005:22)

A comunidade surda, dentro desta ótica, terá sua cultura rejeitada por causa da visão monolítica cultural. Como se só houvesse uma cultura para toda a sociedade. Fato impossível de ser aceito e altamente fantasioso. Uma sociedade nunca disponibilizará somente uma cultura, visto a diversidade de indivíduos. Além disso, uma visão monocultural da sociedade é impossível. Na sociedade essa diversidade é fato inegável, tornando evidente a pluralidade cultural.

É comum afirmar que as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras são “fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”. (BAUMAN, 2005:17)

Observando o que foi citado por Bauman leva-se em consideração que a vida faz o surdo baiano pertencer a uma sociedade, mas o destino interfere e dá a chance deste mesmo surdo pertencer à comunidade surda. Necessidade de repensar a alteridade em função da liberdade de ser ter uma identidade cultural e social.

Para que a comunidade surda seja aceita e reconhecida pela sociedade é necessário que tal comunidade se mostre como elemento fortalecedor do surdo baiano. A comunidade surda terá papel ativo para diminuir e, assim, excluir a negação da identidade e cultura surda. Entre o negar o que se é e o fortalecer do sujeito surdo baiano há muitos caminhos ainda a serem trilhados.

As trocas sociais produzidas pela comunidade surda produzem redes de interações; as quais se multiplicam na interação consigo mesmo, com o meio, com o outro e com o produto de toda troca produzida por essa comunidade. Comunidade surda vem a ser construída pela cultura surda, juntamente a costumes, hábitos, valores, língua, contextos e ações observáveis na vivência do surdo.

Os seres vivos estão sempre buscando interações com o meio ambiente e vice-versa. O que é vivo ainda é uma fronteira aberta, polivalente e alternável de acordo com condutas coordenadoras de atos de cada sujeito surdo.

A comunidade surda é um grupo interligado, restrito, com normas próprias de vida transmitidas por surdos a surdos. É um grupo ativo, vivo, com sede inesgotável de comunicar-se, de sinalizar mostrando que possui herança cultural, acervo cultural e obtém uma melhor forma de exposição e ligação com o surdo através das associações de surdo as quais representam o vínculo social do sujeito surdo.

No caso da comunidade surda soteropolitana, o acervo cultural é representante de uma comunidade ofuscada, estigmatizada e oprimida. Comunidade surda que possui uma associação de surdos sem apoio estrutural fortalecido. Associação de surdos que precisa de apoio social para se fortalecer e, por conseguinte, auxiliar o desenvolvimento identitário e social do surdo.

O CESBA (Centro de Surdos da Bahia) fundado oficialmente – apesar de já haver anteriormente reuniões com os futuros sócios e fundadores – em dois de julho de mil

novecientos e setenta e nove. Possuía inicialmente como ideal, promover o convívio da comunidade surda baiana, eventos esportivos e festividades. É uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com a finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional que tem como objetivo a defesa e a luta dos direitos da comunidade surda brasileira. É filiada a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração Surda), LINEDS (Liga Nordestina Desportiva de Surdos), CBDS (Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos), MISNES (Miss Nordestina de Surdos); e suas atividades foram reconhecidas como utilidade pública municipal e estadual<sup>19</sup>.

Como declara Gabriel, surdo e um dos fundadores do CESBA:

*Eu ajudei a fundar o CESBA. Por que CESBA? CESBA é centro e pode várias coisas, exemplo: associação, escola, trabalho, esporte e passeios. Antes a associação era só para esporte e passear. O centro tem várias coisas diferentes, por isso colocamos o nome de CESBA [...]. Também antes o CESBA já tinha vínculos com várias empresas, governo, para colocar o surdo para trabalhar. Primeira associação do Brasil com vínculos foi o CESBA. Eu fui ao Rio de Janeiro e a FENEIS<sup>20</sup> copiou o modelo, também Goiás [...] copiou e começou trabalho para surdos. Mas o primeiro do Brasil foi aqui, a associação de Salvador, CESBA, o primeiro. (Gabriel).<sup>21</sup>*

Ora, se a primeira associação do Brasil com vínculos empregatícios e apoio governamental foi o CESBA, porque atualmente o CESBA parece perder a força? Apoio que diminuiu com a criação da APADA de Salvador, afastamento de surdos e a falta de reconhecimento da sociedade. Parece impossível, mas estes jogos de poder existentes na sociedade de Salvador levam a um enfraquecimento do empoderamento do surdo baiano. É o que se observa na entrevista com Gabriel:

*Como a sociedade vê o CESBA? Tem dois lados. O CESBA é próprio do surdo e negocia. Fora um pai fundou a APADA. Antes em Salvador não tinha APADA. Pai e mãe dentro do CESBA, junto, interagindo. Como teve problema, briga, discussão, pai e mãe largaram o CESBA e abriu a APADA. A APADA cresceu, o CESBA diminuiu, difícil porque o surdo oralizado contato com o governo não tem. A sociedade ajuda, mas faltam coisas, é por isso. (Gabriel)*

Observa-se então que o reconhecimento não é totalitário. E grande parte da sociedade e muitos dos próprios surdos desconhecem a finalidade do CESBA, enquanto elemento

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.cesba.com.br/cesba.php>. Acesso em 14 de julho de 2008.

<sup>20</sup> FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

<sup>21</sup> Goiás – refere-se à associação de surdos de Goiás

facilitador e propagador do desenvolvimento social e cultural do surdo baiano. Assim, tem-se que:

*O surdo vê o CESBA como algo importante para ele, onde ele tem contato com a língua de sinais. De manhã até de noite o surdo frequenta o CESBA porque é lugar de contato com a língua de sinais. Também lugar de identidade, contato e cultura é o CESBA. (Gabriel)*

No depoimento de Gabriel nota-se o que parte de como o surdo baiano vê o associação. Outra parte dos surdos não frequenta tal associação por já terem observado algo que não agradou. Na impossibilidade de agradar gregos e troianos<sup>22</sup>, o CESBA continua como está; sem mudanças e sem o principal, o apoio dos muitos surdos de Salvador. Como desenvolver o surdo, empoderá-lo, se ele mesmo não auxilia aqueles que dele necessitam? Como melhorar a associação que representa a comunidade surda baiana se os braços cruzados são muitos?

É muito fácil reclamar, mas é complicado olhar para os lados e perceber que todos é parte do todo. E para mover esse todo não adianta somente dois braços precisa da comunidade surda, especificamente do povo surdo. E a comunidade surda não possui somente dois braços, segundo IBGE há, aproximadamente, 477.270 surdos baianos<sup>23</sup>, mas aparentemente muitos destes braços estão cruzados.

## 4.2 - CULTURA

“Uma águia nunca voa só.”

Leonardo Boff

Desde sempre ser humano foi considerado um ser cultural por viver em sociedade e ter a necessidade de conviver. E nesse conviver instaura-se as trocas sociais de hábitos, costumes e informações. Cultura é a melhor forma de apresentar a sociabilidade do indivíduo, sendo ele surdo ou não; pois este sujeito é ser possuidor de características próprias dos atos sociais.

<sup>22</sup> Ditado que se refere à Guerra de Tróia, onde os gregos guerreavam com troianos. Significa que é impossível agradar os dois lados opostos ao mesmo tempo.

<sup>23</sup> Terceiro estado com maior número de surdos no Brasil, Bahia ainda engatinha para atender a todos. Tudo o que o surdo precisa para se desenvolver ainda é majoritariamente negado. Fonte: <http://www.celsobadin.com/surdo/estatisticas/> e <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm> em

Cultura como jeito de ser, ver, ter explicar, compreender e interpretar o que se vive, como se vive e para que se vive.

Como define Hall, cultura “*tem a ver com a produção e o intercâmbio de significados – o de ‘ dar e receber significados’ – entre os membros de uma sociedade ou grupo*” (HALL apud SILVA, 2007: 16). Produção de significados que levam à descoberta do ser surdo, da identidade e do empoderamento cultural.

No caso deste trabalho, toma-se especificamente a cultura surda como ponto central de estudo, por ela ser o pilar da descoberta da identidade. A cultura tem assim um sentido de um emaranhado de significação, ou seja, “[...] *se cultura significa alguma coisa, deve ser a união do indivíduo ao tecido social*”. (HILLMAN, 2001: 181)

Cultura pode ter diversos significados produzidos e reproduzidos através de várias práticas, fenômenos e atividades que servem como sistemas de significação. Cada um deles depende do que se espera esclarecer, elucidar ou exemplificar.

Cultura – conjunto de valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história. A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem. (ROSENTAL & IUDIN apud SODRÉ, 2003: 3)

Cultura como transportadora de características culturais e de suas experiências. A definição de cultura pode mostrar diversas faces para diversos teóricos. Transportando, de um sujeito surdo para outro, significações, influências, atitudes e estímulos, ou não, que podem modificar tal sujeito. Por proporcionar habilidades ao sujeito surdo no seu constituir identitário.

Skliar cita Stuart Hall (2003: 60) ao se referir à cultura como:

[...] se refere a seu lugar na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular. Por sentido epistemológico entende a posição da cultura em relação às questões de conhecimento e de conceitualização, de como a *cultura* é utilizada para transformar nossa compreensão, explicação e os modelos teóricos do mundo.

É necessário que se perceba os limites, se é que há limites, entre territórios culturais. A transposição desses limites gera conflitos inter/intraculturais (Skliar, 2003); visto que as diferenças entre culturas são percebíveis e muitas vezes fazem existir choques entre territórios. Mas há o outro lado disso. Assim como há choques culturais, existem também a

concordância da existência dessas diferenças e o convívio natural e/ou participativo de uma cultura na outra. Ou seja, há uma reinscrição de culturas:

Os territórios culturais tornam-se cada vez mais tênues na medida em que os *outros* já não estão, mais além daquela reinscrição ou reiteração, serão da própria modalidade e nos efeitos daquela reinscrição. (SKLIAR, 2003: 51)

Dentro desse contexto, observa-se o lado político da cultura. Esta passa a ser nacional quando se refere a uma nação, forma generalizada, de mostrar a cultura de um lugar específico. Contudo, um único país não contém uma única forma de cultura, existe, inegavelmente, a grande diversidade cultural em cada país. Como podemos citar o Brasil. A cultura brasileira possui muitas culturas. Cada uma com sua marca, sua ‘impressão digital’ que a caracteriza, a constrói e a solidifica.

Ocorre então um hibridismo<sup>24</sup> (Skliar, 2003) que coloca sua temporalidade e suas identificações em um momento fixo, mas maleável diante da multiplicidade de possibilidades. Ter-se-ia um conflito cultural, como já dito acima, se não houvesse o entendimento de que essa diversidade cultural é marca de uma sociedade heterogênea.

Em se tratando de Salvador, essa heterogeneidade é visível. É marca registrada de um dos estados mais populosos do Brasil. Impossível não ver a mistura cultural na qual a sociedade é moldada.

Cultura que se diferencia por características peculiares onde se insinuam, situam e se desenvolvem. Histórias específicas do desenrolar de uma comunidade singular.

Assim a *cultura*, geralmente entendida como sinônimo de *cultura nacional*, pode ser mais bem compreendida como uma *cultura transnacional*, porque os discursos sobre ela estão arraigados em histórias específicas de deslocamento culturais [...]. (SKLIAR, 2003: 60)

Uma cultura nasce, surge, defronte às diversidades impostas pela convivência e pelas necessidades percebidas no meio em que existe. “*Toda cultura se institui pela imposição unilateral de alguma política da língua. A dominação, é sabido, começa pelo poder de nomear, de impor [...]*” (DERRIDA apud SKLIAR, 2003: 109).

Diante das mesmas marcas identitárias, nasce uma cultura. Esta será vivida e desenvolvida por um grupo de pessoas, sujeitos culturais dotados da capacidade de

---

<sup>24</sup> Hibridismo consiste em uma mistura, neste caso, de culturas. O indivíduo parece fundamentado em culturas diferentes, manifestando-se ora em uma ora em outra; poderia ser relacionado a uma migração cultural determinada pelo tempo e pela necessidade de tal indivíduo.

socialização e da possibilidade de escolhas e decisões sobre o que pode ou não conter tal cultura nascente. Ter-se-ia assim uma cultura que envolve os sujeitos em questão; uma cultura que circula, que flui, que se propaga em busca do crescimento e engajamento social do ser.

#### 4.2.1 – CULTURA SURDA

“A grande lei da cultura é esta: deixar que cada um se torne tudo aquilo para que foi criado capaz de ser.”

Thomas Carlyle

A cultura surda é uma cultura viva, sinalizante, visual. É uma cultura que não tem medo de mostrar a possibilidade de o surdo ser um sujeito único, pertencente a uma comunidade. É saber que não se está sozinho, afinal:

Mas não se trata somente de reconhecerem a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e de se relacionar. (STROBEL, 2008:11)

O sujeito surdo compreende-se pela cultura. É a riqueza dessa cultura, a plenitude de costumes transmitidos que fará com que o surdo interaja com a sociedade. Não numa apropriação de elementos culturais, mas sim numa tradução e receptividade à sua própria cultura.

[...] a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. [...] a existência da comunidade e da cultura surda constitui tanto um problema de representações pessoais quanto de experiências e oportunidades de “liberdade”. (SKLIAR, 2005: 28)

Cultura surda - *“Jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar, de transformar o mundo de modo a torná-lo habitável.”* (PERLIN apud STROBEL, 2008: 21) - pode ser considerada um conjunto de saberes, de vivências, de trocas sociais as quais os surdos utilizam em seu contexto diário e que facilita, revela seu mundo natural e a influência da sociedade na qual a comunidade surda se revela. Poder-se-ia falar de inatismo? Uma cultura inata, própria do surdo ou uma cultura adquirida, aprendida pela troca social de um

surdo com outro dentro da comunidade surda? Inata ou não, deve-se atentar ao fato de que a cultura, seja lá qual for nunca está completa, presa e a cultura surda é constituída ao longo das trocas sociais, podendo ser modificada, acrescentada ou restringida.

Mesmo com estereótipos, advindos da cultura ouvinte, dominante e que impõe o desprestígio, a cultura surda tenta se manter ereta diante das dificuldades. Esses estigmas são gerados pela falta de conhecimento e contato com a comunidade e cultura surdas.

Cultura como forma de ser, de ver; como uma ferramenta de mudança, de percepção e de construção. Cultura, dentro desta perspectiva, pode ser definida:

Como um campo de forças subjetivas que se expressa através da linguagem, dos juízos de valor, da arte, das motivações etc., gerando a ordem do grupo, com seus códigos próprios, suas formas de organização, de solidariedade [...]. (SÁ, 2006: 110)

Novamente tem-se o fundamental: a visualidade. A cultura visual que detém uma imagem não como cópia propriamente dita do real, mas sim como constituinte de uma atividade, de uma captura de um elemento significativo. Imagens como elementos vindos da percepção visual e que concebem alguma função dentro de um contexto; representam a realidade visível, palpável ou não. São as imagens que ficam na memória, que constroem a cultura surda e intervêm na descoberta da identidade.

As imagens têm uma função constitutiva (constituir a unidade mental ao juntar a diversidade) ou uma função ilustrativa (manter a atenção ligando os elementos unificados por conceitos). (BILLOUET, 2003: 22-3)

A cultura surda tem marca própria e múltiplas identidades que a determina e a quem essa cultura pertence. “[...] *A identidade de cada cultura – o que significa dizer: a identidade de cada um dos indivíduos entendidos como inscritos nessa cultura – é compreendida como uma essência que deve permanecer única e inalterada*” (SKLIAR, 2003: 136).

Uma identidade cultural permanece supostamente inflexível diante das influências externas e internas de outras culturas. A ‘raiz’ cultural permanece a mesma, porém o ‘tronco’ dessa árvore pode sofrer alterações. Se houver mudanças nessa raiz, a cultura tornar-se-á outra cultura e não mais a mesma que representava. Assim:

Cada cultura [...] se supõe não só totalizada, como também estar a salvo de toda intertextualidade, protegida por uma memória mítica e por uma identidade estável. (SKLIAR, 2003: 136)

A cultura surda não é de todo aceita na sociedade. Negar uma cultura é parte da criação de obstáculos a integridade da identidade surda. Retira do indivíduo particularidades que este possui, oprimindo este indivíduo ao impor outra língua e cultura (SKLIAR, 2003). Reconhecer a cultura surda não é fácil nem mesmo para as pessoas mais próximas do surdo – como a família, por exemplo -, visto que estas possuem cultura distinta e não precisam mudar sua forma de ver o mundo.

Aparentemente, a sociedade coloca a diferença como somente aceitável na foto comemorativa. É como se falasse que só é ‘bonitinho’ na foto, só é lembrado no seu dia. É fácil lembrar um dia – vinte e seis de setembro, Dia do Surdo<sup>25</sup> - e esquecer dos outros trezentos e sessenta e quatro dias. É preciso antes de tudo:

[...] entender as diferenças como sendo naturais – e não culturais – ou derivadas de uma suposta natureza do mundo, quase diríamos biológicas; diferenças neutras ou neutralizadas [...]. (SKLIAR, 2003: 134)

Para que o surdo baiano precisa lutar por uma cultura que é a margem e desprestigiada? Resposta simples. Porque é a sua cultura. É a cultura a qual vivencia, interage. Interação que é feita juntamente ao outro. Por isso, pode-se dizer que sem o outro nada seríamos. “*As pessoas fazem descobertas de si mesmas e das mudanças que em seus modos de viver na simplicidade do seu cotidiano engajado realizam.*” (GÓIS, 1995: 7)

Existe o livre arbítrio. O sujeito surdo pode permanecer em uma cultura ou partir em busca de outra que o satisfaça. Os surdos baianos interagem ora a cultura ouvinte ora a cultura surda. Isso pelo fato da influência e tradição cultural presente na sociedade baiana.

Cultura surda é substituída, reprimida e ofuscada. O surdo baiano sofre uma alienação de quem ele é e sobre seu potencial. O ‘dominante’ reprime a cultura surda e impõe, em grande parte, sua própria cultura. Por isso, o surdo baiano, tantas vezes ignorado, não dispõe de elementos emancipadores a fim de libertar-se da opressão ouvinte e mostrar suas marcas culturais e identitárias.

---

<sup>25</sup> O dia do surdo foi recentemente regulamentado pela Lei nº 11.796 de 29 de outubro de 2008. Que institui o dia nacional do surdo. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11796.htm). Acesso em: 30 de out. de 2008.

#### 4.2.2 – LIBRAS: LÍNGUA VISUAL

“A língua... é uma ponte que te permite atravessar com segurança de um lugar para outro.”

Arnold Wesker

Língua de sinais: o mais visível e influente traço identitário na construção de uma identidade surda. LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais, nascida da língua de sinais francesa e modificada através do tempo pela comunidade surda do Brasil. É a língua natural da comunidade surda, um língua visuoespacial.

A Libras é reconhecida, cientificamente, como um sistema lingüístico de comunicação gestual-visual, com estrutura gramatical própria, oriunda das comunidades surdas brasileiras. É uma língua natural, formada por regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias. É uma língua completa, com estrutura independente da língua portuguesa. Além disso, possibilita o desenvolvimento cognitivo dos surdos, favorecendo o acesso destes aos conceitos e conhecimentos existentes. Os usuários da LIBRAS são os surdos, familiares, profissionais da área e todas as pessoas que convivem ou trabalham com surdos ou tenham interesse por utilizar, pesquisar e aprender esta língua. As comunidades surdas do Brasil vêm lutando para serem respeitadas enquanto minorias lingüísticas e a FENEIS tem apoiado essa causa desde sua fundação. Temos vários registros da nossa luta pelo reconhecimento da LIBRAS até a conquista de sua regulamentação (FENEIS, 2008).<sup>26</sup>

A Língua Brasileira de Sinais ainda é perseguida; algumas pessoas ainda possuem a idéia de que o surdo usa uma linguagem gestualizada que não se foca, não tem uma amplitude, um conceito lingüístico. Para muitos, a LIBRAS é uma mímica sem base conceitual, gramatical, sem o pilar em que se baseiam as outras línguas de outras culturas. LIBRAS, seguindo este ponto de vista, serviria apenas para uma comunicação rudimentar e primitiva.

Língua de sinais como fator de exclusão dentro da sociedade. Mesmo que a língua de sinais e a língua oral não sejam opostas, mas sim são só diferentes canais para transmissão da linguagem. A língua dos ouvintes não é a língua dos surdos, por isso surgem muitos problemas em relação às duas línguas e suas relações cotidianas, opondo-as. As crianças surdas devem possuir o acesso à língua de sinais: “[...] ao direito que têm as crianças q

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.feneis.com.br/page/libras.asp>. Acesso em jan. de 2008.

*utilizam uma língua diferente da língua oficial de serem educados na sua língua (UNESCO, 1954)” (SKLIAR, 2005: 25).*

Na sociedade ouvinte a imposição da língua oral é fato inegável. É a imposição da cultura como meio de dominação, propagação de saberes e controle de uma sociedade. Esse ponto de vista é visto em relação à demora da homologação do Decreto da Lei de LIBRAS – Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 - que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Derrida comenta sobre a imposição do monolingüísmo ao se referir como:

[...] monolingüísmo imposto pelo outro opera afundando nesse fundo, aqui por uma soberania de essência sempre colonial e que tende, reprimível e irreprimivelmente, a reduzir as línguas ao Uno, isto é, à hegemonia do homogêneo. (DERRIDA apud SKLIAR, 2003:129)

Foucault demonstra a natureza lingüística interligada aos elementos sociais e a coloca como um elemento a ser estudado. *“A linguagem se torna, então um objeto a estudar, ao lado dos seres vivos, das riquezas e dos acontecimentos” (BILLOUET, 2003: 74).* Ou ainda:

Os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, uma língua, cuja modalidade, de recepção e produção é viso-gestual. [...] Assim, a língua de sinais. Deixa de ser vista como um processo e como um produto construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas. (SKLIAR, 2005: 23)

Como visto, a língua de sinais foi reconhecida recentemente no Brasil após mais de vinte anos de luta para esse feito. Porém, apesar dessa vitória, a língua de sinais ainda não é completamente aceita pela sociedade. Muitas vezes a sociedade ouvinte impõe a língua oral, o que é fato inegável; isso porque a imposição da cultura como meio de dominação, propagação de saberes, favorece o controle de uma sociedade.

Há muitos mitos sobre a língua de sinais, como exemplo: a língua de sinais como uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos; existência de uma única língua de sinais universal usada por todos os surdos; língua de sinais como possuidora de uma gramática incompleta e, portanto, inferior a língua oral e uma língua superficial com conteúdo restrito (QUADROS & KARNOPP, 2004). Com tantos mitos, é fácil perceber a desvalorização da língua de sinais. O surdo ao sinalizar é visto infelizmente pela sociedade como inferior no pensamento, linguagem, inteligência.

Percebe-se, através do surdo, a existência de contextos, teias e abordagens lingüísticas diferentes, relacionáveis ou não entre a língua de sinais e a língua oral. A diversidade humana move o mundo e, logo, move as variedades lingüísticas. Ouvintes e surdos são próximos e distantes, são usuários de línguas diferentes, uma oral-auditiva, outra visuoespacial, respectivamente.

*Nasci ouvinte e depois de algum tempo tive a febre da meningite e perdi a audição. Convivia sempre com ouvintes e somente oralizava, não conhecia surdos. Eu antes de encontrar surdos pesava como ouvinte, me via como ouvinte e não como surdo. Quando eu encontrei surdos pela primeira vez, eu os olhei sinalizando e, como nada entendia, desisti de participar. Com dezessete anos, no trabalho me vi cercado de cinquenta surdos e me senti tonto ao vê-los sinalizando e eu nada compreendendo. Eu perguntava ao intérprete o que eles sinalizavam ou me comunicava com os outros surdos escrevendo. Eu não sabia a língua de sinais. Com o passar do tempo e do convívio fui percebendo e aprendendo a língua de sinais. Depois de aprender a língua de sinais mudei completamente, oralizar é difícil, perco muita coisa, a língua de sinais me motiva, me alegra. A convivência com surdos fez-me descobrir quem eu era. (Caliel)*

Com o depoimento de Caliel percebe-se que uma construção identitária a partir da percepção e recepção da língua de sinais. Assim comprova-se que a língua de sinais possibilita o surdo de se reconhecer no mundo em que vive; motivando-se a continuar seu desenvolvimento individual e social.

As línguas de sinais têm diferenças e não são universais, possuem variações lingüísticas regionais. Sinais de cada região. A língua de sinais em Salvador, mesmo com sinais próprios, sofre influência de outros estados. Cita-se o caso de um sinal utilizado em outro estado e colocado na língua de sinais usada em Salvador pelo único motivo de que o surdo que divulga tal sinal o considera 'bonito'. Empréstimos como esse podem confundir outros surdos, os quais já estão acostumados com determinado sinal.

Uma língua é construída a partir de muitos fatores ligados à cultura e a valorização da comunidade enquanto elemento formador dessa mesma língua. “*O olhar ou o registro etnográfico de determinada comunidade não implica o reconhecimento autêntico e a constituição de ‘uma verdadeira’ descrição dessa comunidade*”. (SKLIAR, 2005: 44)

Seria fato de que é o homem quem faz a língua ou a língua que faz o homem? Sim, uma língua interfere na construção de uma identidade e uma pessoa com identidade fortalecida ou em construção foi modificada pelo contato com uma língua.

O que pode ser comprovado com o depoimento citado acima e percebido também em:

*Nasci ouvinte, fui ensurdecendo dos cinco aos sete anos de idade. Minha história é diferente dos surdos que nasceram surdos, porque eu nasci ouvinte. Eu encontrei surdos com quinze anos de idade e fiquei admirado com a língua de sinais e comecei a aprender por contato com outros surdos. (Gabriel)*

Ou ainda em:

*O surdo tem dificuldade de comunicação, mas se durante a semana ensinar a ele, ele vai aprender; falta receber o aprendizado até assimilar a língua de sinais, assim vai entender sobre identidade e cultura e melhorar. (Gabriel)*

Um surdo seja ele soteropolitano ou não descobre e fortalece sua identidade pelo contato com o outro, com a cultura surda, mas primeiramente com a língua de sinais. É a língua de sinais que fornecerá um dos pilares para o desvendar do ‘quem sou eu’. Como no depoimento de um surdo: “*É como se a língua de sinais brotasse de dentro, como se ela já existisse e só faltava deixá-la fluir.*”<sup>27</sup>

A língua de sinais é ponto de referência para a instrução, interação, educação e o mais importante de tudo: é um direito do surdo. Impossível de ser desprezada, inegavelmente indispensável, a língua de sinais, pode-se dizer, é a alma da cultura surda.

---

<sup>27</sup> Depoimento informal de um surdo baiano em uma roda de conversa da qual a pesquisadora participava.

## 5. O MUNDO

“O verdadeiro mundo, não é só parte, é ele próprio.”

Nietzsche

O mundo é um grão de areia ou um grão de ervilha. Essas metáforas são usadas por muitos indivíduos para definição de mundo. Se pensarmos bem, isso não está errado. Não é o tamanho do mundo que conta, mas sim a interação e trocas sociais entre os seres que fazem do mundo ser o que é; representar o que representa a cada um. E isso faz do vasto mundo em que se vive ser tão pequeno a ponto de conseguirmos interagir – ou não - dentro da diversidade existente.

Diversidade que é observada através de *“descobertas que as pessoas fazem de si mesmas e das mudanças que realizam em seus modos de viver [...] vida como teia de relações infinitas e possíveis [...]”* (SKLIAR, 2003: 32). Apontando para a vida como uma teia, uma rede interligada; aonde não há início ou final previsível. Essa diversidade precisa de atenção visto que será ela que facilitará uma mudança educativa real.

Essa imprevisão é recorrente do multiculturalismo, a diversidade cultural, tão exposta na sociedade soteropolitana. O multiculturalismo existente na sociedade baiana é uma condição para um modo de vida, impondo a cultura da maioria. Esse espaço multicultural é vivido e definido de acordo como um tipo de consciência coletiva, espacialidade discursiva, formas de disputa, conjunto de ações afirmativas (tentativa de alcançar a igualdade de oportunidades), revoltas, movimentos sociais... (SKLIAR, 2003). Todos estes conceitos influenciam no desvendar e no fortalecimento de uma identidade.

Portanto, *“[...] temos uma responsabilidade com o outro, com sua expressão, com sua irreduzibilidade”* (LÉVINAS apud SKLIAR, 2003: 198). O outro irá absorver o que vivenciar, como o caso das ações afirmativas, se essas ações não derem um resultado favorável, conforme previsto, de nada adiantará para o fortalecimento de uma identidade.

Na sociedade, o sujeito surdo vivencia não ações afirmativas, mas sim o que a sociedade determina, o que nem sempre está voltado ao bem-estar físico, mental e social do surdo.

O mundo é composto de cada tronco de árvore, ou árvore propriamente dita, como foi citado metaforicamente na introdução dessa dissertação. Mas nem mesmo as árvores vivem

sozinhas. Muitas são necessárias para se ter uma floresta. Muitos grãos de areia são precisos sentir um punhado de terra em mãos. Terra produtiva para as árvores em questão. Assim o surdo se sentirá parte do mundo em que vive se obtiver “[...] *aprovação social, de novas experiências, companhia, de posse, de poder, de reconhecimento [...]*” (LANNOY, s/d: 27)

Necessidade de aprovação em uma sociedade que caracteriza, normatiza e separa os sujeitos sociais, sendo estes surdos ou ouvintes. É o que Goffman, descreve:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. (GOFFMAN, 1963: 11-12)

O mundo em questão possui níveis de organização da vida, onde a sociedade apresenta padronagem de elementos que se dispõem a fim de serem utilizados pelos habitantes de uma comunidade. São padrões que se repetem em níveis já aceitos e confirmados pela comunidade e pela sociedade em que o surdo vive. Porém esses mesmos padrões que se repetem podem ser repelidos pela sociedade, apesar da aceitação na comunidade surda.

É caso da língua de sinais, usada amplamente pela comunidade surda, esta língua ainda hoje - apesar de ser regulamentada como Lei - é descaracterizada por parte da sociedade ouvinte de seu propósito comunicativo enquanto língua de uma comunidade.

O mundo, representado pela sociedade e seus constituintes, descaracteriza a LIBRAS enquanto língua pelo simples fato de usar uma língua oral-auditiva – a língua portuguesa. Impondo muitas vezes ao surdo o oralismo como fonte de comunicação. Na sociedade baiana, as escolas regulares que têm surdos como alunos, seguem este padrão.

Algumas pouquíssimas faculdades possuem intérpretes, aceitos após as súplicas dos alunos surdos pertencentes ao corpo discente. Mas, destes intérpretes, nem todos são contratados efetivamente pela faculdade em que trabalha e não são vistos de forma agradável pelo professor titular.

Uma surda revela que pediu a presença do intérprete em sala de aula e a resposta da professora, que se dizia conhecedora das diversidades educacionais, foi negativa: “A professora disse que eu poderia muito bem fazer a leitura labial, sem precisar do intérprete. Só que ela fala com os lábios muito fechados! Como posso ler se não consigo entendê-la?”<sup>28</sup>

Ou seja, alguns professores não acreditam na língua de sinais como língua capaz de transmitir significados complexos e abstratos. Pensamento assombroso, que ressalta os mitos

---

<sup>28</sup> Depoimento cedido livremente. Comentário informal em uma conversa com a pesquisadora.

sobre a língua de sinais, compartilhado por pessoas que não conhecem a estrutura semântica, morfológica e sintática da língua e/ou ainda não possuem conhecimento sobre o surdo. Como cita Lannoy:

A surdez não permite [...] adquirir palavras e, desse modo, seu pensamento é concreto. Conceitos abstratos como vida, amor, ordem, justiça, caridade, eletricidade, personalidade e outros tantos não poderão ser formados pela criança se ela não receber ajuda de professores especialistas nesse tipo de educação. (LANNOY, s/d: 144)

A língua de sinais defronta-se na sociedade ouvinte por causa de pré-conceitos já expostos como referencial lingüística e cultural para os falantes de uma língua, seja ela qual for. Tem-se assim uma idéia de língua a partir do ponto de vista de representação, da dominação. A língua de sinais, dentro deste ponto de vista, não possuía estruturas e significado.

Entretanto, a língua de sinais é uma língua como revela Sacks, ao se definir e defender a língua de sinais, citando Schuyler Long:

[A linguagem de Sinais] [sic] é, nas mãos de seus mestres, uma linguagem das mais belas e expressivas, para a qual, no contato entre si e como um meio de alcançar de forma rápida a mente do surdo, nem a natureza e nem a arte proporcionaram um substituto satisfatório. É impossível para aqueles que não compreendem essa linguagem perceberem suas possibilidades com os surdos, sua enorme influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição e sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que de outra forma ficariam em perpétua escuridão. Também não podem avaliar sua importância para os surdos. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso de sinais. (LONG apud SACKS, 1990:8)

Sobre o valor da dependência cita-se:

*Eu percebo e não aceito o que vejo, o surdo como submisso, bobo; precisa ter coragem. Por exemplo, no meu trabalho eu era novo ali e estava digitando e o chefe deu trabalho a todos. Eu o perguntei qual o meu e ele me pediu calma, esperei. Parecia que ele não confiava em mim. Três meses depois eu fui conversar com o diretor da empresa e expliquei a ele o que acontecia. Ele me olhou espantado, conversou com meu chefe, mas nada mudou. (Caliel)*

Ou ainda no depoimento abaixo no qual se expõe o valor da deficiência, da falta de algo como focam muitos ouvintes:

*Sei que antes a história dava ao surdo na Europa, no Brasil, no INES, informação para desenvolver o mundo do surdo, acreditar no surdo. O ouvinte estimulava, mas depois do congresso de Milão nada foi feito pela cultura surda. Colocou-se a oralidade como necessidade e como melhor para o surdo, como se a língua de sinais não desse desenvolvimento, isso tudo gerou um grande preconceito. Todos os surdos sofrem com a oralização, com a falta de informação em uma sociedade que não conhece a cultura e identidade surda. Preconceito que continua até hoje. A sociedade não tem cabeça aberta. (Lelahel)*

A sociedade põe o sujeito surdo como dependente do mundo que o rodeia, fabricando assim sua deficiência. O que pode ser revelado com a frase espantosa de um entrevistado: “O surdo se sente como um cachorro que nada entende e somente tem que obedecer [...]” (Ayel). Dependente de sua família, da sociedade, da comunidade para sua sobrevivência; mostrando sua impossibilidade de viver sozinho. Lane expõe que para muitos ouvintes “a pessoa surda anda à toa, parece que está numa redoma; existe uma barreira entre nós [ouvintes] próprios [...]” (LANE, 1992: 23). Nesse contexto se instaura a idéia da necessidade de dependência do surdo.

Como se comprova em:

*Ficava somente em casa, meu irmão ajudava a entender as coisas, mas não sabia a língua de sinais, não a conhecia. A comunicação era faltante, minha família preocupada procurava até encontrar um lugar onde aceitava pessoas deficientes; a maioria era ouvinte, surdos havia poucos. Mas o ensino era somente o básico, não era profundo, tive apoio e orientação de minha mãe. (Rafael)*

Esta teoria aponta para a visão patológica, para a norma, para a fabricação da deficiência. Tendo assim a norma, produto da história das invenções e produções, do indivíduo dependente a ser consertado pela família, pela educação, pela medicina.

Isso pode ser observado como que Goffman (1962) se refere a estigma, seja ele físico, psicológico e/ou social. Estigmas moldados e proferidos pela sociedade para categorizar os sujeitos dela participantes, indicando a cultura, identidades, aptidões e possibilidades de cada um. Para o ouvinte, o principal estigma que caracteriza o sujeito surdo é o silêncio ou a falta de algo, no caso dos surdos a falta do som, do oral.

Sobrevivência apresentada aqui com o sentido de estar sempre em situação em que precisa decidir, refletir ou absorver algum conhecimento ou não. Para, portanto, assegurar o direito de pertencer a um povo, a uma sociedade, sob olhar de diversos pontos. É preciso lembrar de que pertencer a um povo e sentir-se incluído nele é diferente, é definido pelo tempo, pela necessidade, pela interação com o outro e com a comunidade surda “[...] ninguém

*parece estar completamente incluído, ninguém parece estar totalmente excluído*” (SKLIAR, 2003: 95). Tudo faz parte de um contexto, de um momento onde o sujeito surdo se posiciona a fim de ampliar sua prática de convivência e de sobrevivência.

Skliar comenta Foucault ao dizer que sobreviver na dualidade da inclusão/exclusão requer entender que “[...] a inclusão não é o contrário da exclusão, e sim um mecanismo de poder disciplinar que a substitui, que ocupa sua espacialidade, sendo ambas as figuras igualmente mecanismos de controle” (SKLIAR, 2003: 96). Conclui-se que controlar é tarefa da sociedade de modo que ela continue no poderio dos sujeitos sociais, sejam eles quais forem.

Neste capítulo falar-se-á de quatro pilares fundamentais – família, educação, sociedade e o próprio surdo - que sustentam o sujeito surdo baiano e sua identidade negada, em construção ou fortalecida; de acordo com o caso específico de cada ser.

Importante salientar o fundamental conceito de que o ser humano não vive sozinho e, logo, recusável a separação dos elementos citados assim e o sujeito surdo de Salvador ou de qualquer outra localidade. Todos estão dentro de uma rede interligada, que dispõe, mesmo que não haja atenção a esse fato, do princípio da alteridade. Mesmo assim, *“uma política de diferença, não quer dizer que haja atenção à diversidade”* (SKLIAR, 2003: 30).

Não há o respeito em deixar o outro ser o outro. Há imposição do que um deseja do outro. Como se não se perguntasse o que esse outro quer a fim de valorizar e vivenciar sua diversidade. *“Onde termina esse ambiente e começo eu, e será possível eu começar sem estar em algum lugar, profundamente envolvido, criado pela natureza do mundo?”* (HILLMAN, 2001:168). Hillman deixa claro a relação eu-outro-sociedade. A interligação entre o que o sujeito surdo representa e como ele se apresenta em sua identidade.

A descoberta da identidade surda é algo que diz respeito principalmente à alteridade. A descoberta do que o outro é, de como o outro age, leva um indivíduo a perceber como ele pode vir a ser e como ele percebe no outro uma parte de si próprio. Afinal é diante do outro que se constrói valor sobre si mesmo.

Na citação abaixo, Boff analisa o contexto social, não especificamente o surdo baiano, mas sua análise vale como contribuição para o entendimento do que o mundo representa para o surdo, para a comunidade surda. Necessário atentar ao fato de que compreender o surdo baiano é preciso vivenciar seu cotidiano, suas lutas e necessidades.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive. Com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta,

como assumi os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. (BOFF, 1998: 9)

A partir do convívio, do entendimento, das lutas, do que se quer e do que não se quer, o surdo baiano, tem com isso a chance de entender e interpretar o surdo baiano e a história que este sujeito singular conta.

Não há possibilidade de se pensar somente num ou em outro lado. O mundo é misturado aos sujeitos surdos. É um ambiente interligado e possuidor da *Anima Mundi*<sup>29</sup>; a alma do mundo presente, necessária, facilitadora da combinação eu-outro. “*Então por que não admitir [...] que o próprio ambiente tem alma, é animado, e estamos inexplicavelmente emaranhados nele e fundamentalmente separados dele?*” (HILLMAN, 2001: 167)

## 5.1 – FAMÍLIA

“Antes de iniciares a tarefa de mudar o mundo, dá três voltas na tua própria casa.”

Provérbio chinês.

Nascer e crescer são características que todos os seres humanos possuem. Primeiro núcleo de vivência do indivíduo, a família é a chave para entrada do ser humano na sociedade. A família, como núcleo formador dos primeiros conceitos de cultura e identidade, vai apontar como será a recepção (aceitação/rejeição) do surdo. Para alguns surdos, porém, esses primeiros conceitos só serão formados com o encontro com outro sujeito surdo em sua comunidade, como os depoimentos já citados anteriormente.

De primeiro impacto, o choque. Um membro familiar surdo não é comum – a não ser em famílias que já possuam casos semelhantes. Uma família que possua surdos em seu núcleo vai tratar o surdo da mesma forma que os outros surdos. Já uma família que não tenha e/ou não conviva com surdos, terá um processo de aceitação totalmente diferente.

---

<sup>29</sup> “A *Anima Mundi*, a alma do mundo ou a super alma, como é chamada em algumas escolas iniciáticas. A origem de todos os reinos manifestados na matéria é uma só.” Disponível em: <http://www.luzdegaia.org/outros/diversos/ilusao.htm>. Acesso em 14 de jul. de /2008.

Família tem por significado o conjunto de pessoas que vivem, ou não, em uma mesma casa. Sendo pessoas que compartilham costumes, expressões, intenções e hábitos. Tal conjunto de pessoas tem, obviamente, uma cultura e está intrinsecamente ligada a ela. Porém o sujeito surdo ao entrar em contato com a diversidade cultural passa a dominar os elementos dessas da cultura surda e da cultura ouvinte, caso sua família seja ouvinte e não conhecedora do mundo dos surdos. Mesmo se o surdo for membro de uma família surda ele terá contato com a cultura ouvinte por causa da sociedade em que se situa.

Quando uma criança nasce em uma família, ela recebe juntamente com um nome a cultura de onde nasce e adapta-se, ou não, a ela. Devemos atentar ao fato de que surdos podem nascer em família de surdos ou de ouvintes ou de ambos. Temos então surdos provenientes de dois tipos de famílias e, por isso, possuidores de conceitos formadores para as identidades.

Surdos nascidos em famílias surdas recebem desde muito cedo os elementos da cultura surda e suas aplicações. Ter pais surdos e ser surdo é já ser possuidor de uma estrutura elaborada aos moldes da cultura surda e adquiri-la através de seus pais, naturalmente. Isso leva a uma mais rápida absorção da identidade surda, da língua de sinais e na inserção na comunidade surda.

Nota-se que ouvintes, filhos de pais surdos, ainda crianças são facilmente inseridos na comunidade surda e na língua de sinais. Com o crescimento dessa criança, ela descobre ser possuidora de uma identidade ouvinte e escolhe se permanece integrada à comunidade surda, mesmo que parcialmente ou não. O filho surdo vai receber a cultura e língua de sinais de forma natural e como primeira língua. Vai tê-la como algo cognitivo.

Famílias surdas, ou que possuem membros surdos acolhem mais receptivamente outros surdos, sendo crianças ou não, por já terem um contato com pessoas semelhantes. Como o caso de famílias em que o surdo tem irmãos, tios ou primos surdos. Ou ainda o caso da família que de sete irmãos, quatro são surdos.

Numa família ouvinte, o surdo poderá deparar-se com a repulsão ou a aceitação e posterior auxílio no seu desenvolvimento. No caso de repulsão, o surdo será rejeitado, muitas vezes abandonado, e não terá os recursos psico-socio-educacionais necessários ao seu desenvolvimento.

Isso porque um surdo nascente numa família ouvinte que nunca teve contato com a cultura surda receberá um choque cultural proveniente do desconhecimento dos elementos da cultura surda, porém haverá em alguns casos a receptividade:

*Como minha família não conhece a língua de sinais eu precisava oralizar, mas ela não me proibiu de sinalizar, ao contrário, aceitou-me como bilíngüe. Eu até ensinei um pouco de língua de sinais a ela. Porque as vezes, meus amigos surdos iam em minha casa e minha mãe gestualizava. Em minha família, três tios surdos somente gestualizavam e não sabiam a língua de sinais. (Caliel)*

Analisando o depoimento acima, nota-se que surdos nascidos em família de ouvintes que são aceitos terão condições de um bom desenvolvimento como os surdos nascidos em família de surdos. Levamos em conta que uma família de ouvintes transmitirá inicialmente sua cultura à criança surda. Esta só entrará em contato com a cultura surda com o convívio, escolar, ou então, com outros surdos. Só assim ela receberá os elementos culturais surdos.

A família ouvinte cede-lhe uma cultura que ela tem como base até descobrir que também existe uma cultura própria do surdo. Ao desenvolver-se, o surdo toma contato com essas culturas, experientando-as e moldando sua identidade. *“Eu aprendi sobre cultura e identidade junto de outros surdos, absorvi o conhecimento e percebi que assim como o negro e o índio, o surdo também tem uma cultura, uma língua.” (Aniel)*

Escolher uma só cultura é improvável, visto que o surdo é ser vivente em uma sociedade. Por isso, os surdos: *“[...] estão tentando viver duas vidas de uma vez só, aquela com a qual nasceram e do ambiente e das pessoas que as cerca” (HILLMAN, 2001: 24).*

Isso acontece tanto na família de ouvintes quanto na família com surdos, visto que a família é o primeiro degrau na formação psico-socio-educacional do indivíduo e dela será proveniente as noções de mundo, convivência e sociedade; ou seja, a família é um elemento catalisador de informações necessárias no desbravar de quem se é e o que se fazer no mundo. Mas isso não pode ser generalizado.

*Muitas famílias não conhecem a língua de sinais. O ouvinte se assusta com a língua de sinais, acha perigosa e aconselha a não aprendê-la. Na verdade por mais que o ouvinte saiba e aprenda a língua de sinais, ela não é a língua dele. A história pode melhorar, porque sem a língua de sinais, o surdo perde muito. Com a língua de sinais o surdo mostrar sua capacidade. Uma pessoa pode aprender a língua de sinais, mas precisa de vontade para não esquecê-la. O surdo tem direito à língua de sinais, do contato com outro surdo, mas não tem intérprete. Conscientemente, o ouvinte se coloca como melhor que o surdo; como se o ouvinte soubesse tudo pronto e o surdo não tivesse acesso a isso. No trabalho o ouvinte se beneficia e o surdo se sente inferior, como se a língua de sinais fosse algo proibido. A família precisa pensar na importância da língua de sinais que hoje não conhece, precisa pensar no futuro. É difícil. (Rafael)*

Em Salvador, a maior parte dos surdos advém de famílias ouvintes. Casos de famílias surdas são também existentes, muitas formadas pelo fator consanguíneo, o que leva ao

nascimento de surdos. Com a maioria proveniente de famílias ouvintes, os surdos soteropolitanos detêm inicialmente a cultura ouvinte e, em alguns casos, a língua.

Muitos surdos soteropolitanos possuem parentes surdos por causa de doenças adquiridas (meningite, rubéola são as mais comuns) e por consangüinidade. Porém, embora tenha surdos na família, esta não é caracterizada como uma família surda porque a língua e cultura seguem o modelo ouvinte.

Algumas famílias, conhecedoras da cultura surda e/ou da necessidade dão ao surdo a possibilidade de conhecer a língua de sinais e a cultura surda, conviver com a comunidade surda e buscar sua identidade dão aos filhos surdos a possibilidade de ter contato com esses fatores. Famílias que sabem das necessidades do surdo irão possibilitar um melhor contexto psico-socio-educacional, aceitando a língua de sinais e a cultura surda.

Famílias podem impor o que deseja, como o afastamento do surdo da comunidade surda, a língua oral-auditiva, etc. Como exemplo: “*Em minha família, principalmente minha mãe, a oralização era fortíssima. Faltava informação para minha mãe [...]*” (Acaiah). Ou ainda como revela uma surda ao iniciar seu contato com a comunidade surda e a língua de sinais:

*Meu pai proibiu a língua de sinais, qualquer que fosse o sinal ele ficava furioso. Eu comecei a ter contato com a língua de sinais e ele não aceitava, não queria que eu parasse de falar. Não gostava de me ver conversando com surdos, nem me deixava passear com eles. Me tirou da escola. Não adiantou, anos depois eu voltei à comunidade surda, meu lugar. (Manakel)<sup>30</sup>*

Em uma família ouvinte, muitas vezes não terá a cultura surda logo de imediato. Patologia em destaque haverá a todo custo a tentativa de “conserto” pela família. Em alguns casos, a família pode vir a ser conhecedora das necessidades e que aceita a cultura surda e língua de sinais.

Para surdos por causa congênita em idade pós-lingual, a família ouvinte pode agir como já foi descrito acima. Famílias que podem ou não aceitar a língua de sinais como língua do surdo. Em Salvador, observam-se famílias que estimularam o conhecimento da língua de sinais e outras que não dominam e/ou preferem negar a existência de tal língua como revela um dos entrevistados: “*Minha família me aceita como surdo, mas não sabe língua de sinais, só tem costume de oralizar. Posso sinalizar com amigos surdos, mas a família não conhece.*” (Ariel)

---

<sup>30</sup> Depoimento espontâneo em uma roda de conversa.

Na referida cidade, muitos surdos só adquiriram a língua de sinais e a cultura surda após os três anos, idade para aprendizado crucial da língua de sinais. Pela falta de educação específica, de contato com outros surdos, por falta de estímulo familiar ou por não ter conhecimento do que a cultura surda e a língua de sinais representam.

Analisando esses fatores tardios, a descoberta de uma identidade fica em segundo plano ou terceiro. O surdo muitas vezes não sabe quem é, o que significa a cultura surda para si e para a comunidade surda. O sujeito surdo usa a língua oral com falhas comunicativas e falta de significados das palavras que usa isto leva a uma demora em se descobrir.

A identidade oprimida por uma sociedade que nega, em maioria, o direito do surdo a uma língua e cultura, passa a ser descoberta aos poucos, pelo contato, pela troca de informações e pela visualidade de descobrir-se olhando o outro: “[...] olhares que percorrem o mundo de dentro para fora” (SKLIAR, 2003: 69). Olhares que transmitem ao surdo baiano, respostas.

Deste modo, o surdo tendo ou não uma família que entenda quem ele é e suas necessidades lingüísticas e culturais, tenta se encontrar e encontrar seu lugar no mundo:

Cada pessoa procura singularizar-se de acordo com sua imagem do coração e o caminho de seu destino, apesar da genética e do ambiente. Cada família é um cadinho de semelhanças e uma força centrífuga puxando cada membro para afirmar competitivamente suas diferenças. (HILLMAN, 2001: 162)

Nas pesquisas realizadas, uma mãe ouvinte revela o que aconteceu quando a família ouvinte descobriu que sua filha era surda:

*Quando minha filha chegou em casa todos da família achavam que era um bicho, que era contagioso e não chegavam perto. Mandei todos embora e falei que a vida era dela e que não interessava a eles e que ela iria vencer todas as barreiras e preconceitos de todos os seres incompetentes que estavam ao redor [...] Ela ainda não entendia o que tinha acontecido e se fechou em um casulo [...] Hoje em dia minha filha é o símbolo de exemplo de determinação e luta para essa mesma família que um dia a desprezou.<sup>31</sup>*

Reação típica de quem não conhece o mundo dos surdos e suas potencialidades. Foca-se o patológico, a surdez propriamente dita. Um ‘bicho raro’, o qual todos querem ver, mas também desejam distância. E se esquece de que o surdo é um sujeito com capacidades e dificuldades como qualquer outro.

---

<sup>31</sup> Depoimento espontâneo da mãe de uma surda.

## 5.2 – SOCIEDADE

“A relação com o outro é uma relação com um mistério.”

Lévinas

Sociedade, caracterizada por representar um conjunto de indivíduos, seres viventes sob um conjunto de regras e estruturas sociais, não deve deixar de lado a maior característica deste conjunto a *“impossibilidade de pensar a sociedade reduzindo-a aos indivíduos ou à totalidade social; a dialógica entre indivíduo e sociedade deve ser pensada num mesmo espaço”* (MORIN et all. 36-7).

Tem-se assim o pensamento de que os seres humanos são essencialmente sociais. *“[...] todos somos, de certo modo, outros ou então todos somos, de certo modo, diferentes.”* (SKLIAR, 2003: 102)

A sociedade tem a característica visto a diversidade existente na mesma de apresentar-se como solidário, conhecedor da alteridade e tolerante com o outro. Tolerância que é muitas vezes é diagnosticada como indiferença. *“Tolerante é o que suporta algo de alguém [...]”* (SKLIAR, 2003: 134). Tem-se, portanto, a igualdade como algo imaginário, agradável, mesmo que nem sempre aconteça, ou seja,

Nega-se o que o outro fala e nega-se sua fala possível, ou, em outro sentido, dá-se a autorização para que o outro fale somente do mesmo e, então, celebra-se a nossa generosa autorização, a (re) descoberta da voz do outro, não a sua voz. (SKLIAR, 2003: 109)

Casos de dificuldades e indiferenças também podem ser encontradas no mercado de trabalho pela desvalorização da língua de sinais e das possibilidades de cada surdo. *“No trabalho o ouvinte se beneficia e o surdo se sente inferior, como se a língua de sinais fosse algo proibido [...]”* (Rafael). Ou ainda a questão da conscientização:

*Só no trabalho, onde todo mundo oralizava ao mesmo tempo eu me sentia perdido e com dificuldade de comunicação. Algumas pessoas que trabalham comigo, olham pra mim e sabem como se comunicar, às vezes eu reclamo e eles percebem que estão errados. (Gabriel)*

Observa-se a frase tocante: *“É fácil ver as pessoas rindo de nós, não acredita da nossa capacidade e raramente dão chances de subir na carreira de emprego. A maioria*

*ganha pouco, mesmo trabalhando muito.” (Reyel). Nesta sociedade que em geral nega o outro percebe-se exemplos como: um surdo soteropolitano, que só tem o ensino fundamental ou médio, consegue um trabalho de quarenta horas semanais com salário de quinhentos reais e se sente satisfeito; uma vez que não encontra nesta sociedade, caminhos para uma melhoria e não sabe por onde começar, uma mudança radical que necessita, e não vê como efetuar-la.*

Isso se ele tiver interesse em melhorar sua condição visto que muito se vê de acomodação ou não percebimento de uma possibilidade de mudança. Enquanto uns se acomodam, aceitam o que é oferecido, outros lutam por seu desenvolvimento e não aceitam este papel de trabalhador braçal.

*Aqui muitos surdos não lutam. Uns lutam, outros se acomodam. Exemplo: trinta por cento luta, setenta por cento se acomoda. Mas a culpa não é do surdo, é do governo que não auxilia, falta apoio e verba. Aqui em Salvador é assim, mas o porquê disso eu não sei. (Aniel).*

O que se coloca em jogo é a fabricação de uma normalidade (SKLIAR, 2003) pela sociedade ouvinte. Em Salvador isso se apresenta através de um processo que confunde o outro. Como se mostrasse tudo perfeito e seguindo um curso aparentemente normal, em que não faltasse nada ou ainda que estivesse sendo feito momentaneamente. O que não é verdade. É o caso de outra observação, dessa vez em um seminário sobre acessibilidade. Neste seminário, uma funcionária, ao ser inquirida por uma surda sobre o certificado de participação, respondeu que a participante surda deveria ligar para organização do evento e saber. Indignada, mandou um e-mail reclamando e não obteve retorno.

Em um seminário de acessibilidade um fato assim acontecer, já apresenta o que acontece cotidianamente. Um verdadeiro ‘morde e assopra’. De um lado dá, ainda que pouco, acesso e possibilidade do surdo mostrar-se na sociedade; de outro, a própria sociedade que disponibiliza isso, retoma essa chance. É preciso que se dê ao surdo a chance de mostrar-se ao mundo como membro desse mundo.

Faltam espaços – já que estes espaços muitas vezes já são “[...] *espacialidades assinaladas, designadas, enunciadas, anunciadas, ignoradas, conquistadas.*” (SKLIAR, 2003: 103) - para o surdo mostrar seu potencial. Faltam espaços, mas, mesmo onde se perde espaço, pode-se adquirir espaço. Pode-se perder algo para posteriormente conquistar algo melhor. O surdo já perdeu muito, está na hora de ganhar, de conquistar. Uma melhoria na descoberta da identidade que possui, por exemplo. É observado os fatos diários que se predispõe a desvendar quem se é, modificando assim sua identidade deteriorada em uma identidade fortalecida.

A sociedade promove uma inclusão mascarada na necessidade de mostrar que a sociedade faz seu papel ‘bonitinho’ quando, na verdade, caracteriza isso como polar, tendo um lado bom – a inclusão – e um lado mau – a exclusão. Como afirma Skliar (2003: 94) “[...] onde a inclusão seja forçosa e necessariamente a positividade – o Paraíso, o outro angelical – e a exclusão, sua outra face maliciosa – o Inferno -, o outro maléfico.”

Ou seja, há novas configurações para velhas idéias por causa de interferências sociais e individuais. Valorização pretendendo uma superação de oposições, o que não é fácil de ser alcançado, visto a opressão e o enfraquecimento do surdo.

A negatividade da identidade é feita pela influência da sociedade que continua a colocar amarras no surdo soteropolitano. O exemplo citado no início deste subcapítulo, sobre trabalho dado por algumas empresas aos surdos, é uma das formas de contínuo domínio e desvalorização cultural surda.

O surdo de Salvador ao negar pertencer à comunidade surda, nega ser surdo por medo de ser tachado como desqualificado/inferior na sociedade. Receio de continuar sofrendo o que já conhece, de ser rejeitado, posto de lado. Tudo isso faz com que o surdo, não só no ambiente profissional, mas também, social e educacional, negue sua cultura e identidade; tentando por esse ponto entrar e permanecer em uma sociedade que cultua a dominação cultural.

[...] idéia de que se trata de uma propriedade ou carência do indivíduo, de este ser possuidor ou não de alguns dos atributos fundamentais [...] para a constituição do lar, da escolarização, da profissionalização [...]. (SKLIAR, 2003: 38)

O surdo somente consegue se livrar, ainda que parcialmente, desta condição, desta identidade negativa e da estigmatização, se entrar em contato com outros surdos, se lutar pelo que deseja e, assim, impor-se como sujeito social empoderando a si e a sua cultura.

A alma do surdo é livre, mas domesticado pela estigmatização ouvintista<sup>32</sup>. Esta mesma alma liberta-se com o contato com seu habitat natural – o povo surdo e a comunidade surda - e/ou com contato com outro sujeito surdo ela renova, desvenda, sua identidade e seu papel no mundo. Ao contar-se com a comunidade surda e com os surdos, os olhos do sujeito surdo se abrem para o que sabia que existia, sensação inata, mas não sabia onde isso se escondia. Abafada pelo ouvintismo que coloca o lado patológico como elemento mais importante, visando a necessidade de consertar o surdo.

---

<sup>32</sup> Ouvintista: “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte.” (SKLIAR apud STROBEL, 2008: 19)

A necessidade de dominação, de colonização vem de muito antes. Desde sempre existiu a sede de poder, de domínio e aculturação por parte de alguns. Isso sempre existirá. É assim que o mundo gira. É a roda da vida. É o espaço-tempo contínuo. O bem e o mal. Dualidade vivenciada pelos opostos, pelo dominador e pelo dominado, por surdos e por ouvintes. Percepção somente do que falta no corpo, na mente, na linguagem. É preciso entender que “[...] a deficiência não é uma questão biológica, mas uma retórica cultural [...] A deficiência está relacionada à idéia mesma da normalidade e à sua historicidade” (SKLIAR, 2003: 158).

O surdo precisa libertar-se da opressão e descobrir-se Ser Surdo<sup>33</sup>, participante, sim, de uma sociedade, mas refazendo-se assim como o sujeito surdo possuidor de uma marca cultural e lingüística. Entre dominar e ser dominado, a diferença é muito grande e tem caráter de ter-se o poder de decidir sobre um grupo e sua cultura.

A sociedade através de uma sublimação<sup>34</sup> usa uma alternativa socialmente aceita, para, ter uma consciência tranqüila, como se tivesse feito sua “boa ação” ao incluir o surdo socialmente e continuar a ter seu lado dominante sobre o surdo dominado. A realidade é outra. Esse sujeito surdo precisa estar inserido na realidade que existe ao seu redor e, com isso, aprender com o mundo e com os outros.

Pode-se citar elementos essenciais para a vida humana e sua interação com o meio em que se situa. Como revela Góis (1995), esses elementos seriam: integração afetiva: significa a integração sutil e plena entre percepção, motricidade, afetividade e funções viscerais, considerando como núcleo integrador a afetividade; renovação orgânica: manutenção dos processos de renovação e regulação das funções biológicas, construindo mais complexidade e reaprendizagem das funções originárias de vida: e expressão e fortalecimento de um estilo de viver enraizado nos potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência.

Estes elementos acima citados estão presentes no cotidiano dos sujeitos surdos e sua diversidade social brasileira é fato comprovado. E em se tratando da sociedade baiana e dos surdos pertencentes a ela isso também se apresenta. Cada estado tem suas próprias dificuldades e possibilidades, mas muitas delas são iguais a todos, como o desprestígio para com a língua de sinais, conceitos pré-estabelecidos, entre outros.

---

<sup>33</sup> A definição de Ser Surdo será dada no capítulo IV.

<sup>34</sup> Sublimação: mecanismo de defesa através do qual condutas instintivas e motivações não aceitáveis são substituídas por formas de atividades socialmente aceitáveis

Distinguir as diferenças é o mais apropriado reconhecimento da diversidade e das aparências do outro. Porém nem sempre isso é visto de forma favorável, uma vez que a sociedade ainda estigmatiza o surdo baiano. Isso pode ser visto dentro do contexto socioeconômico vivido pelo surdo no mercado de trabalho e sua opressão visível. *“O espaço colonial supõe também a idéia de que, efetivamente, alguns territórios e alguns povos querem ou precisam ser colonizados.”* (SKLIAR, 2003: 111).

A sociedade pensando a partir desse ponto coloca a comunidade surda como objeto a ser colonizado, dominado, massacrado. É nesse contexto que a alteridade foi percebida, inventada, refeita, independente do modo que ela for vivenciada e cultivada. *“Toda cultura é, por si mesma, em si mesma, originalmente colonial.”* (SKLIAR, 2003: 104)

Atenta-se que: *“[...] uma única flecha que aponta insistentemente para a invenção, para o governo, para a administração, para a instrução e o massacre do outro – ou ainda que não necessariamente nessa ordem.”* (SKLIAR, 2003: 106). As palavras de Skliar podem levar a um entendimento do que acontece na sociedade baiana ao se deparar com um sujeito surdo.

Oprimir é mais fácil – e mais prático – do que perceber as necessidades e oportunidades de construção social e educacional do ser surdo. Quando o sujeito surdo se depara com essa afirmação em sua vida diária ele cria uma deteriorização de sua identidade, ou seja, fundamenta-se uma identidade negativa; a qual coloca a cultura surda em segundo, ou terceiro, plano.

Com uma identidade negada e oprimida pela sociedade ouvinte, o surdo baiano necessita de respaldo, de libertação para mostrar-se como surdo, como indivíduo social. Seguindo por esse caminho, o surdo de Salvador enfrenta a sociedade que constantemente o oprime e refaz sua identidade.

### 5.3 – EDUCAÇÃO

“Ninguém educa ninguém, os homens educam entre si.”

Paulo Freire

Educação predispõe a um conjunto de fatores e indivíduos voltados para um único ponto: a relação ensino-aprendizagem. Tal relação é um dos fatores essenciais à formação do indivíduo surdo enquanto sujeito singular.

A educação brasileira vive um momento de possibilidades perante as ‘novas’ vertentes que são, ou não, colocadas em prática no contexto escolar. Novas é uma mera conceituação porque já são velhas conhecidas da comunidade escolar. Os velhos desafios hoje permanecem novos, uma vez que não foram solucionados de forma satisfatória.

Sempre houve a necessidade de se debater as necessidades educacionais do surdo baiano. Mas, na realidade, muito se tem falado e pouco se tem feito. Falar de educação de surdos é uma coisa, colocar toda a teoria em prática e vivenciá-las no cotidiano, é outra.

Educar. O significado de educar é muito mais amplo do que podemos imaginar. Educar não pode ser pensado em vocábulo usado somente no meio escolar. A educação do ser humano não acontece somente na escola e ninguém, pode resistir a ela; afinal, é a forma de ampliação da cultura e das regras sociais.

Toda e qualquer sociedade possui o fenômeno da educação, o qual envolve o ensinar e o aprender. Dificílimo separar o *ensinar* e do *aprender*. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, todos nós envolvemos pedaços da vida com o educar: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

A educação do surdo apresenta problemas e desafios. Desafio de abrir as portas para novas possibilidades e caminhos que as mudanças constantes trazem. Deve-se respeitar o direito do surdo, aceitando sua língua e sua cultura; atenta-se ao fato da necessidade de fornecer ao surdo as condições fundamentais ao seu desenvolvimento. Isso porque educar é transformar o indivíduo em sujeito único, possuidor do conhecimento necessário para a vida diária e de uma identidade própria dentro da sociedade em que vive. Com essa identidade o surdo mostra suas potencialidades, capacidades e o que representa socialmente.

No passado, os surdos eram considerados incapazes de serem ensinados, por isso eles não frequentavam escolas. *“Antes eu estava sempre em escola inclusiva, com surdos. Não havia intérpretes, sala de apoio... Somente agora isso está tendo.” (Ayel)*

As pessoas surdas, principalmente as que não falavam, eram excluídas da sociedade, sendo proibidas de casar, possuir ou herdar bens e viver como as demais pessoas. Assim, privadas de seus direitos básicos, ficavam com a própria sobrevivência comprometida. Se o lado social ficava comprometido, imagine a educação.

A educação, vista desse ângulo, era, e ainda é, parte dos jogos de poder do Estado e da sociedade. Como se só existisse uma única direção para a educação dos surdos.

O outro da educação foi sempre um outro que devia ser anulado, apagado. Mas as atuais reformas pedagógicas parecem já não suportar o abandono, a distância, o descontrole. E se dirigem à captura maciça do outro para que a escola fique ainda mais satisfeita [...]. (SKLIAR, 2003: 27)

Para essa sociedade, o surdo não era visto dentro deste contexto social, sujeitos sociais e, portanto, excluídos de toda e qualquer possibilidade. Essa sociedade se preocupava mais, aparentemente, em cobrar uma língua do que o conhecimento necessário ao convívio social.

Os surdos são indivíduos sociais dotados de direitos educacionais como outro qualquer; direitos que são citados por Skliar (2005:26):

As potencialidades – os direitos – educacionais às quais faço referência são: a potencialidade da aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; a potencialidade da identificação das crianças com seus pares e com os adultos surdos; a potencialidade do desenvolvimento de estruturas, formas e funções cognitivas visuais; a potencialidade de uma vida comunitária e de desenvolvimento de processos culturais específicos [...] de participação dos surdos no debate lingüístico, educacional, escolar, de cidadania, etc.

A educação do surdo é frágil e requer urgência de melhorias para favorecer assim seu desenvolvimento. *“[...] A educação dos surdos não fracassou, ela apenas conseguiu os resultados previstos em função dos mecanismos e das relações de poderes e de saberes atuais” (SKLIAR, 2005:19).* Requer não somente apoio e aparato pedagógico, mas antes disso, requer apoio humano, ou seja, necessita de professores surdos que o espelhe e influencie que o aponte caminhos a serem seguidos.

É a relação diária de troca lingüística, de aprendizado, de ensinamento que dará ao aluno surdo a capacidade de compreender a si, sua cultura e o mundo que o rodeia.

Não que o homem seja particularmente difícil de aprender, a dificuldade não provém de uma densidade elevada do objeto das ciências humanas, de um insondável mistério do homem, mas de uma postura arqueológica singular. (BILLOUET, 2003: 77).

Teríamos então um potencial de aprendizagem que, posteriormente, se desenvolveria, ou não, diante das dificuldades e facilidades impostas pela vida e pela educação. Revelando assim o potencial educacional do surdo enquanto sujeito educacional:

[...] sujeito surdo, quais são os seus direito lingüísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo, etc.. (SKLIAR, 2005: 18)

Incluir-se para sobreviver, pois o Eu só sobrevive diante de outro. Só através da educação é que vamos ter ambiente favorável para a evolução. Aprender é saber criar critérios e estabelecê-los. Assim, não existe deficiência. Existe sempre uma outra eficiência. Existe um ser determinado por sua estrutura, essa estrutura não diz o que ele deve fazer. Cada um tem uma aprendizagem e um tempo para cada etapa e as mudanças acontecem mais facilmente na escola do que na sociedade.

Para que essas mudanças aconteçam, a transformação do espaço educativo é necessária e “[...] *deve ser entendida como uma das causas fundamentais na produção do holocausto lingüístico, cognitivo e cultural que viveu os surdos*”. (SKLIAR, 2005: 16). Isso porque se a escola não valorizar o surdo e a língua de sinais, não haverá desenvolvimento educacional do mesmo.

Até por que no momento da descoberta da identidade. As crianças não têm um espelho para ver seu reflexo ou não tem uma base de vislumbrar seu futuro.

Os educadores e demais profissionais envolvidos no espaço escolar [...] são “estrangeiros” que se aproximam da língua de sinais e da cultura visual, mas privilegia, pelo hábito e pela própria cultura, a modalidade oral-auditiva, a fala, como ato cotidiano de comunicação. (SKLIAR, 2005:41)

Muitas vezes o surdo é excluído na escola. O professor não está capacitado para lecionar ao surdo, às vezes ele não sabe, não quer ou não aceita lidar com uma cultura diferente da sua.

*Tenho amigos surdos no CEFET-BA, alguns professores respeitam os surdos e outros não, falando para quê a língua de sinais. Às vezes o professor reclama com o intérprete para que este não interprete, e ele se sente mal. (Caliel)*

Para ouvintes, mas não generalizando, a língua de sinais e cultura surda, são limitadas, restritas, “falantes”; que possui poucas significações.

Para a educação especial, por exemplo, a língua de sinais dos surdos é e foi um problema, quando na verdade o que é problemático deve ser o discurso hegemônico que circula em torno da oralidade, da língua oral. Pergunta-se: por que essa modalidade foi supervalorizada? Quais processos sociais, históricos, políticos e culturais fizeram dela o objetivo excludente na educação dos surdos? [...] O que deve ser problematizado é a suposição da existência de uma identidade homogênea, de uma comunidade hermética. (SKLIAR, 2003: 165)

E a escola? A escola é o lugar onde a vida se dá/acontece. “*A mesmidade da escola proíbe a diferença do outro.*” (SKLIAR, 2003: 199):

A escola é um microcosmo, é um espelho da própria sociedade. É na que se aprende, se ensina e desvenda-se o conviver. Na escola [...] essa convivência é completa, fundamental e necessária para compreender a diversidade do mundo e da própria vida. (ROSA, 2005: 27)

É na escola que muitos surdos entraram em contato com a comunidade surda que tomaram parte. Embora isso também possa acontecer no âmbito social e não educacional. Se a escola é o espelho da sociedade qual o papel representado pelo surdo nela?

Dentro da escola o aluno é o ator principal. Todo rege a seu favor; é ele quem dita as regras, pois a função da escola é educar o aluno. E educar nada mais é que tornar o aluno um sujeito singular através de seu conhecimento e de sua identidade!

Será que surdos e ouvintes adquirem essa “singularidade” da mesma forma? Ambos vivem em sociedade em comunidade com línguas, costumes, possibilidades... A escola que tem alunos surdos propõe ensino verdadeiramente igual a todos? O aprendizado dá se da mesma forma?

Por um lado, a *tarefa* de educar se transformou num ato de fabricar mesmidades e ali se deteve, satisfeita consigo mesma; estabeleceu uma ordem, uma hierarquia de somas e restos, de sujeitos e predicados, de História e histórias, de exclusão e de inclusão, de anjos e réprobos. Por outro lado, o *ato* de educar tomou outro rumo, seguiu outro caminho sobre o qual nunca se deteve, pois nunca o deu por cumprido [...]. (SKLIAR, 2003: 199)

Segundo Skliar (2003), há três tipos de maneiras de entender a educação: a pedagogia do outro que deve ser sempre apagado, do outro como hóspede de nossa hospitalidade e do outro que se volta e reflete permanentemente quem ele é.

Qual destas maneiras se encaixa na cidade de Salvador? O surdo, o outro para o ouvinte, é visto dentro de que espécie de pedagogia citada por Skliar? Complicada resposta. Talvez um pouco de cada, dependendo da pessoa, do momento, do lugar e das atitudes dos envolvidos.

Uma escola de surdos feita pelos próprios surdos seria possível? Atualmente em Salvador lugares como a AESOS<sup>35</sup>, APADA<sup>36</sup>, CAS Wilson Lins<sup>37</sup> ... Que podem auxiliar o surdo, mas são comandados por ouvintes.

Até quando a educação do surdo estará somente nas mãos de ouvintes? Até quando será negado o direito do surdo a uma educação de qualidade? Possivelmente até o dia que o surdo baiano acordar perceber que toda sua motivação e fortalecimento dependem de si mesmo e da capacidade de participar, requerer e lutar pelo que necessita, deseja e vislumbra para seu presente e futuro.

#### 5.4 – ALTERIDADE: A EXISTÊNCIA DO OUTRO

“Quando procuro minha existência, não a procuro em mim.”

Skliar

O outro deve parecer com o que inventamos dele. O outro possui um vínculo entre nós e ele que não pode ser rompido. Ele nos dá percepção da alteridade e de nós mesmos. “[...] sobre espaços que [...] certamente, respiram seu próprio ar.” (SKLIAR, 2003: 103)

*Diferente*, em sua raiz latina: *dis*, como divisão e/ou como negação; *ferre*, que significa levar com violência, arrastar. O outro diferente, que é arrastado

---

<sup>35</sup> Associação Educacional Sons do Silêncio.

<sup>36</sup> A APADA-BA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do Estado da Bahia).

<sup>37</sup> O CAS Wilson Lins - Centro de Formação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com surdez que é ligado à Escola Estadual Wilson Lins.

a partir de uma identidade original e localizado como seu oposto, negativo. (SKLIAR, 2003: 61)

Baudrillard (apud SKLIAR, 2003: 148) revela que a alteridade é dual, com características fechadas, ou melhor, “*o outro, a alteridade, só se dá em uma relação dual, nunca múltipla ou plural*”. Baudrillard expõe assim as trocas de experiências se revelam mais favoráveis à percepção se for entre duas pessoas; como se houvesse uma centralização maior do foco, do objetivo da troca.

O outro para a sociedade baiana é o surdo baiano, e tal sociedade aponta por onde ele deverá caminhar, o que deverá adquirir por cultura e língua. Tenta moldar o surdo de acordo com o que deseja e considera por ideal.

[...] somos nós que decidimos como é o outro, o que é que lhe falta, de que necessita, quais são suas carências e suas aspirações. E a alteridade do outro permanece como que reabsorvida em nossa identidade e a reforça ainda mais; torna-a, se possível, mais arrogante, mais segura e mais satisfeita de si mesma. (LARROSA & PÉREZ DE LARA apud SKLIAR, 2003: 119)

Esta mesma sociedade não deve esquecer de que ela também é o outro. No ponto de vista de que “*todos somos, em certa medida, outros.*” (SKLIAR, 2003: 23). Para o surdo baiano a sociedade em que vive corresponde ao outro, cultural e identitariamente diferente dele. Se esse outro não estivesse presente (SKLIAR, 2003) no contexto mundano, não haveria o eu. Não haveria a troca social. Não haveria a diversidade cultural que se apresenta.

Ouvintes sempre se indagam como o surdo vive. Como é a vida e as trocas sócias em uma comunidade surda desse outro que está tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Tal como Lane apresenta:

É melhor ser-se surdo ou ouvinte? [...]. Obviamente que esta questão não tem qualquer sentido, a não ser em relação a um determinado <<âmbito>> cultural. Saber o significado de se ser membro da comunidade dos surdos, é o mesmo que imaginar como pensaria, como se sentiria e reagiria se tivesse crescido surdo, se a linguagem gestual fosse seu principal meio de comunicação, se os seus olhos fossem as portas da sua mente [...] se, numa só palavra, fosse surdo. (LANE, 1992, 27)

Quando falamos de alteridade muita coisa pode ser possível, tal como convívio, comunicação, etc., porém isto requer uma dualidade na qual a interação será baseada. Skliar (2003) fala sobre a alteridade deficiente que remete não ao indivíduo ou grupo de indivíduos deficientes, mas sim a sua invenção, sua produção como outro.

Em todo outro (*autre* se refere a todo o outro, em termos gerais; *autri*, por outro lado, poderia se traduzir pelo *próximo*, a outra pessoa) existe o próximo – esse que eu sou, esse que é diferente de mim, mas que posso compreender, ver e assimilar – e também o outro radical impensável. (SKLIAR, 2003: 26)

Este contexto de mundo, de sociedade, essa relação “[...] *de ser o outro – a outra – desse Uno do qual aparentemente todos e todas fazemos parte.*” (PÉREZ DE LARA apud SKLIAR, 2003: 12), não pode ser deixada de lado. O outro, e o eu, são simétricos. Alteridade vinculada em compreender o outro para compreender a si mesmo. Pensar como é o outro de nada adianta.

Necessita-se viver o outro. Viver sua rotina diária em busca do que precisa. É fácil afirmar sobre o surdo, sobre sua cultura, sobre sua necessidade de empoderamento. Difícil é colocar-se no campo de batalha para junto a outros sujeitos surdos lutar pelo que se deseja. E isso não se refere somente a ouvintes, muitos surdos se indisponibilizam diante da necessidade de união visando um fortalecimento cultural, sócio-educacional e identitário.

## 6. IDENTIDADES

“Cada criatura traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”.

Machado de Assis

“*Não me perguntem quem eu sou e não me digam para permanecer o mesmo*” (BILLOUET, 2003: 121). Billouet cita Foucault quando este afirma sobre a diversidade de escolhas para a resposta do “quem sou eu”. Foucault sabia que as identidades são múltiplas e decorrentes do momento vivido pelo sujeito social.

Dentro de uma sociedade, a diversidade de identidades escolhidas, usadas, oprimidas, favorecidas pode ser caracterizada por um leque de opções como sexualidade, linguagem, hábitos, jogos, pensamentos, raciocínio, sentimentos, desejos, ações, etc. Se uma comunidade tem uma identidade diferente da outra, e se aquela é majoritária, ela irá impor a sua cultura, sua marca identitária. Uma marca de identidade cultural. Ao que uma comunidade aceitará, ou não.

Identidade é referente à subjetividade, ou seja, um espaço de ‘luta’ entre o mundo interno (indivíduo) e o mundo externo (social); tendo por resultado tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de valores em uma cultura que se associarão à experiência histórica do indivíduo e da comunidade que habita, afinal é a subjetividade que auxilia na relação com o outro.

Sendo corpo e consciência, ao mesmo tempo, o sujeito é objetividade (pois é corpo) e subjetividade (pois é consciência), não podendo ser reduzido a nenhuma destas duas dimensões. O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social. Fazendo-se na pluralidade do contexto, o sujeito, como singularidade humana, está tecido no mundo e caracterizado por uma situação específica. Nela ele se movimenta, se constrói e produz a história, à luz de um projeto. Impulso em direção ao ainda não existente e, simultaneamente, inserido em condições objetivas que a situação lhe impõe, o projeto é a própria práxis vivida no cotidiano. (MAHEIRIE, 2002)

Identidade tem por simples significado “*caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.*” (FERREIRA, 2000: 371). Ou ainda pode

ter por significação “o ato de perceber afinidades ou compartilhar sentimentos ou idéias com alguém.” (FERREIRA, 2000: 371).

Pela própria natureza a identidade pode ser encontrada movida por sentimentos opostos ou similares percebidos em um mundo plural, diverso. “A imagem da ‘fraternidade’ é o símbolo que se tenta alcançar o impossível: diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos.” (BAUMAN, 2005: 16). É percebendo essas semelhanças ou diferenças que o sujeito surdo se identifica, se encontra ou não no outro. Cita-se o depoimento de um surdo entrevistado:

*Eu morava no interior, cresci sem nenhuma referência de que eu era surdo. Muitas vezes pensei que só havia eu de surdo. Com doze anos, minha família foi para a cidade para eu poder ir à escola, lá eu me senti surdo, me identifiquei com outros surdos e percebi que não era o único, no interior eu estava sozinho.. E ali descobri que não. Senti-me aliviado. (Acaiah)*

“O ser e o é, com suas respectivas negações – não ser, não é – e suas próprias ambigüidades [...] dominam ainda boa parte do pensamento contemporâneo sobre identidades” (SKLIAR, 2003: 46). Assim como a célebre frase de Shakespeare: “Ser ou não ser, eis a questão”<sup>38</sup>; a identidade é o que se pode ou não ser dependendo das escolhas que se faz.

Se o surdo não conhece outros surdos, ele não terá referência cultural nem identitária. Por muitas vezes pensará ser o único surdo que há no mundo, assim como A. disse acima. O que também pode ser visto no depoimento de um surdo baiano:

*Na escola eu não tinha comunicação, morava no interior e quando me mudei pra Salvador eu encontrei outros surdos. Eu antes pensava que era o único surdo; encontrei outros surdos e vi que tinha comunicação, que isso era possível. (Ariel)*

Apesar de estar intimamente ligada ao fator de convívio social, a identidade também se liga ao fator temporal. Afinal, a identidade é mutável como o tempo e é através dele que se altera. O tempo presente, a vida presente...<sup>39</sup>

[...] tempo paradoxal que é produto do surgimento de identidades, posições ou localizações do sujeito, que antes eram ignoradas, silenciadas,

<sup>38</sup> William Shakespeare. In: Hamlet, Príncipe da Dinamarca. Ato III. Cena I.

<sup>39</sup> Alusão ao poema ‘Mãos dadas’ de Carlos Drummond de Andrade. “O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes, a vida presente.” In: Alguma Poesia, São Paulo: Record, 2001.

colonizadas e/ou traduzidas a um tempo e um espaço único de representação. Identidades de sujeito que hoje estão presentes no *aqui* e no *agora*. Entretanto: como essas identidades são expostas, fixadas, traduzidas em termos de temporalidade? (SKLIAR, 2003: 46)

Mas mesmo assim, a identidade não pode ser indefinidamente domesticada, o tempo, mutável, produz uma identidade dentro de um modelo executado em um momento, em um fragmento do que se vive no momento. Temos então que uma identidade que será produzida dentro de fatores como convívio, tempo, influências...

Skliar (2003: 100) cita De Marins ao se referir a solidez na construção da identidade de si mesmo e da comunidade como “[...] *faíscas que hoje se apagam e que amanhã podem aparecer reavivadas, corrigidas, aumentadas.*” É a aprovação da mutação das marcas identitárias, da volubilidade da identidade.

Troca de escolhas, de entendimentos, da representação do ser e do viver. Acaso a árvore, como a metáfora da introdução desta dissertação, escolhe aonde sua semente, aquela da qual veio, irá germinar? Não. Não há possibilidade de escolha. Há possibilidade de reconhecer o ambiente e os elementos a sua volta para, assim, florescer.

Ela, a identidade, pode ser ainda “[...] *uma identidade que serve somente para nossa identidade*” (SKLIAR, 2003:149); como princípio de identificação com o outro, com o mundo em que vive e sua diversidade de escolhas. Segundo Skliar, não podemos saber onde começa ou onde termina uma identidade; qual o limite existente nela ou como ela se apresenta.

Nossa questão é sempre a identidade. O que é a identidade, esse conceito cuja transparente identidade consigo mesma sempre se pressupõe dogmaticamente em tantos debates sobre o monoculturalismo ou sobre o multiculturalismo[...]. (DERRIDA apud SKLIAR, 2003: 136).

A sociedade ao excluir e negar a identidade do outro, quebra a identidade do sujeito. Gera uma rejeição, uma negação de quem este sujeito é e do que ele representa nesta mesma sociedade; sendo assim “[...] *o outro que é obrigado, impelido a mover-se de uma forma muito particular entre sua percepção do ontem, do hoje e do amanhã*” (SKLIAR, 2003: 56).

A necessidade de mover-se está relacionada à necessidade de ter ‘jogo de cintura’, isto é, saber movimentar-se dentro de diversos contextos, que o oprimem ou não. E, assim, saber como continuar com sua identidade e cultura mesmo num contexto social em que a maioria domina e tenta, a todo custo, impor sua vontade, mesmo que para isso massacre o outro.

Isso nos leva a pensar que essa imposição, essa norma, tenta atrair para si todas as identidades e, assim, continuar no domínio sociocultural. Ter-se-ia assim uma identidade específica, aceita como modelo a ser seguido por todos os membros sociais. “[...] *identidade normal é natural, desejável, única*” (SILVA apud SKLIAR, 2003:188). Entretanto, isso não será aceito incondicionalmente dentro da heterogeneidade social mundana. Muitos sujeitos perceberão a opressão e não aceitarão ser dominados. Silva (apud Skliar, 2003: 188) explica esse domínio ao expor que:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.

Ou ainda mais especificamente, ao se referir a uma polaridade entre identidade positiva e negativa, algo para equivaler à norma social:

Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (SILVA apud SKLIAR, 2003: 188)

Identificar-se como o outro, transformando-o em parte do mundo que o rodeia. Perceber o que o outro possui e ob que favoreça a identificação de um com o outro. Identidade como metamorfose, uma construção do sujeito como parte de um processo “[...] *dialético histórico-social, construindo-se como ação e contradição em um cotidiano determinado [...]*” (GÓIS, 1995: 49). Cotidiano determinado que representa os contextos vivenciados pelo indivíduo e suas escolhas momentâneas. E tais contextos se expressam no viver e no conhecer diários.

Viver e conhecer são mecanismos vitais. Conhecemos porque somos seres vivos e isso é parte dessa condição. Conhecer é condição de vida na manutenção da interação ou acoplamentos integrativos com os outros indivíduos e com o meio (RABELO apud VIEIRA, 2004).

Identidade pessoal, comunitária, social. Uma identidade particular e geral. Uma identidade singular e plural. Singular do ponto de vista das escolhas do eu. “*A identidade constitui-se como fenômeno histórico-social no desdobramento de um fenômeno natural, ao mesmo tempo, particular e universal [...]*” (GÓIS, 1995: 50). Plural pela influência e interferência do mundo e seus contextos. O sujeito é formado pela associação do que assimila no coletivo, no cotidiano, naturalmente.

Multiplicidade cultural e cotidiana que também notada e transpassada para a questão da identidade, visto, como dito anteriormente, que esta pode ser mutável e flutuante, respeitando as características humanas e suas nuances. Ao pergunta-se o que é a identidade, a resposta pode estar dentro do outro.

Diante de cada pergunta sobre identidade, a suspeita de que o eu mesmo se instala comodamente em seu lugar. Diante de cada interrogação sobre a identidade do outro, responde sempre à ipseidade do eu. O poder do eu que fala da diferença do outro. (SKLIAR, 2003: 136)

Entende-se identidade como o valor pessoal de cada um, sua singularidade, sua marca de personalidade.

*Alguns surdos não se aceitam como surdos preferem continuar somente como oralizados. Cresceram sem informação, sem percepção do que é ser surdo, sem contato com outros surdos. Pensa que pode perder algo, traumatizados sobre o que vêem na sociedade. Porém com o tempo alguns mudam a forma de pensar e se aceitam como surdo. (Acaiah).*

Pode-se transcorrer sobre diversos tipos de identidade, dependendo do momento em que elas se revelam ou são requisitadas. Identidade vem a ser definida por Perlin como:

[...] algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode freqüentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições. (PERLIN apud SKLIAR, 2005: 52)

Identidade individual é a descoberta de si mesmo, de quem se é e do que se pode vir a ser, mas respeitando a individualidade de cada um, podendo ser encontrada em outra pessoa de forma parecida. Haverá sempre a diferenciação de um para outro. Escolhas e modos de vida podem ser iguais, mas identidades, suas nuances e exposições podem vir a ser diferentes. Cada pessoa tem seu jeito próprio de transparecer isso.

Isto vale para a constituição do sujeito singular ou se preferirmos falar, para a identidade singular, para a identidade coletiva, entendidas em uma dimensão temporal que implica relação com o passado, o presente e o futuro. Por meio destas questões, podemos dizer que o sujeito, ou a identidade, são construídas por oposições, conflitos e negociações, sendo constantemente inventada por estes sujeitos, em um processo aberto, nunca acabado. (MAHEIRIE, 2002)

Identidade que tem caráter social - interação do eu com o outro e o que pode acontecer a partir disso; além da identidade com caráter político - conscientização do surdo diante de sua realidade, desafios e possibilidades com o mundo a sua volta – em virtude da necessidade

de repensar o sujeito social, o homem, a partir do antropocentrismo. Ou seja, do homem como centro de um universo e que no qual representa um papel em relação dominante ou dominado, de influenciante ou influenciado a algo ou outro alguém.

O homem [...] é este ser vivo que, de dentro da vida a que pertence inteiramente e pela qual é perpassado em todo o seu ser, constitui representações graças às quais vive, e a partir das quais detém essa estranha capacidade de representar justamente a vida. (FOUCAULT apud BILLOUET, 2003: 78)

Identificar-se, visando esse contexto, com o outro gera um crescimento social, individual e político. E a identidade individual é a descoberta de si mesmo, de quem é e do que pode vir a ser. Em se tratando do surdo, identificar-se é questão de valorização lingüística e cultural. É empoderamento de uma comunidade, é empoderamento de si mesmo como sujeito surdo, como Ser Surdo.

A identidade pessoal e a identidade social de uma pessoa, antes de mais nada, dependem do cuidado que os outros têm de a definir [...] a identidade em si é, antes de tudo, uma realidade subjetiva, reflexiva, necessariamente experimentada pelo indivíduo em questão (...). Certamente, o indivíduo se vale, para construir uma imagem de si mesmo, de materiais iguais aos utilizados pelos outros para construir-lhe uma identidade social e pessoal. (GOFFMAN apud PAUGAM, 2000:61)

Das muitas identidades que o sujeito pode possuir essa dissertação foca primordialmente as identidades surdas – *“As identidades surdas estão nos sujeitos surdos e se constituem de diferentes formas e a partir de diferentes representações e concepções.”* (PERLIN, 1998: 39).

Identidades no plural porque não se fecham em uma só. São múltiplas, complementarem, singulares... Variando de surdo para surdo, de momento para momento... Dependo de aceitação, compreensão e, fundamentalmente, do fortalecimento.

## 6.1 – IDENTIDADES SURDAS

“A Natureza me tirou a audição, mas me deu a visão e a inteligência.”

Carilissa Dall’Alba

Identidade. Quem sou eu? A quem sou igual? A quem sou diferente? Descoberta de si, do outro e do mundo que o rodeia; descoberta de valores, cultura de semelhança; percepção do que se *é* e do que pode *vir a ser*. Identidade surda. Eu? Surdo? Como? Identidade surda é o como o ar que sacode as folhas das árvores. É o ar que os surdos respiram, inspiram, transpiram...

Eu tinha necessidade que me explicasse o mais simples detalhes da vida, como ela é e o porquê dela ser. Isso não ocorre quando se tem um “código umbilical”, as duas pessoas envolvidas não conseguem ver ou sentir que a surdez existente, apenas elas são testemunhas da existência de uma comunicação, olhos e olhos, mente e mente, não há necessidade de falar e sim de agir. (VILHALVA, s/d, 15)

Identificar-se com o outro é simples e complexo. É a partir do outro, do contato com outro sujeito surdo que a identidade é descoberta e fortalecida. Tal identidade surda só será construída pelo encontro surdo-surdo (ARRIENS, 2006). É o semelhante, as mesmas aptidões e necessidades, é o ‘espelho’, o estímulo, que levará o surdo a se descobrir enquanto ser surdo.

A transição da identidade vai se dar no encontro com o semelhante, onde novos ambientes discursivos estão organizados pela presença social dos surdos culturais. A aproximação dos surdos é um passo para o encontro com outras possibilidades de identidades surdas. (PERLIN, 1998: 30)

A projeção da identidade do surdo encobre as diferenças de idade, classe social, sexo, e de etnias, as quais seriam mais notáveis na sociedade dos ouvintes (LANE, 1992). Ou como revela Perlin (apud Skliar, 2005: 62): “*Identidades surdas estão presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso da experiência visual propriamente dita*”. Mas como se cria, se descobre uma identidade surda? Recorre-se a Perlin para elucidar tal pergunta:

A convivência nos movimentos surdos, aproxima a identidade surda do sujeito surdo. A união de surdos cria outras “nuvens” de relações que são

estabelecidas em um parentesco virtual. Este parentesco virtual das identidades surdas, se sobressai no momento da busca de signos próprios com um vasculhamento arqueológico: proximidade surdo-surdo, entaves e conquistas na história, pensar surdo, cultura surda... (PERLIN, 1998: 34).

A identidade surda é uma luta instável e nunca será fixa (PERLIN, 1998). Os surdos viveram muito tempo sem serem capazes de se mostrarem, de mostrarem sua língua e cultura. Não possuíam direitos como sujeitos de uma sociedade. *“Por isso, ser surdo é uma identidade que se aprende em grupo e só pode ser aprendida no grupo dos surdos.”* (PERLIN, 1998: 34).

Sim, a identidade surda será aprendida e apreendida no grupo de surdos. Porém, relevante ressaltar que não há identidade pura, única, como se somente houvesse uma maneira de viver do surdo. Algumas pessoas por vezes usam o terno ‘surdo legítimo’ para diferenciar surdos oralizados, ensurdecidos, D.A., dos surdos nascidos em famílias surdas e sendo eles próprios surdos.

Querer legitimar um grupo de surdos para assim hierarquizar alguns dentro da cultura surda seria válido? Possivelmente não. Surdos são surdos, independente de onde vem. Se fosse assim, não haveriam surdos ‘legítimos’ em Salvador, uma vez que maioria desde criança ou adolescente sempre tiveram contato com a cultura ouvinte e a língua oral.

O imprescindível é considerar é o que ele faz, como se comporta no momento presente que o caracterize, que o insira na comunidade surda. Como ele age, pensa ou usa a língua de sinais. Legitimar uns e descaracterizar outros é fazer uma fronteira dentro da própria comunidade surda. É ignorar anos de luta de um povo em troca de um *status*, o que não é o desejável.

Perlin (1998) enumera e analisa as identidades surdas. Apontando que as identidades são contraditórias, cruzam quadros políticos, mudam de acordo com o sujeito e são formadas pelo pertencimento a uma cultura. Imprescindível lembrar que as identidades mudam de sujeito para sujeito e que cada ser, apesar das influências do meio que vive, é único.

Em se tratando da cidade de Salvador e classificando as identidades surdas percebe-se que na referida cidade existe alguns dos tipos citados. É preciso reafirmar que o surdo baiano muitas vezes renega uma identidade porque não sabe o que é identidade, cultural e empoderamento da comunidade surda. Como revela uma das entrevistadas:

*O surdo não aceita a identidade, porque ele não sabe o que é identidade. Precisa mostrar o que é identidade, que é direito meu de ter identidade e cultura surda. Ele não aceita porque falta informação, de contato, de ir na associação de surdos conhecer outros surdos, bater papo; também falta*

*política, falta argumentar, discutir, que precisa de escola... Sempre dia 26 de setembro fazer caminhada pedindo direitos, escola, intérprete. É difícil, mas é importante a identidade surda. (Daniel)*

Como muitos surdos são filhos de pais ouvintes e interagem com os dois mundos toma-se como uma das identidades da comunidade surda baiana: a identidade híbrida, ou seja, “*é uma espécie de uso de identidades diferentes em diferentes momentos, ou seja, conhecem a estrutura do português falado e usam-no como língua*” (PERLIN, 1998: 40). Isso pode ser observado em surdos que após receberem a informação, transformam-na em língua de sinais.

*Eu cresci oralizado, nem eu nem minha família sabíamos língua de sinais. Depois que eu já tinha me acostumado com a oralização é que eu descobri surdos. Eu oralizava e via a língua de sinais como uma língua muito diferente. Na comunidade surda eu comecei a aprender, perceber, sobre a língua de sinais e informações. Entre a língua de sinais e a oralização eu preferi a língua de sinais. A família me fez crescer oralizando, agora aprendo a língua de sinais, cultura e identidade. (Aniel)*

Torna-se a citar Perlin (1998: 41): “*Os surdos que nasceram surdos usam sua comunicação em sinais. Esse surdo que nasceu ouvinte terá sempre presente as duas línguas, mas a sua identidade teria de ir ao encontro das identidades surdas*”. Possuir uma identidade híbrida é andar em um caminho de mão dupla, mas de encontro com sua metade mais forte: a surda.

Há visivelmente a identidade em transição na comunidade surda. Tal identidade é referida por Perlin (1998: 43) como uma “*situação dos surdos que foram mantidos sob o cativeiro da hegemônica representação da identidade ouvinte e que passam para a comunidade surda, como geralmente acontece*”. A identidade em transição se apresenta no momento em que o surdo toma contato com o a cultura surda, modificando assim seu entendimento do que se é.

*Nasci surda, mas até os doze anos eu não tinha contato com surdos. Somente encontrava ouvintes, às vezes minha prima combinava e eu ia encontrar amigos ouvintes. Minha irmã também é surda e nós gostamos do contato e cada vez mais conhecer surdos, passear, praia e ter uma comunicação diferente na qual havia o contato com a LIBRAS, surdos e intérpretes. (Omael)*

O depoimento acima revela a transitividade de uma surda. A falta de contato com surdos e o convívio com ouvintes foram modificados com a inserção da mesma e de sua irmã, também surda, na comunidade. Transição não finalizada, mas sim constituída passo a passo não somente as duas surdas, mas como também por inúmeros surdos baianos.

O fato de alguns surdos não se aceitarem ou preferir denominar-se como D.A. (deficiente auditivo) é característica de uma identidade surda incompleta, ou seja, uma identidade que absorve “*a hegemonia dos ouvintes exerce uma rede de poderes difícil de ser quebrada pelos surdos, que não conseguem se organizar em comunidades para resistirem ao poder*” (PERLIN, 1998: 43). Como se o D.A. fosse mais bem aceito na sociedade baiana do que o surdo.

*Alguns surdos sinalizam, aceitam bem a LIBRAS. Surdos D.A. que ouvem parcialmente sentem vergonha de usar a língua de sinais, preferem oralizar porque estão presos no estigma social de que a pessoa que usa a língua de sinais é deficiente; esses surdos precisam ainda entender a identidade deles. Hoje eu tenho certeza que prefiro a língua de sinais e minha identidade surda. (Caliel)*

Diante de toda diversidade existente na sociedade baiana não se pode negar a existência de identidades flutuantes em alguns surdos. Como se estes soubessem serem surdos, mas negarem tal fato por irem de encontro ao pensamento da sociedade ouvinte e as relações de poder que ela representa. Assim, identidade flutuante, segundo Perlin (1998: 46).

[...] permite ver um surdo “consciente” ou não de ser surdo, porém, colonizado pelos ouvintes que continuam determinando seus comportamentos e aprendizados. Existem alguns surdos que querem ser ouvintizados a todo custo. Desprezam a cultura surda, não têm compromisso com a comunidade surda. Outros são forçados a viverem a situação como que conformados a ela.

É preciso lembrar que a identidade muda de sujeito para sujeito, e de momento para momento, ela não é fixa. Não há um modelo para a identidade do sujeito surdo; a identidade sofrerá modificações de surdo para surdo em vista de suas representações históricas, sociais e visuais. Assim como dependendo do momento o surdo pode identificar-se com um, com outro ou com diversos grupos simultaneamente.

Focando o surdo, estas identidades foram analisadas em três diferentes pontos: como a identidade é negada, como ela é descoberta e como pode vir a ser fortalecida.

A identidade negada é percebida pela influência da sociedade ouvinte e a relação de poder – existente em rede, com sujeitos sofrendo e exercendo poder. Alguns surdos em Salvador nega sua identidade por ser vítima do preconceito, do ouvintismo<sup>40</sup>, da falta de

---

<sup>40</sup> Segundo Skliar, ouvintismo é “*um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte.*” (Skliar, 2005: 15)

informação e da estigmatização dada pela sociedade. Como se pode comprovar com o depoimento:

*Fui fazer uma palestra para surdos e ouvintes no interior. A língua de sinais era mais usada pelos ouvintes do que pelos próprios surdos. Estes gestualizavam mais, não tinham um domínio da língua de sinais. Uma surda se aproximou de mim, oralizando e sinalizando, ambos precariamente, e perguntou se eu era surdo. Respondi que sim, igual a ela. Ao que ela rebateu dizendo que não era surda, era ouvinte e a prova disso era que ela oralizava. (Ariel)<sup>41</sup>*

Percebe-se com esse depoimento que o surdo nega sua identidade e sua língua a favor do que a sociedade aponta como certo. Este surdo tenta se passar por ouvinte, afinal, “[...] o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação [...]” (PERLIN apud SKLIAR, 2005: 59).

O surdo referido acima não se aceita em lugar nenhum. Não tem uma identidade surda, quase não conhecem ou conhece poucos surdos, convivendo parcialmente com eles. Tenta, desse modo, se passar por ouvinte, mesmo não tendo possibilidade. Para ser assim parte de um mundo que não é seu. Assim:

O surdo como membro de uma sociedade, vive relações de poderes que, muitas vezes, os subjagam, como grupo cultural, a uma subalternidade. E, nem sempre, nesses lugares, ele consegue sentir-se como surdo e ver os seus companheiros como modelos surdos. (PERLIN, 1998: 37)

Necessário lembrar que o surdo não é isolado da comunidade surda. Cada surdo possui contato com outros surdos, os quais são parte de grupos dentro da comunidade surda baiana, conforme já foi explicado anteriormente. Porém, a negação da identidade é comprovada e existente. O que é destacado por outro surdo baiano:

*Eu não sou surdo. Sou DA. se eu falar que sou surdo eu não consigo o que eu quero. Eu oralizo bem. Se eu falar que sou surdo não tenho salário bom, trabalho bom, nem namorada ouvinte. Eu perco. (Uriel)<sup>42</sup>*

Negação da identidade, neste caso? Sim. O surdo em questão usa uma ‘máscara’ social. “Sou D.A.”. Dizer que é deficiente auditivo como se quisesse pertencer ao mundo ouvinte somente, mas sabe que não pode por ser surdo. Mascara a identidade surda com o D.A. para assim tentar ser aceito, ainda que parcialmente, na sociedade ouvinte.

<sup>41</sup> Depoimento concedido informalmente. Ariel contava à pesquisadora o fato ocorrido com ele por meados de novembro de 2007 em uma cidade do interior da Bahia.

<sup>42</sup> Depoimento concedido informalmente. Uriel encontrava-se na mesma roda de conversa que a pesquisadora quando revelou sobre o fato de preferir ser chamado de DA.- deficiente auditivo – do que de surdo.

Muitos surdos de caminham nos dois mundos – o ouvinte e o surdo - cresceram em famílias ouvintes e possuem contato com a comunidade surda. Este surdo possui uma identidade momentânea, uma identidade híbrida. O surdo vivente nas duas culturas tenta conciliar duas línguas, dois mundos. Ora ele age segundo a cultura surda, ora como a cultura ouvinte. É uma identidade a ser fortalecida, isso porque este sujeito surdo tem consciência da cultura surda.

O descobrir a identidade está na identificação com o outro para, assim, identificar-se com si próprio. E onde está o outro? Onde encontrá-lo? O outro pode estar perto e tão distante. Pode estar à distância de um olhar. É no grupo que a identidade floresce, abraçando os elementos culturais existentes na cultura surda. É a comunidade surda que fornecerá os alicerces fundamentais para o empoderamento do surdo enquanto sujeito.

Para que o surdo quer uma identidade se esta é massacrada se pela sociedade ouvinte e por muitos surdos também? *“A identidade pulsa em ritmos de diferenciação e integração, evidenciando a indissolubilidade da vivência do ser-não-ser.”* (GOIS, 1995: 40). Resposta para essa pergunta é simples: o surdo deseja sua identidade e luta por ela pelo simples fato de nela se reconhecer, se descobrir.

Tornando-se com isso um sujeito singular. *“O fato de que os surdos não possam – e talvez nem queiram, em sua grande maioria – ser ouvintes ou ser como os ouvintes, não parece ser um obstáculo para as representações dominantes na educação dos surdos”.* (SKLIAR, 2003: 20)

O que falta ao surdo é fortalecer sua identidade. Ou seja, fala ao surdo se aceitar, se orgulhar, ser influente e, com isso, influenciar a comunidade surda. Conhecer seus direitos, sua língua, sua cultura, compartilhar suas experiências com outros surdos. Motivando assim uma melhoria social, cultural e identitária a ais mesmo e aos outros surdos.

Ressalta-se que as identidades surdas citadas não desejam o rótulo de melhores ou piores que outras identidades que um sujeito pode usufruir. O que se almeja é afirmar-se como dotado de valores e disposto a lutar pelo reconhecimento cultural do surdo. Não se deseja o isolamento, mas sim a interação sociocultural que tais identidades podem favorecer. Lembrar-se-á que é a diversidade que move o mundo, mas isso só ocorre se esta diversidade se interligar; e a sociedade somente avançará para um reconhecimento identitário se souber respeitar e contribuir para o desenvolvimento de identidades sejam elas quais forem.

## 6.2 – O NEGAR, O DESCOBRIR E O FORTALECER DA IDENTIDADE SURDA

“Depois de ter olhado naquele buraco, naquela fechadura, você entende que nada nem ninguém pode tirar a essência de você.”

Anônimo

Negar, descobrir e fortalecer uma identidade. Etapas da experiência surda em uma sociedade ouvinte que preza relações de poder, imposições e, em algumas brechas, direito ao respeito do surdo.

Nossa existência como surdos, hoje tem a sensação de viver nas fronteiras do deslizamento, do trânsito em espaço e tempo que se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e de identidade, uma sensação de falta de orientação, de direção. O espaço do povo surdo é esta sensação de segurança para onde sempre de novo voltam os surdos (PERLIN, 2003: 114).

A comunidade surda soteropolitana é desprestigiada, e, por conseguinte, estigmatizada. Cultura visual que ainda é vista como inferior e pouco desenvolvida. Esquece-se facilmente que o sujeito surdo tem fatores históricos marcados, impossíveis de serem esquecidos ou ignorados. São marcas de vida, de luta, de perdas e ganhos. São marcas de vitórias – como a conquista da Lei de LIBRAS, após mais de vinte anos de luta – ou de impossibilidade diante de preconceitos sociais.

Na sociedade o negar é evidente, como já foi descrito anteriormente; o descobrir é tarefa atual, o surdo, em contato com a língua de sinais e a cultura surda desenvolve-se e retém conhecimentos indispensáveis a um contínuo crescimento de si mesmo e em vista disso da comunidade que habita.

O fortalecer é uma luta constante. O que é inicialmente fortificar a si mesmo, ao outro, à comunidade surda, ao povo surdo, à sociedade... Empoderar é fortalecer, é cultivar uma relação de troca, de interação e de compartilhamento. É resistir à opressão ouvinte e expor sua cultura.

O surdo na experiência do ser surdo se sente o outro e as resistências, devido a imposição da experiência ouvinte não são acompanhadas de silêncio, são resistências povoadas de significados. (PERLIN, 2003: 104)

Nesse fortalecer, tem-se contato com o *deafhood*<sup>43</sup>, o Ser Surdo. Termo cunhado por Perlin (2003), Ser Surdo está relacionado com a identidade surda, no sentido dos surdos reconhecerem-se enquanto surdos de forma positiva. É ser, pertencer a um grupo, uma condição particular de um determinado grupo de pessoas com uma cultura, uma história e uma língua de sinais. Ousa-se citar aqui a tradução do conceito do deafhood contido na tese de Perlin:

Deafhood declara que o como nós temos sido nesses últimos 120 anos não é tudo o que somos de verdade. [O conceito Deafhood] afirma que existe um senso Surdo de ser, tanto dentro do indivíduo quanto no coletivo, tal qual um rio, que se propulsiona contra a barragem e não pode descansar enquanto não encontra uma forma que o conduza ao mar da vida, onde todas as almas são capazes tanto de encontrar sua auto-expressão integral quanto se interpenetrarem. (LADDY apud PERLIN, 2003: 118)

Por isso a importância e da necessidade de contato e trocas entre os sujeitos surdos para a formação e desenvolvimento de uma identidade surda fortalecida. Por isso se deve lutar por direitos e por espaço do povo surdo. É, com este objetivo, que a comunidade surda e necessariamente o povo surdo irá adquirir fortalecimento do ser surdo.

Povo surdo que deve ser constituído na comunidade surda. Povo surdo que conhece a significação de Ser Surdo, sua função articuladas às significações culturais, que traduz a imagem do povo através da memória histórica, estabelece a língua de sinais como língua natural e conhece o espaço de controle do surdo (PERLIN, 2003).

Precisa-se olhar o surdo, o surdo baiano especificamente, como um ator social ao qual é muitas vezes negado seu direito de ser um sujeito dotado de direitos e deveres como qualquer outro cidadão. *“Para existir, tenho de desenvolver, subir, defender, segurar, pois esta é a definição heróica de existência”* (HILLMAN, 2001: 206).

A sociedade nega esse papel e o coloca como fantoche, manipulando-o de acordo com seu desejo e necessidade de colocar-se diante de um papel de ‘boazinha’ para o restante da população e, assim, poder respirar aliviada como se já tivesse feito sua parte e sua cota de ‘escoteirismo’.

Reivindicar o direito de escrever sua própria história, o direito à diferença, o direito ao direito de ser surdo é um passo importantíssimo ao fortalecimento da identidade surda. Não se

---

<sup>43</sup> *Deafhood* é o termo usado Paddy Ladd para definir o Ser Surdo, ou seja, a característica do surdo em se aceitar, se valorizar, utilizar a cultura surda e a língua de sinais de forma a empoderar o povo surdo. O termo *Deafhood* começou a ser discutido no livro *"Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood,"* de Paddy Ladd. (PERLIN, 2003)

trata de segregar ou criar uma fronteira, mas sim de apontar caminhos para que o surdo se valorize e seja valorizado pela sociedade.

Um fortalecimento só acontecerá se os pilares usados nesta dissertação – família, educação, sociedade e o próprio surdo – estiverem em teia, interligados e dispostos a contribuir com uma melhoria à qualidade de vida do surdo. *“O ser e o estar sendo surdos dependem destes significados conectados a sua realidade incomensurável contida na dinâmica do ser”* (PERLIN, 2003: 117).

## CONCLUSÃO

“Ainda que os teus passos pareçam inúteis, vai abrindo caminhos, como a água que desce cantando da montanha. Outros te seguirão...”

Saint-Exupéry

Poder-se-ia continuar pesquisando sobre o tema dessa dissertação. Ainda há muita coisa a ser levantada. Ainda há muito a ser exposto, ainda há muita coisa sob os panos da sociedade de Salvador, mas é preciso finalizar, ou, ao menos, colocar um ponto e vírgula nesta pesquisa. Sim, ponto e vírgula. Porque se espera que tudo o que foi dito aqui sirva para abrir os olhos do surdo. Será ele quem fará a mudança. Deverá ser ele quem diminuirá ou interromperá a incessante dominação e imposição sociocultural que o prende.

Não será fácil, visto que há anos persiste a relação dominante versus dominado, surdo versus ouvinte. Mas sempre haverá uma brecha, sempre haverá a ponta do carretel. Ponta que o surdo baiano deverá puxar e enrolar a linha novamente ao seu modo. Ainda usando essa linha poderá guiar a comunidade surda baiana através do longo caminho ao empoderamento, tal qual Ariadne<sup>44</sup> com seu fio pelo labirinto.

Labirinto que se continua a percorrer na busca de uma saída, de uma sensação de alcançar o que tanto se procura, pelo que tanto se luta ou ainda tenta-se lutar: o direito de ser alguém. Direito que, como se expôs nesta pesquisa, é por vezes negado, oprimido e descartado. Direito de escolha, de poder e de ser.

Não é questão de colocar-se a dicotomia descrita acima em evidência, antes disso mostrou-se aqui que ela existe e isso não se pode negar; mas ela não deve ser o alvo do foco de mudança, essa dicotomia deve ser apenas um degrau. Degrau onde se colocar-se-á um pé de cada lado para assim a comunidade surda, juntamente com a sociedade, firmarem-se e assim poderem alcançar o próximo ‘degrau’ na escada das conquistas e realizações.

Tarefa que não é fácil, obviamente, mas não impossível. Pode-se dizer que seja um pouco sonhadora, mas se o ser humano não possui sonhos ele nada fará. Afinal, para se ter

---

<sup>44</sup> Ariadne, segundo a mitologia grega, era filha do rei de Minos e usou um fio para guiar Teseu por dentro do labirinto do Minotauro. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~hans/mh/fio.html>. Acesso em: 12 de jan. de 2009.

algo é preciso sonhar antes para, assim, realizar. E como disse Skliar (2003: 90), “ninguém é, apesar das aparências, simultaneamente, transversalmente excluído [...]”

Após tudo o que foi dito e analisado, teórica e praticamente, percebemos evidentemente a necessidade de mobilização do surdo diante de suas necessidades observadas no cotidiano. Mobilização seria, portanto, uma palavra de ordem tanto do ponto de vista social quanto educacional. Isso porque tal mobilização gera o fortalecimento e empoderamento cultural que o surdo soteropolitano tanto necessita. Tal como se expressa em: “*É preciso esperar para ver o futuro, se o surdo vai lutar ou não. Não é fácil, demora, precisa lutar sempre*” (Ariel).

Essa luta gera empoderamento que será efetivo no desenrolar das conquistas da comunidade surda de Salvador. Uma vez que ao se fortalecer identitária e culturalmente tem-se o reconhecimento desta comunidade. Fortalecer-se significa lutar e conquistar não somente melhorias mais também a abertura de caminhos a serem trilhados rumo a uma estabilidade, ainda que utópica, do que se adquiriu.

Ao desenrolar da pesquisa muita coisa foi observada e comprovada a partir da diversidade identitária e cultural existente na sociedade baiana e na comunidade surda de Salvador. As identidades surdas pesquisadas foram encontradas como relatado nos capítulos anteriores. Fundamentalmente, não há identidade que seja melhor que outra ou mais importante. Identidades existem de acordo com cada indivíduo, cada sujeito social e suas características peculiares, seus hábitos culturais e sua participação na sociedade em que vive. O surdo não se diferencia disso e integra tal diversidade.

Identidades surdas estão vinculadas a cultura, língua e influências que interagem com os surdos e demais membros da comunidade surda de Salvador. Nesta cidade, o que se precisa é entender de onde vem a negação das identidades surdas, como se pode descobri-las e fortalecê-las para assim ter-se um empoderamento que dará ao surdo artefatos que o auxiliem na valorização de si mesmo e da comunidade surda que pertence.

Retomando os pilares observados nesta dissertação – família, sociedade, educação e o próprio surdo – deseja-se encontrar não o caminho como dito antes, mas o fio que ajudará a tecer argumentos sobre o que for pesquisado, analisado e exposto aqui.

Compreende-se que o contexto familiar é heterogêneo, o que leva a entender as falas dos surdos pesquisados e as inferências familiares.

*Minha família sempre está ao meu lado sem ser benevolente, ensinando e me preparando para o mundo lá fora, sem me tratar com piedade, como*

*“deficiente”, ou seja, sou tratada pela minha família como uma pessoa qualquer q tem audição prejudicada. (Lilah)*

Necessário lembrar que uma família somente apoiará o surdo no desvendar do que se é, de sua cultura e da língua de sinais se a mesma tiver conhecimento sobre o assunto. Se possuir haverá sempre a abertura para um fortalecimento identitário. Caso contrário, o surdo se isolará perdendo contato com o mundo que vivencia. Como revela Gabriel:

*A maioria dos surdos podem se desenvolver precisa receber e transmitir a língua de sinais, a identidade e a cultura surda [...]. Falta somente o estímulo, dar a possibilidade do surdo se desenvolver, valorizando a língua de sinais em primeiro lugar depois o português. Assim o surdo pode conseguir trabalho e melhorar.*

Quanto à sociedade, necessita-se ressaltar que a sociedade, assim como toda e qualquer sociedade, caminha. Ela possui um rumo e precisa focar na concretização dos objetivos para continuar nessa trajetória. Há muito que ser feito, há muito que trilhar. Conscientização será a palavra-chave para que a possibilidade do surdo baiano continuar mostrando-se. Há um futuro e um passado. Há uma história e um novo capítulo que pode vir a ser escrito. Há olhares, visões diferentes, mas certas num ponto: o social, o bem comum e a interação. Essa interação social pode e deve ser melhorada, ampliada e multiplicada. Só é preciso que se abram os olhos, não só os que dão a visão, mas também os olhos da alma e da razão.

Em se tratando de educação o que se pode dizer é que o fundamental é mudar. Mudar para evoluir, crescer e multiplicar não somente saberes, como também o desenvolvimento educacional e social do surdo. Desenvolvimento que apresenta urgência de começar. Desenvolvimento que promoverá novos olhares para velhos conceitos. Educar o surdo é por em prática o que se conhece de teoria possibilitando ao mesmo tempo conquistar não somente melhorias, mas como a capacidade de diferenciar-se não pelo conceito do patológico, mas pela visão cultural de suas potencialidades a serem desbravadas.

O outro é citado, mencionado, iluminado, encaixado em estratégias de imagem/contra-imagem etc., mas nunca cita a si mesmo, nunca se menciona, nunca pode interferir nos jogos de imagens e contra-imagens estabelecidos *a priori*. (SKLIAR, 2003: 114).

Esse outro, o surdo, deve levantar-se e exigir sua participação e findar esta falta de interferências que acarreta a pouca atividade de desenvolvimento observada na comunidade surda soteropolitana.

*Eu acho que sim, o surdo pode sim se desenvolver. É só ele continuar na escola, continuar estudando, tendo intérprete, indo à associação... O surdo tem a capacidade de se desenvolver. Porque a lei obriga a ter escola e políticas; daí a importância do surdo se firmar. (Daniel)*

É pela educação que o surdo terá chance de se descobrir e descobrir o que o rodeia. É pela educação que o surdo disponibilizará meios socioculturais de valorização de sua língua, cultura e das identidades que dispõe. Educação é mais do que mero aprendizado; educação é troca, é interação, é construção de si mesmo e do meio que habita.

O sujeito surdo possuidor de uma cultura e vinculado a sociedade precisa interferir para, conseqüentemente, alcançar avanços e a interação para assim ocorrer a multiplicação que foi referida acima. *“Para desenvolver o surdo precisa de contato, freqüentar a associação, ter escola, faculdade, aceitar a cultura e identidade surda, isso porque se o surdo não tiver contato vai ser difícil se desenvolver” (Ayel).*

As interferências sociais citadas acima são vistas no cotidiano. São interferências culturais, educacionais, situacionais. São possíveis negociações, nem sempre efetuadas, do contexto vivido pelo surdo soteropolitano. Uma rotina que não há possibilidade de negar. Interferências que podem, em sua maioria, modificar a vida do surdo, sua identidade e desenvolvimento social.

As dificuldades e necessidades encontradas ao longo desta pesquisa não são privilégio da comunidade surda baiana e muito menos da sociedade em que se situa. Em todo lugar isso pode ser observado; em todo lugar pode-se encontrar surdos sedentos de melhorias, pessoas envolvidas com a comunidade surda e fatos a que se mostram idênticos em muitos lugares como a falta de valorização da língua de sinais e do trabalho do intérprete, falta de escolas, de leis, de trabalho, de possibilidades de cada sujeito surdo se mostrar como capaz de se desenvolver.

Para tanto é necessário que o surdo modifique o meio em que vive e se situa. Isso só acontecerá através de mudanças educacionais, as quais levarão a mudanças sociais. O que se deixa então para o leitor desta dissertação é o sentimento urgente de melhorias e valorização. O que só será acalcado com o respeito à diversidade, a língua de sinais e ao que o outro é na realidade e não na mitificação.

Voltando à metáfora da introdução, a semente foi plantada. Semente de uma árvore que florescerá e, com bons ventos, semeará outras terras, fazendo nascerem outras árvores. Árvores que para crescerem e florescerem precisarão das mudanças ocasionadas pela conscientização não somente dos próprios surdos como da comunidade surda que, como se sabe, envolve todos aqueles ligados ao surdo. Lembrar-se-á então que uma árvore sozinha dá sombra; duas, tranqüilidade, mas uma floresta mostrará a força da natureza e sua imponência.

Tal como a comunidade surda empoderada, fortalecida, unida, conquistando seus direitos. Tendo sua cultura valorizada e a língua de sinais respeitada. Uma comunidade que será como a floresta da metáfora acima: de galhos abertos e tronco rígido, enfrentando a ventania da vida sem medo de tombar.

## REFERÊNCIAS

- ARRIENS, Marco Antonio. Identidade ouvinte no mundo surdo: do discurso à prática. In: **Anais do Congresso do INES. Surdez: Família, Linguagem, Educação.** 27 a 29 de setembro de 2006. RJ: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BERGER, Peter. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento.** Trad. Floriania S. Fernandes. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. In: **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998. Disponível em: [www.ufrgs.br/cdrom/bhabha/index.html](http://www.ufrgs.br/cdrom/bhabha/index.html). Acesso em: 16 de jul. de 2007.
- BILLOUET, Pierre. **Foucault.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BISOL, Cláudia. A construção de uma identidade cultural de surdos em parceria com pais ouvintes. In: **Espaço informativo técnico-científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).** Rio de Janeiro: INES, 2004. n°22 (jul-dez/2004), p.20-7.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BRASIL. **Decreto n° 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 16 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.libras.org.br/leilibras.htm#3>. Acesso em 15 de junho de 2007.
- CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da cultura.** São Paulo: Cortez, 2003.
- CASTAÑEDA, Hector-Neri. **Identidade e igualdade.** Disponível em: [www.cfh.ufsc.br/~braidida/Identidade.pdf](http://www.cfh.ufsc.br/~braidida/Identidade.pdf). Acesso em: 02 de março de 2008.
- CROMACK, Eliane Maria Polidoro. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. In: **Psicologia ciência e profissão.** Florianópolis, p. 68-77, 2004.
- DIZEU, Liliane C.T.Brito & CAPORALI, Sueli A. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito.** Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 13 de maio de 2007.
- FERREIRA, Aurélio. B H. **Miniaurélio do Século XXI Escolar.** O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Vivência: Caminho à Identidade.** 1 ed. Fortaleza: Viver, 1995.

GOMES, Anangélica Moraes. Peculiaridades do desenvolvimento cognitivo da criança surda. In: **Fórum**. Vol .11 (jan/ jun). Rio de Janeiro: INES, 2005. p: 27-33.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa. Projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILLMAN, James. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência. A comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOPES, Maura C & THOMA, Adriana S. **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. In: **Intervenções**. Disponível em: [http://scielo.bvpspsi.org.br/scielo.php?pid=S1413-9072002000100003&script=sci\\_arttext](http://scielo.bvpspsi.org.br/scielo.php?pid=S1413-9072002000100003&script=sci_arttext). Acesso em 25 de out. de 2008. Jun 2002. Vol 7. nº 13.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? In: **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, nº 3, 1993. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 23 de jun. de 2007.

MORIN, E. et all. **Educar na era planetária**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2003.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PERLIN, Gladis. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. **O ser o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_ & MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. In: **Ponto de vista**. Florianópolis, n.5, p. 217-226, 2003

\_\_\_\_\_. Identidades surdas. In: tSKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, Ronice M. & KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira. Estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

- \_\_\_\_\_. (org.) **Estudos surdos I**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_ & PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos surdos II**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007.
- RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2007.
- ROSA, Emiliana Faria. **Lecionando para ouvintes: desafios de uma professora surda**. Monografia de fim de curso, especialização em Educação Inclusiva. Rio de Janeiro: UCAM, 2005.
- SÁ, Nídia R. Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos**. Tradução de Alfredo de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.
- SANTANA, Ana Paula & BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 13 de maio de 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não tivesse ai?** Tradução. Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_ & LARROSA, Jorge (orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.
- SONS DO SILÊNCIO. In: **Revista da AESOS**. Disponível em [HTTP: www.vni.com.br/comunicacao/revistadaAESOS.pdf](http://www.vni.com.br/comunicacao/revistadaAESOS.pdf). Acesso em: 23 de jun. de 2007.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para a língua de sinais**. Tradução Marianne Stumpf. Florianópolis: UFSC, 2006.
- VIEIRA, Adriano J. H. **Humbero Maturana e o espaço relacional na construção do conhecimento**. Disponível em: <http://www.humanitates.ucb.br/2/maturana.htm>. Acesso em 9 de maio de 2007.
- VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis: Arara azul, 2004.

## ANEXOS

### Índice de anexos

Em anexo, está o questionário e os modelos de entrevista e da discussão para o grupo focal efetuados na cidade de Salvador - Bahia. A finalidade de tal questionário, entrevistas e do grupo focal é observar e aprofundar, além de comprovar o que já havia sido dito, na pesquisa teórica deste trabalho. É preciso lembrar que nem todos preencheram os questionários distribuídos. E os surdos que responderam foram chamados ao grupo focal.

Anexo 1: Modelo do questionário para os surdos baianos

Anexo 2: Questionários respondidos

Anexo 3: Modelo para entrevista individual. Perguntas realizadas com um dos fundadores do CESBA (Centro de Surdos da Bahia) – Associação de Surdos fixada em na cidade de Salvador

Anexo 4: Respostas da entrevista com um dos fundadores do CESBA (Centro de Surdos da Bahia)

Anexo 5: Modelo para entrevista individual. Perguntas realizadas com surdos observados e pesquisados de Salvador

Anexo 6: Resposta das entrevistas individuais

Anexo 7: Depoimento livre

Anexo 8: Modelo da discussão do grupo focal

Anexo 9: Discussão do grupo focal

**ANEXO 1****Modelo do questionário para os surdos baianos**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Questionário para desenvolvimento da Pesquisa “A identidade do surdo baiano: entre o negar, o descobrir e o fortalecer.” Desenvolvida pela mestranda Emiliania Rosa.

1. Nome \_\_\_\_\_

2. Idade \_\_\_\_\_

3. Escolaridade

( ) Analfabeto

( ) Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – completo

( ) Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – incompleto

( ) Ensino Médio – completo

( ) Ensino Médio – incompleto

( ) Ensino Superior

Qual curso? \_\_\_\_\_

4. A educação do surdo em Salvador é boa? O Surdo aprende?

\_\_\_\_\_

5. Profissão \_\_\_\_\_

6. Perda auditiva:

( ) moderada

( ) severa

( ) profunda

7. Há quanto tempo você é surdo? Qual a causa da sua perda auditiva?

\_\_\_\_\_

11. Você se aceita como Surdo? Você preferiria ser ouvinte? Por quê?

\_\_\_\_\_

8. Em sua vida, você acha que a sociedade:

( ) Aceita o surdo como ele é e também sua língua e cultura.

( ) Aceita parcialmente o surdo.

( ) Não aceita o surdo.

Por quê? Explique sua resposta.

\_\_\_\_\_

8. Em sua família, como você se sente:

( ) Rejeitado

( ) Acolhido

( ) Acolhido parcialmente

Por quê? Explique sua resposta.

---

9. Em sua família tem outros surdos? Se sim, quem são?

---

10. Sua família conhece a Língua de Sinais? Usa a LIBRAS?

---

11. Qual a sua convivência com as pessoas do seu trabalho? Explique.

---

12. O que você entende por Cultura Surda? Para que ela serve?

---

13. Como você percebe a identidade surda?

---

14. Você convive mais com Surdos ou com ouvintes?

---

15. Onde você encontra Surdos?

---

16. O que você sente falta aqui em Salvador para ajudar a melhorar a vida do Surdo?

---

17. O que tem em Salvador que ajuda a vida do Surdo?

---

18. Você concorda que a convivência entre Surdos ajuda-os a se desenvolverem e conhecerem quem são e sua cultura?

---

19. Para que serve a associação de surdos?

---

20. O que você sente quando encontra outros Surdos?

---

21. A comunidade surda de Salvador é unida? Ou tem grupos separados?

---

22. A comunidade surda em Salvador luta por seus direitos? Por quê?

---

Declaro saber que minha participação na pesquisa realizada por meio desse questionário somente terá valor acadêmico e que nomes e dados pessoais não serão citados na dissertação. Minha identidade será mantida em sigilo. Sei também que posteriormente posso vir a participar de um grupo focal onde será debatido um assunto, referente a esse tema e pesquisa, a ser exposto.

Participante: \_\_\_\_\_

Identidade: \_\_\_\_\_

**ANEXO 2**  
**Questionários respondidos**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Questionário para desenvolvimento da Pesquisa “A descoberta do Eu Surdo: identidade, educação e alteridade” desenvolvida pela Mestranda Emiliania Rosa.

1. Nome lilah

2. Idade 29\_\_\_\_\_

3. Escolaridade

( ) analfabeto

( ) ensino fundamental ( 1ª a 8ª série) – completo

( ) ensino fundamental ( 1ª a 8ª série) – incompleto

( ) ensino médio – completo

( ) ensino médio – incompleto

( x ) ensino superior

Qual curso? \_\_\_\_\_processamento de dados\_\_\_\_\_

4. A educação do surdo em salvador é boa? O surdo aprende?

Acredito que ainda deve ser melhorada e bastante. Com os intérpretes nas faculdades, o surdo aprende sim e mostra interesses dentro da sala de aula.

5. Profissão \_analista de sistemas

6. Perda auditiva:

( ) moderada

( x ) severa

( x ) profunda

7. Há quanto tempo você é surdo? Qual a causa da sua perda auditiva?

Surdez de nascença. A causa é mondini (má formação de cóclea)

11. Você se aceita como surdo? Você preferiria ser ouvinte? Por quê?

Neste caso, isso varia. Pois eu ouço com aparelho e me satisfaço com ele. Mas qd eu estou sem aparelho, me “vejo” surda, sinto falta de sons q estou acostumada a ouvir desde criança. Fico deprimida e ansiosa para usar o aparelho para ouvir.

8. Em sua vida, você acha que a sociedade:

( ) aceita o surdo como ele é e também sua língua e cultura.

( x ) aceita parcialmente o surdo.

( ) não aceita o surdo.

Por quê? Explique sua resposta.

Há ainda preconceitos por parte de ouvintes e também o surdo deve ser reconhecido no trabalho, devendo o direito de promoção e direitos de igualdade na sociedade, no trabalho. Se na sociedade as pessoas soubessem libras e aceitassem o surdo, acredito que haveria maior integração dos surdos com os ouvintes.

8. Em sua família, como você se sente:

( ) rejeitado

(x) acolhido

( ) acolhido parcialmente

Por quê? Explique sua resposta.

Minha família sempre está ao meu lado sem ser benevolente, ensinando e me preparando para o mundo lá fora, sem me tratar com piedade, como “deficiente”. Ou seja, sou tratada pela minha família como uma pessoa qualquer q tem audição prejudicada.

9. Em sua família tem outros surdos? Se sim, quem são?

Sim, 1 irmão.

10. Sua família conhece a língua de sinais? Usa a libras?

Alguns da minha família conhecem pois são formados em pedagogia e aprenderam libras.

11. Qual a sua convivência com as pessoas do seu trabalho? Explique.

Convivo normalmente com os colegas de trabalho, embora saiba q há algumas me olham como ‘deficiente’

12. O que você entende por cultura surda? Para que ela serve?

Não sei responder esta questão

13. Como você percebe a identidade surda?

Tbm não sei responder esta questão

14. Você convive mais com surdos ou com ouvintes?

Igualmente

15. Onde você encontra surdos?

Bares e casas de amigos

16. O que você sente falta aqui em Salvador para ajudar a melhorar a vida do surdo?

União dos surdos, para q ele possam trocar idéias e lutar juntos para que possam melhorar a vida do surdo

17. O que tem em Salvador que ajuda a vida do surdo?

Acho que ter intérpretes ajudam a vida do surdo para facilitá-lo na sociedade

18. Você concorda que a convivência entre surdos ajuda-os a se desenvolverem e conhecerem quem são e sua cultura?

Sim, concordo. Tanto é que eles aprendem com um com outro surdo

19. Para que serve a associação de surdos?

Para os surdos se encontrar e trocar idéias

20. O que você sente quando encontra outros surdos?

Maravilhosa, me identifico com eles quando relatam os problemas diários com a surdez

21. A comunidade surda de salvador é unida? Ou tem grupos separados?

Separados

22. A comunidade surda em salvador luta por seus direitos? Por quê?

Um pouco. É preciso de mais uniao, mais manifestações dos surdos para reivindicar os seus direitos.

Declaro saber que minha participação na pesquisa realizada por meio desse questionário somente terá valor acadêmico e que nomes e dados pessoais não serão citados na dissertação. Sua identidade será mantida em sigilo. Sei também que posteriormente posso vir a participar de um grupo focal onde será debatido um assunto, referente a esse tema e pesquisa, a ser exposto.

Participante: Llilah

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Questionário para desenvolvimento da Pesquisa desenvolvida pela Mestranda Emiliana Rosa.

1. Nome \_Menadel\_

2. Idade \_\_\_31\_\_\_\_\_

3. Escolaridade

Analfabeto

Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – completo

Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – incompleto

Ensino Médio – completo

Ensino Médio – incompleto

Ensino Superior - cursando

Qual curso? \_\_\_\_\_Direito\_\_\_\_\_

4. A educação do surdo em Salvador é boa? O Surdo aprende?  
Péssima. \_de modo generalizado, não aprende

5. Profissão \_Servidor Publico Federal\_\_\_\_\_

6. Perda auditiva:

moderada

severa

profunda

7. Há quanto tempo você é surdo? Qual a causa da sua perda auditiva?  
\_Desde o nascimento. Rubeola

11. Você se aceita como Surdo? Você preferiria ser ouvinte? Por quê?  
Aceito sim, pq com surdez aprendi a aceitar os desafios que a Vida proporciona.

8. Em sua vida, você acha que a sociedade:

Aceita o surdo como ele é e também sua língua e cultura.

Aceita parcialmente o surdo.

Não aceita o surdo.

Por quê? Explique sua resposta.

Preconceito e falta de informação.

8. Em sua família, como você se sente:

Rejeitado

Acolhido

Acolhido parcialmente

Por quê? Explique sua resposta.

---

9. Em sua família tem outros surdos? Se sim, quem são?

\_Não há

10. Sua família conhece a Língua de Sinais? Usa a LIBRAS?

Conhece, mas não usa.\_

11. Qual a sua convivência com as pessoas do seu trabalho? Explique.

Quase harmônica. Alguns me aceitam sem hesitar.

12. O que você entende por Cultura Surda? Para que ela serve?

Entendo como aglomerados de modo de agir de surdos que se colocam perante a sociedade. Serve para aglutinar as idéias inovadoras que possam melhorar a vida de surdos.

13. Como você percebe a identidade surda?

(não entendi claramente a pergunta, mas vou tentar responder.... Percebo que a identidade surda serve para diferenciar o surdo do ouvinte de modo que aquele possa buscar os meios alternativos de comunicação e superação de barreiras.

14. Você convive mais com Surdos ou com ouvintes?

\_Surdos

15. Onde você encontra Surdos?

\_Em diversos lugares.

16. O que você sente falta aqui em Salvador para ajudar a melhorar a vida do Surdo?

\_Melhorar a capacidade cognitiva da maioria de surdos que moram em Salvador.

17. O que tem em Salvador que ajuda a vida do Surdo?

\_Praticamente não há nada.

18. Você concorda que a convivência entre Surdos ajuda-os a se desenvolverem e conhecerem quem são e sua cultura?

\_Concordo plenamente.

19. Para que serve a associação de surdos?

Serve para reunir os surdos em prol deles mesmo, deixando de lado o assistencialismo.

20. O que você sente quando encontra outros Surdos?

\_Sinto bem e como se eu fosse eles.

21. A comunidade surda de Salvador é unida? Ou tem grupos separados?

Tem momento em que são separados e outro, não.

22. A comunidade surda em Salvador luta por seus direitos? Por quê?

\_Não sei responder pois conheço direito CESBA e Apada.

Declaro saber que minha participação na pesquisa realizada por meio desse questionário somente terá valor acadêmico e que nomes e dados pessoais não serão citados na

dissertação. Sua identidade será mantida em sigilo. Sei também que posteriormente posso vir a participar de um grupo focal onde será debatido um assunto, referente a esse tema e pesquisa, a ser exposto.

Participante: Menadel  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Questionário para desenvolvimento da Pesquisa desenvolvida pela Mestranda Emiliana Rosa.

1. Nome : Miguel

2. Idade : 23

3. Escolaridade

( ) Analfabeto

( ) Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – completo

( ) Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – incompleto

( ) Ensino Médio – completo

( ) Ensino Médio – incompleto

( x ) Ensino Superior

Qual curso? Engenharia Elétrica com ênfase em Telecomunicações e Informática

4. A educação do surdo em Salvador é boa? O Surdo aprende?

Não. Tem muitas coisas a desejar. Os surdos aprendem muito pouco.

5. Profissão : Engenharia Elétrica

6. Perda auditiva:

( ) moderada

( ) severa

( x ) profunda

7. Há quanto tempo você é surdo? Qual a causa da sua perda auditiva?

Sou surdo de nascença. Não se sabe! O médico acredita que minha mãe teve rubéola no feto.

11. Você se aceita como Surdo? Você preferiria ser ouvinte? Por quê?

Lógico! Me aceito como Surdo sim!

8. Em sua vida, você acha que a sociedade:

( ) Aceita o surdo como ele é e também sua língua e cultura.

( x ) Aceita parcialmente o surdo.

( ) Não aceita o surdo.

Por quê? Explique sua resposta.

Porque não abre todas as portas; há muito preconceito, falta confiança e por tal falta trabalho e outros acessos.

8. Em sua família, como você se sente:

( ) Rejeitado

( x ) Acolhido

( ) Acolhido parcialmente

Por quê? Explique sua resposta.

Por te me dado amor, oportunidades, atenção. Por acreditar em meu potencial.

9. Em sua família tem outros surdos? Se sim, quem são?

Não tem surdos. Sou um único.

10. Sua família conhece a Língua de Sinais? Usa a LIBRAS?

Cconhece a Língua de Sinais mas não usa a Libras pois aprendi recentemente.

11. Qual a sua convivência com as pessoas do seu trabalho? Explique.

Normal; as pessoas me davam sempre atenção.

12. O que você entende por Cultura Surda? Para que ela serve?

Conhecimento elaborado pelos surdos; serve para agrupar e divulgar as comunidades de surdos em relação à sociedade.

13. Como você percebe a identidade surda?

Um tanto discriminada na sociedade, porém ativa, forte e trabalhadora.

14. Você convive mais com Surdos ou com ouvintes?

Convivo mais com Surdos.

15. Onde você encontra Surdos?

Iguatemi, Cesba, Igreja e vários lugares.

16. O que você sente falta aqui em Salvador para ajudar a melhorar a vida do Surdo?

Escolas, associações, locais de encontro e divulgação da cultura surda.

17. O que tem em Salvador que ajuda a vida do Surdo?

Só a Cesba e a Apada ( pouca movimentação )

18. Você concorda que a convivência entre Surdos ajuda-os a se desenvolverem e conhecerem quem são e sua cultura?

Sim; mas também é interessante a participação de ouvintes para acrescer os conhecimentos.

19. Para que serve a associação de surdos?

Para provocar mudanças, incentivar o surdo, introduzi-lo na sociedade.

20. O que você sente quando encontra outros Surdos?

Sinto que podemos partilhar conhecimentos; faz-me muito feliz estar com outros surdos.

21. A comunidade surda de Salvador é unida? Ou tem grupos separados?

É muito difusa; os surdos conhecem-se pouco um ao outro. Necessitamos mais entrosamento.

22. A comunidade surda em Salvador luta por seus direitos? Por quê?

Luta com as poucas armas que tem; falta amparo político.

Declaro saber que minha participação na pesquisa realizada por meio desse questionário somente terá valor acadêmico e que nomes e dados pessoais não serão citados na dissertação. Sua identidade será mantida em sigilo. Sei também que posteriormente posso vir a participar de um grupo focal onde será debatido um assunto, referente a esse tema e pesquisa, a ser exposto.

Participante: Miguel

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Questionário para desenvolvimento da Pesquisa “A descoberta do Eu Surdo: identidade, educação e alteridade” desenvolvida pela Mestranda Emiliania Rosa.

1. Nome Reyel
2. Idade 32 ANOS

3. Escolaridade

- Analfabeto
- Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – completo
- Ensino Fundamental ( 1ª a 8ª série) – incompleto
- Ensino Médio – completo
- Ensino Médio – incompleto
- Ensino Superior

Qual curso? PROCESSAMENTO DE DADOS

4. A educação do surdo em Salvador é boa? O Surdo aprende?

Não. Tem escolas para surdos mas não vejo resultados positivos. Não aprende muita coisa por causa da dificuldade de aprender. Quem tem boas condições financeiras, vai para escolar regular e, a depender do desempenho e vontade do surdo, vai aprender.

5. Profissão ANALISTA DE SISTEMA

6. Perda auditiva:

- moderada
- severa
- profunda

7. Há quanto tempo você é surdo? Qual a causa da sua perda auditiva?

Nascença. Não sei o motivo. Pode ser herança genética.

11. Você se aceita como Surdo? Você preferiria ser ouvinte? Por quê?

Aceito. Mas um país que não oferece boa acessibilidade como o Brasil, a vida de surdo é difícil por causa de educação ruim e dificuldade de arrumar bom emprego. Ser ouvinte tem vantagens mas sempre tem jeito.

8. Em sua vida, você acha que a sociedade:

- Aceita o surdo como ele é e também sua língua e cultura.
- Aceita parcialmente o surdo.
- Não aceita o surdo.

Por quê? Explique sua resposta.

É fácil ver as pessoas rindo de nós, não acredita da nossa capacidade e raramente dão chances de subir na carreira de emprego. A maioria ganha pouco, mesmo trabalhando muito.

8. Em sua família, como você se sente:

( ) Rejeitado

(x) Acolhido

( ) Acolhido parcialmente

Por quê? Explique sua resposta.

Porque desde que nasci, sempre me apoiou até hoje, muito preocupada com meu futuro, tanto que hoje sou bom em português e tenho ótimo emprego. Sem família, seria outra história, quem sabe.

9. Em sua família tem outros surdos? Se sim, quem são?

Sim.

10. Sua família conhece a Língua de Sinais? Usa a LIBRAS?

Não mas respeita e nunca me repreendeu.

11. Qual a sua convivência com as pessoas do seu trabalho? Explique.

Convivo bem. Só preciso melhorar minha comunicação com eles.

12. O que você entende por Cultura Surda? Para que ela serve?

Os surdos se comunicam através de Libras, que é língua materna. Serve para ter identidade surda e os costumes dos surdos.

13. Como você percebe a identidade surda?

Quando estou com surdos, deixo a cultura ouvinte de lado e falo com LIBRAS.

14. Você convive mais com Surdos ou com ouvintes?

Surdos.

15. Onde você encontra Surdos?

Casa, shoppings, restaurantes, praias, etc...

16. O que você sente falta aqui em Salvador para ajudar a melhorar a vida do Surdo?

Acessibilidade, respeito e oportunidades de emprego.

17. O que tem em Salvador que ajuda a vida do Surdo?

Associação, para quem necessita.

18. Você concorda que a convivência entre Surdos ajuda-os a se desenvolverem e conhecerem quem são e sua cultura?

Concordo.

19. Para que serve a associação de surdos?

Antigamente, era o ponto de encontro dos surdos. Hoje, não mais. Só tem festas, viagens para participar de campeonatos, papos.

20. O que você sente quando encontra outros Surdos?

Feliz e me sinto dentro do meu mundo.

21. A comunidade surda de Salvador é unida? Ou tem grupos separados?  
Separados, é óbvio.

22. A comunidade surda em Salvador luta por seus direitos? Por quê?  
Mais ou menos. Só conheço alguns que não desistem de lutar. Mas o problema é que a maioria dos surdos não conhece ou sabe quais os direitos ou prefere “dormir”, daí o fracasso da luta.

Declaro saber que minha participação na pesquisa realizada por meio desse questionário somente terá valor acadêmico e que nomes e dados pessoais não serão citados na dissertação. Sua identidade será mantida em sigilo. Sei também que posteriormente posso vir a participar de um grupo focal onde será debatido um assunto, referente a esse tema e pesquisa, a ser exposto.

Participante: Reyel

### **ANEXO 3**

#### **Modelo para entrevista individual**

#### **Perguntas realizadas com um dos fundadores do CESBA (Centro de Surdos da Bahia) – Associação de Surdos fixada em na cidade de Salvador**

1. Nome e SINAL do entrevistado
2. Significado do CESBA e data de fundação
3. Como o surdo vê o CESBA?
4. Qual o papel (a função) do CESBA para a comunidade surda de Salvador?
5. Como a sociedade baiana vê o CESBA? Auxilia? Apóia?
6. Encontram-se muitos surdos aqui em Salvador que não aceitam a FENEIS. Aqui em Salvador não tem FENEIS. Por que não aceitam a FENEIS?
7. Há surdos que só vêm o CESBA como um lugar para bater papo e beber. Por quê?

## ANEXO 4

### Respostas da entrevista com um dos fundadores do CESBA (Centro de Surdos da Bahia)

#### 1. Nome e SINAL do entrevistado

*Gabriel.*<sup>45</sup>

#### 2. Significado do CESBA e data de fundação do mesmo

*“Eu ajudei a fundar o CESBA. Porque CESBA? Porque CESBA é centro e pode várias coisas, exemplo: associação, escola, trabalho, esporte e passeios. Antes a associação era só para esporte e passear. O centro tem várias coisas diferentes, por isso colocamos o nome de CESBA. Foi fundado em 2 de julho de 1979 aqui em Salvador. Também antes o CESBA tinha vínculos já com várias empresas e o governo para colocar o surdo no mercado de trabalho. Em uma viagem ao Rio de Janeiro para uma encontro com a FENEIS<sup>46</sup>, essa Federação gostou do projeto do CESBA e copiou o modelo, também a associação de surdos de Goiás; a partir daí os surdos começaram a ter possibilidade de conseguir trabalho. É preciso lembra que a primeira associação do Brasil a pensar e organizar esse projeto foi aqui, a associação de Salvador, o CESBA. O CESBA, o primeiro, tem esporte, tem várias coisas para o surdo baiano.”*

#### 3. Como o surdo vê o CESBA?

*“O olhar da sociedade para o surdo é importante, por que ajuda a desenvolver mais, com isso podemos ver a capacidade dos profissionais surdos. Você pensa que é só trabalho? Não. Precisa do intérprete junto, para manter contato e negociar melhor, percebendo que isso tudo é possível. O intérprete é essencial. O surdo vê o CESBA como algo importante para ele. Lá, o surdo tem contato com a língua de sinais. O dia inteiro, de manhã até de noite o surdo*

---

<sup>45</sup> Nome e sinal serão preservados. Usar-se-á nomes fictícios aos entrevistados.

<sup>46</sup> Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

*freqüenta o CESBA porque é local de contato com sua língua, com a cultura surda, com a identidade”*

4. Qual o papel (a função) do CESBA para a comunidade surda de Salvador?

*“A principal função é valorizar a língua de sinais. Isso pode ser feito com cursos de língua de sinais, vínculos de trabalho, colocação em empregos, estágio e outras coisas. No futuro é preciso continuar essa colocação de trabalho, além de estimular mais aulas, ter um curso pré-vestibular para que o surdo possa ingressar na faculdade. O CESBA tenta estimular o surdo para um desenvolvimento presente e futuro.”*

5. Como a sociedade baiana vê o CESBA? Auxilia? Apóia?

*“A sociedade apresenta dois lados. O CESBA é próprio do surdo e tenta negociar com essa sociedade. Há uma dualidade na sociedade por causa do CESBA e da APADA<sup>47</sup>. Antes Salvador não tinha APADA, os pais iam ao CESBA, interagiam junto aos surdos sem distinção. Até que houve problema de briga e discussão no CESBA como em qualquer lugar pode haver. Os pais não aceitaram e largaram o CESBA abrindo a APADA. A APADA cresceu e o CESBA pareceu diminuir, pareceu perder a força. Isso porque é difícil para o surdo oralizado o contato com o governo e com essa separação ente CESBA e APADA esse contato ficou mais difícil. A sociedade ajuda, dá, mas faltam coisas, esse estímulo é pequeno, não é total.”*

6. Encontram-se muitos surdos aqui em Salvador que não aceitam a FENEIS. Aqui em Salvador não tem FENEIS. Por que não aceitam a FENEIS?

*“Eu, antes, ainda como colaborador do CESBA pedia insistentemente a criação da FENEIS aqui em Salvador. Só que isso sempre era deixado de lado e colocado para depois. O pedido da criação da FENEIS em Salvador parece que perdeu o sentido ao ser sempre adiada. O surdo tem de a FENEIS chegar ao local e pegar, dominar o pouco que o surdo baiano conseguiu com muito esforço e o CESBA diminuir. Um exemplo: Hoje em dia, qual a primeira, a melhor associação? É a associação de surdos de Goiás, porque Goiás não tem FENEIS. O surdo de Goiás é preocupado se FENEIS dentro vai tomar levando a diminuição da associação de surdos de Goiás. Para mim, a FENEIS não é isso; a Federação tem o objetivo de observar e estimular o desenvolvimento do surdo. A FENEIS não vai tomar nada*

---

<sup>47</sup> Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos

*do surdo, só irá estimular e apoiar associação de surdos para crescer, é isso. Eu já coloquei no Estatuto do CESBA antes; acontece que mudaram o estatuto e agora tiraram o que eu havia posto, por isso atrapalha. A FENEIS é importante, mas precisa respeitar associação. Não pode tomar o pouco que o surdo consegue, abrir coisas, cursos, lugares, visando a Federação e não surdo local. Precisa cuidar, observar, estimular as associações. Se a FENEIS abre em muitos locais e domina, as associações vão diminuir no Brasil. Outra coisa que faz a associação diminuir é que os surdos preferem ir para o shopping conversar, sinalizar, ter contato com outros surdos, beber, passear; não vão à associação. Essa pouca frequência, também diminui a associação.”*

7. Há surdos que só vêm o CESBA como um lugar para bater papo e beber. Por quê?

*“Porque falta conhecimento, o surdo precisa estar dentro do CESBA para conhecer. Não é só o surdo, o ouvinte também. Falta curso de língua de sinais para o ouvinte saber a língua dos surdos. O surdo cresce na escola sem comunicação, junto com ouvinte, não há o respeito a língua de sinais enfraquecendo a cultura e o desenvolvimento do surdo. Se o surdo vai ao CESBA beber, conversar, bate-papo é porque ele não encontra a língua de sinais lá fora, na sociedade. No CESBA, o surdo vai brincar, conversar e passar o tempo. O CESBA precisa aumentar os cursos de língua de sinais para a sociedade conhecer a língua do surdo; assim o surdo vai parar de ver que não ter comunicação fora. Vai haver valorização de sua língua na sociedade. O surdo quer passear, brincar, beber, distrair porque com isso esquece seus problemas.”*

## **ANEXO 5**

### **Modelo para entrevista individual**

#### **Perguntas realizadas com surdos observados e pesquisados de Salvador**

1. Nome e SINAL.
2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)
3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?
4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?
5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?
6. Por que o surdo nega sua identidade?
7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?
8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

## ANEXO 6

### Resposta das entrevistas individuais<sup>48</sup>

#### Surdo 1

##### 1. Nome e SINAL

*Sitael.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Meu primeiro contato com surdos foi na escola, a Crissol<sup>49</sup>, até os dezesseis anos. Nessa idade parei o contato e convivi com um grupo ouvintes por causa da praia, do surfe até os dezanove anos, quando então, voltei a encontrar surdos e usar a língua de sinais.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Valorização não tem, a sociedade não valoriza o surdo. Tudo aqui em Salvador é fraco e desvalorizado.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Minha família aceita a língua de sinais normalmente; tanto que minha mãe e minha irmã sabem um pouco da língua de sinais. O resto da família não conhece nada da língua e cultura surda.”*

---

<sup>48</sup> Tradução das filmagens feitas dia 6 de setembro de 2008 no Pólo UFBA, Curso Superior a distância do Letras/LIBRAS.

<sup>49</sup> Escola Crissol Educação Especial Deficiência Auditiva: Escola especial que funcionava em Salvador. A Crissol era uma escola oralista; fechada pela diminuição do número de alunos, valor das mensalidades, concorrência e/ou custos de manutenção da escola. Não há informações precisas.

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Quando eu estudava na escola Crissol eu oralizava e, às vezes, língua de sinais. Usava as duas línguas como comunicação; depois eu parei a oralização e só sinalizava.”*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*Não respondeu.*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“Aqui em Salvador, e na Bahia, as pessoas são acomodadas e não lutam. A mobilização aqui em Salvador é fraca, falta desenvolvimento, faltam pessoas com coragem.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*“O desenvolvimento do surdo baiano é difícil, muito difícil. A mobilização aqui é fraca. Surdo se desenvolver? Sinceramente, não sei. No futuro, o surdo se desenvolver... acho que não. É difícil. A mobilização na Bahia é fraca... Desenvolver? Não sei. As pessoas precisam combinar e lutar junto. Aqui em Salvador os surdos se dividem em grupos separados, isso torna a comunidade surda enfraquecida. É preciso um grupo só, unido. E só se percebe grupos separados, infelizmente.”*

## **Surdo 2**

1. Nome e SINAL.

*Jeliel.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Encontrei surdos quando eu era pequeno, na escola. Olhei para eles e vi que eram iguais a mim.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Valorização não tem; o surdo não é valorizado. Salvador é uma cidade que valoriza pouco o surdo.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?  
*“Minha família sempre aceita a LIBRAS porque sabe a importância da língua de sinais para meu desenvolvimento. Assim como o português. Eu sou bilíngüe, uso o português e a língua de sinais.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*Não respondeu.*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*“Eu me aceito como surdo. Quando eu era criança eu tinha vergonha, agora não. Nasci assim, nasci surdo, vou fazer o que? Eu me aceito.”*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“Aqui em Salvador é diferente. Há muitos grupos separados. Exemplo: grupo diversão, pra passear, beber, conversar; grupo dos inteligentes, estudam; grupo normal; grupo bilíngüe, falam e sinalizam; vários grupos distintos.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*Não respondeu.*

### **Surdo 3**

1. Nome e SINAL.

*Caliel.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Nasci ouvinte e depois de algum tempo tive a febre da meningite e perdi a audição. Convivia sempre com ouvintes e somente oralizava, não conhecia surdos. Eu antes de encontrar surdos pesava como ouvinte, me via como ouvinte e não como surdo. Quando eu encontrei surdos pela primeira vez, eu os olhei sinalizando e, como nada entendia, desisti de*

*participar. Com dezessete anos, no trabalho me vi cercado de cinqüenta surdos e me senti tonto ao vê-los sinalizando e eu nada compreendendo. Eu perguntava ao intérprete o que eles sinalizavam ou me comunicava com os outros surdos escrevendo. Eu não sabia a língua de sinais. Com o passar do tempo e do convívio fui percebendo e aprendendo a língua de sinais. Depois de aprender a língua de sinais mudei completamente, oralizar é difícil, perco muita coisa, a língua de sinais me motiva, me alegra. A convivência com surdos fez-me descobrir quem eu era.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Eu percebo na sociedade em que vivo que o surdo não é valorizado. Essa sociedade coloca o surdo como um sujeito social sem valor, deficiente. Eu não sou deficiente, não aceito essa definição. Aconselho, oriento sobre a necessidade de respeitar o surdo e a língua de sinais.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Como minha família não conhece a língua de sinais eu precisava oralizar, mas ela não me proibiu de sinalizar, ao contrário, aceitou-me como bilíngüe e eu até ensinei um pouco de língua de sinais a ela. Porque as vezes, meus amigos surdos iam em minha casa e minha mãe gestualizava. Em minha família, três tios surdos somente gestualizavam e não sabiam a língua de sinais.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Na escola inclusiva a oralização era predominante. Estudar era difícil, o professor oralizava e para aprender eu copiava a matéria de amigos e eles me ajudavam a entender.*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*“Alguns surdos sinalizam, aceitam bem a LIBRAS. Surdos D.A. que ouvem parcialmente sentem vergonha de usar a língua de sinais, preferem oralizar porque estão presos no estigma social de que a pessoa que usa a língua de sinais é deficiente; esses surdos precisam ainda entender a identidade deles. Hoje eu tenho certeza que prefiro a língua de sinais e minha identidade surda.”*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“Observando o surdo aqui em Salvador, percebi que muitos não lutam por melhorias. Falta informação, educação e trabalho. Falta aqui em Salvador um ensino que favoreça o surdo e o desenvolva. É muito difícil lutar faltando isso tudo.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*“O surdo tem capacidade de melhorar sim, mas precisa de uma melhora educação, de professores, intérpretes... É importante perceber que o surdo tendo professores surdos vai desenvolver muito mais; o surdo sente falta da igualdade, da língua de sinais, do contato e convívio com outros surdos. Eu tento mobilizar e muitos ficam pensativos se lutam por melhorias ou não; é difícil, sofrido, e demora por causa da indecisão deles. ”*

#### **Surdo 4**

1. Nome e SINAL.

*Acaiah.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Nasci e me sentia sozinho. Eu, surdo, somente via pessoas oralizando. Parecia que eu era o único surdo. Com doze anos minha mãe percebeu que eu precisava de uma escola melhor e nos mudamos para a capital. Na escola olhei ao redor e me reconheci. Eu era surdo, igual aos outros e me senti aliviado.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“O que falta são influências, conhecimento. A associação, o CESBA, precisa auxiliar o surdo.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Em minha família, principalmente minha mãe, a oralização era fortíssima. Faltava informação para minha mãe, mas não só a ela; no Brasil, e no interior, ainda falta muita coisa a ser aprendida e descoberta. Eu tenho um irmão que ouve parcialmente, ele não possui cultura e identidade surda. Eu tenho minha identidade surda, ele é oralizado. Cada um parece viver em outro mundo, apesar de sermos irmãos.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Na escola inicialmente eu tive a comunicação total, depois passei pelo bilingüismo. Hoje já temos intérpretes, o curso de Letras/LIBRAS, para no futuro melhorar a educação do surdo, mas ainda falta muita coisa; é preciso melhorar.”*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*“Alguns surdos não se aceitam como surdos preferem continuar somente como oralizados. Cresceram sem informação, sem percepção do que é ser surdo, sem contato com outros surdos. Pensa que pode perder algo, traumatizados sobre o que vêem na sociedade. Porém com o tempo alguns mudam a forma de pensar e se aceitam como surdo.”*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“Aqui na Bahia há grupos que lutam, como alguns no CESBA e grupos fora, mas têm influência da associação, mas não da escola.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*“Com a formação dos surdos no curso do Letras/LIBRAS, estes podem acabar com a dominação ouvinte utilizando da pedagogia surda e da informação para o desenvolvimento do surdo. Isso é possível basta lutar e acabar com a dominação ouvinte.”*

## **Surdo 5**

1. Nome e SINAL.

*Omael.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Nasci surda, mas até os doze anos eu não tinha contato com surdos. Somente encontrava ouvintes, às vezes minha prima combinava e eu ia encontrar amigos ouvintes. Minha irmã também é surda e nós gostamos do contato e cada vez mais conhecer surdos, passear, praia e ter uma comunicação diferente na qual havia o contato com a LIBRAS, surdos e intérpretes.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Precisa que se valorize a associação de surdos, trabalho e outras coisas. Precisa melhorar, desenvolver coisas como escola, inclusão e faculdade.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“A comunicação com a família é boa, pai e mãe são ouvintes. Eles não sabem língua de sinais, só oralização. Minha irmã é surda, sabe língua de sinais, temos contato com a língua e a comunidade surda. Minha mãe não sabe a língua de sinais, mas tem contato com essa língua porque eu e minha irmã sinalizamos.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Sempre estudei em escola regular junto com ouvintes porque eu era oralizada antes. Me formei com ouvintes; às vezes eu entendia a professora, às vezes tinha dificuldade e pedia ajuda aos colegas, por isso era muito difícil. Eu chegava em casa e estudava, perguntava a professora depois. Também tinha apoio por sempre estudar em escola particular, nunca estudei em escola regular pública. Na faculdade eu não conseguia toda a informação da aula e larguei o curso. Esperei, passei na prova do Letras/LIBRAS e consegui. Estou gostando porque tenho contato com a língua de sinais que facilita a comunicação.”*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*“Surdo... Identidade... A pessoa surda tem contato, sente, gosta desse contato. Não sei, acho que é porque gosta do contato com outro surdo.”<sup>50</sup>*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“O surdo precisa lutar por seus direitos porque ele é capaz; lutar por trabalho, felicidades e diretos. Precisa melhorar um pouco mais.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*“O surdo baiano precisa melhorar. Precisa de contato, saúde, pedagogia surda, escola e faculdade com surdos. precisa de muita coisa, precisa melhorar muito.”*

---

<sup>50</sup> Percebe-se que a entrevistada não compreendeu bem a pergunta.

**Surdo 6**

1. Nome e SINAL.

*Aniel.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Cresci e me olhava. Perguntava quem eu era e não sabia. Eu assimilava a informação do ouvinte e pensava que era igual a mim. O tempo passou, eu me descobri surdo, mas não sei como.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Eu aprendi sobre cultura e identidade junto de outros surdos, absorvi o conhecimento e percebi que assim como o negro e o índio, o surdo também tem uma cultura, uma língua.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Eu cresci oralizado, nem eu nem minha família sabíamos língua de sinais. Depois que eu já tinha me acostumado com a oralização é que eu descobri surdos. Eu oralizava e via a língua de sinais como uma língua muito diferente. Na comunidade surda eu comecei a aprender, perceber, sobre a língua de sinais e informações. Entre a língua de sinais e a oralização eu preferi a língua de sinais. A família me fez crescer oralizando, agora aprendo a língua de sinais, cultura e identidade. ”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*Não respondeu.*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*Não respondeu.*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“Aqui muitos surdos não lutam. Uns lutam, outros se acomodam. Exemplo: trinta por cento luta, setenta por cento se acomoda. Mas a culpa não é do surdo, é do governo que não auxilia, falta apoio e verba. Aqui em Salvador é assim, mas o porquê disso eu não sei.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*Não respondeu.*

## **Surdo 7**

1. Nome e SINAL.

*Daniel.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Minha família pensava que eu era ouvinte até a idade de um ano e seis meses quando em uma festa no interior ficou desconfiada por eu não responder ao ter meu nome chamado. Depois de fazer muito treinamento fonoaudiológico e estudar em escola regular tive contato com a língua de sinais através de uma vizinha que sabia. Fui à associação bater papo. Comecei a aprender a língua de sinais com catorze anos.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Aqui em Salvador é difícil porque identidade e cultura... associação é própria da cultura, junto com a língua de sinais e os surdos conversam, interagem, valorizando assim a cultura e identidade surda.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Minha família usa a oralização, eu tenho uma irmã surda e meu marido é surdo, por isso tenho um maior contato com a língua de sinais. Apesar da oralização, minha família aceita e respeita a língua de sinais. Porque antes a família soube da importância da língua de sinais e o respeito ao surdo, sua identidade e cultura e não obriga a oralizar. Minha mãe entende conhece a lei e sabe q a LIBRAS é importante no meu caminho.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Não tive nenhum apoio pedagógico ou de intérprete. Eu fazia leitura labial do professor que somente oralizava, não tive intérprete. A família me ajudava, se tivesse dúvida perguntava ao colega ou ao professor, mas era difícil entender. Marcava sábado para me ajudar; também palavras que eu não entendia, buscava no dicionário. Foi difícil desenvolver porque não tinha intérprete, não tinha professor surdo, agora que está começando a ter por causa da lei que obriga a ter intérprete. É bom, é importante que isso continue na escola a existência do intérprete de língua de sinais, Isso é muito importante.”*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*“O surdo não aceita a identidade, porque ele não sabe o que é identidade. Precisa mostrar o que é identidade, que é direito meu de ter identidade e cultura surda. Ele não aceita porque falta informação, de contato, de ir na associação de surdos conhecer outros surdos, bater papo; também falta política, falta argumentar, discutir, que precisa de escola... Sempre dia 26 de setembro fazer caminhada pedindo direitos, escola, intérprete. É difícil, mas é importante a identidade surda.”*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“O surdo sempre se acomoda. Precisa de um grupo forte, que luta, que pede direitos. Aqui na Bahia é difícil, muitos se acomoda; às vezes chama o grupo pra lutar e ele não se mexe porque tem medo, porque está dependente da família. Isso tem que mudar, o surdo tem o direito de melhorar e seguir seu caminho mesmo que com dificuldade. Antes era muito mais acomodado, agora está começando a mudar, a melhorar. Há sempre visitas à associação, reunião, movimento que discute políticas de melhoria. Agora está começando a melhorar.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*“Eu acho que sim, o surdo pode sim se desenvolver. É só ele continuar na escola, continuar estudando, tendo intérprete, indo à associação... O surdo tem a capacidade de se desenvolver. Porque a lei obriga a ter escola e políticas; daí a importância do surdo se firmar.”*

**Surdo 8**

1. Nome e SINAL.

*Ariel.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Na escola eu não tinha comunicação, morava no interior e quando me mudei pra Salvador eu encontrei outros surdos. Eu antes pensava que era o único surdo; encontrei outros surdos e vi que tinha comunicação, que isso era possível.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Falta muita coisa porque a sociedade não conhece a cultura surda. Falta começar a conhecer.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Minha família me aceita como surdo, mas não sabe língua de sinais, só tem costume de oralizar. Posso sinalizar com amigos surdos, mas a família não conhece.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Na escola falta o respeito à língua de sinais. Lei valorizando a língua de sinais na Bahia não há. O professor despreza o surdo, não à respeito pela língua de sinais e faltam intérpretes.”*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*“Eu tenho identidade surda, eu posso, sou surdo, tenho amigos surdos, comunicação, é possível uma identidade surda, uma interação.”*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“É preciso esperara pra ver o futuro, se o surdo vai lutar ou não. Não é fácil, demora, precisa lutar sempre.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*Mesma resposta da pergunta anterior.*

### **Surdo 9**

1. Nome e SINAL.

*Gabriel.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Nasci ouvinte, fui ensurdecendo dos cinco aos sete anos de idade. Minha história é diferente dos surdos que nasceram surdos, porque eu nasci ouvinte. Eu encontrei surdos com quinze anos de idade e fiquei admirado com a língua de sinais e comecei a aprender por contato com outros surdos. Em minha casa há três surdos: eu, minha mãe – ensurdecida por causa de um medicamento a fim de evitar perder uma gravidez – e uma irmã que nasceu surda. Nós três surdos na família não usamos a língua de sinais, só a oralização. Eu, até os doze anos, era bilíngüe, lia e falava em português e francês; minha mãe é filha de franceses e em casa, falávamos o francês. Sempre estudei em escola inclusiva junto com ouvintes. Fazia a leitura labial do professor, lia os textos, era difícil, mas tive muita orientação para desenvolver. Com doze anos a dificuldade foi crescendo, minha família não sabia a língua de sinais. Com quinze anos comecei a aprender sinais, tive contato com outros surdos do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Curitiba... Encontrava-os, interagia e ajuda a FENEIS e o CONESUL. Também é muito importante para os surdos o Padre Vincent para o desenvolvimento deles. Depois de aprender a língua de sinais, fui professor de LIBRAS. Já fiz duas faculdades e agora faço a terceira. Por isso a língua de sinais é muito importante.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Poucos aqui conhecem a cultura e identidade surda. Os surdos baianos não sabem o que é identidade e cultura surda. No interior é pior porque está mais atrasado, precisa de estímulo e da língua de sinais. O surdo tem dificuldade de comunicação, mas se durante a semana ensinar a ele, ele vai aprender; falta receber o aprendizado até assimilar a língua de sinais, assim vai entender sobre identidade e cultura e melhorar. O surdo possui dificuldade de comunicar-se com a família por esta oralizar e desistir de aprender a língua de sinais.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Minha família respeita a língua de sinais. Sabe que sou professor de língua de sinais e respeita, não vê problema.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Eu estudei sempre em escola inclusiva, nunca junto com surdos. Isso não foi problema para mim na, eu oralizava bem, lia e entendia bem; não precisava de intérprete. Só no trabalho, onde todo mundo oralizava ao mesmo tempo eu me sentia perdido e com dificuldade de comunicação. Algumas pessoas que trabalham comigo, olham pra mim e sabem como se comunicar, às vezes eu reclamo e eles percebem que estão errados.”*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*Não respondeu.*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“O surdo de Salvador tem problema de comunicação, por isso ele se fecha, se isola e não sabe o que é lutar. A família não se comunica direito com o surdo, coloca-o como dependente, mimado e ‘coitadinho’. Por isso ele não sabe lutar e se atrasa.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*“A maioria dos surdos podem se desenvolver precisa recebe e transmitir a língua de sinais, a identidade e a cultura surda. A prova de que o surdo é inteligente e pode melhorar é que se uma pessoa usar o computador e isso for observado por um surdo, ao ver o computador desligado, o surdo irá ligá-lo e utilizá-lo sem que ninguém o tivesse ensinado. Falta somente o estímulo, dar a possibilidade do surdo se desenvolver, valorizando a língua de sinais em primeiro lugar depois o português. Assim o surdo pode conseguir trabalho e melhorar.”*

## **Surdo 10**

1. Nome e SINAL.

*Ayel.*

2. Como você se “descobriu” surdo? (Não o lado patológico, mas sim social e de contato com outros surdos)

*“Eu tenho dois irmãos surdos profundos e eu sou surdo parcial. Talvez por ser parcial eu só me senti surdo já adulto, há uns oito anos. Antes parece que eu não tinha identidade surda, ficava confuso, mas agora eu já me aceito como surdo.”*

3. Há valorização da cultura surda e da identidade surda na sociedade baiana? Por quê?

*“Aqui na Bahia, cultura e identidade... as pessoas não ajudam, não dão valor; é difícil, parece que têm preconceito sempre. Não tem estímulo, as pessoas dificultam as coisas para o surdo.”*

4. Como é a sua relação familiar? Sua família sabe língua de sinais? Respeita a cultura surda?

*“Na minha família, minha mãe e meu pai não sabem a língua de sinais, só gestos; meus irmãos surdos sabem e nós sinalizamos. A família além dos gestos está acostumada com a oralização, LIBRAS perfeita não possui, mas respeita a cultura surda mesmo não conhecendo sinais com profundidade.”*

5. Em sua vida escolar você teve apoio pedagógico? Intérprete? Respeito pela língua de sinais?

*“Antes eu estudava sempre em escola inclusiva, nunca com surdos. Não havia intérpretes, sala de apoio... Somente agora isso está tendo.”*

6. Por que o surdo nega sua identidade?

*“Aqui algumas pessoas surdas parecem que não querem, tem desprezo e não querem a identidade surda, ao contrário de alguns que aceitam a identidade surda. Os que não aceitam é porque querem ser como os ouvintes, como se estes fossem mais inteligentes que os surdos, ou seja, o ouvinte acima do surdo. Agora há surdos que estão começando a aceitar a identidade surda.”*

7. O surdo baiano é submisso ou luta por seus direitos?

*“Anteriormente o surdo era submisso, mas agora o surdo começou a lutar, a participar do Letras/LIBRAS, trocar informações com outros surdos e conseguindo lutar pelo que precisa.”*

8. O surdo baiano tem a possibilidade de se desenvolver? Como?

*“Para desenvolver o surdo precisa de contato, freqüentar a associação, ter escola, faculdade, aceitar a cultura e identidade surda, isso porque se o surdo não tiver contato vai ser difícil se desenvolver.”*

## **ANEXO 7**

### **Depoimento livre<sup>51</sup>**

*Ariel: Às vezes o surdo luta, às vezes não consegue. A oralização é forte... Vez ou outra freqüenta. É difícil.*

*Pesquisadora: Grupos de um lado, grupos de outro...*

*Ariel: Isso mesmo, também muitos que freqüentam não são sócios, só aparecem lá quando tem festa e para observar e ir embora, agora para lutar? Nunca. Como lutar se a APADA manipula o surdo?*

*Pesquisadora: Mas o que a sociedade faz? Ajuda? Ignora?*

*Ariel: Não... Falta ajudar o surdo, o surdo ajudar ao próprio surdo. E trabalho? Vai trabalhar aonde?*

---

<sup>51</sup> Depoimento concedido livremente. A conversa começará ao acaso e por sorte a filmadora estava ligada.

Mikael: *Sociedade e associação são coisas diferentes. As pessoas, a família, falta responsabilidade e não têm. A sociedade informa e orienta a família, mas e o surdo? Ele continua sem saber de nada e sem desenvolvimento.*

Ariel: *A sociedade aqui tem três referências: a APADA, o CESBA e a AESOS<sup>52</sup>. Os três informam sobre as coisas ao surdo...<sup>53</sup>*

## ANEXO 8

### Modelo para discussão do grupo focal

#### Perguntas a serem analisadas no grupo focal realizado em Salvador<sup>54</sup>

1. O que é ser surdo na sociedade baiana? Dá para viver bem ou não? A sociedade ouvinte auxilia o surdo ou o despreza? Por quê?
2. O que você entende por identidade surda? E como ela se apresenta aqui em Salvador?
3. Como o surdo de Salvador descobre sua identidade?
4. A (s) escola (s) em que você estudou tinha professor sinalizante, intérprete ou professor/instrutor/monitor surdo?
5. A (s) escola (s) em que você estudou foi boa ou ruim? Aprendeu bem?
6. O que Salvador precisa mudar para melhorar a vida do surdo e o que esta cidade já possui para isso? O que ele precisa para se desenvolver?

---

<sup>52</sup> AESOS: Associação Educacional Sons do Silêncio

<sup>53</sup> As explicações dadas pelos surdos foram espontâneas e não seguiram roteiro de discussão.

<sup>54</sup> Algumas perguntas foram modificadas na hora da filmagem seguindo as discussões dos surdos presentes.

7. A língua de sinais é bem aceita em Salvador?
8. Como você imagina o futuro do surdo baiano?
9. O que você sugere para que o surdo se descubra como parte da sociedade e fortaleça isso?

## ANEXO 9

### Discussão do grupo focal<sup>55</sup>

Pesquisadora: *Agora vamos começar com a opinião dos surdos baianos. Primeiro eles dirão seus nomes e sinais.*

(Segue cada um dos nove surdos presentes sinalizando seus nomes e sinais) <sup>56</sup>

Pesquisadora: *Como vocês acham que o surdo daqui de Salvador vive? A sociedade ajuda ou despreza o surdo? Vive bem? Qual a opinião de vocês?*

Ayel: *Aqui em Salvador, a língua de sinais não está pronta, falta a língua de sinais na escola, assim como no interior, onde falta informação, cursos que valorizem a língua de sinais*

---

<sup>55</sup> O grupo focal foi realizado com surdos alunos do Curso Superior a distância do Letras/LIBRAS, no pólo UFBA. Realizado no dia 10/05/2008, o grupo teve a participação de somente nove surdos que se disponibilizaram em auxiliar a pesquisa. Agradeço a auxílio dos participantes, professoras-tutoras, apoio técnico, além da coordenadora do pólo que autorizou a filmagem.

<sup>56</sup> Optei por utilizar nomes fictícios para melhor entendimento das discussões.

*porque não há quase nada e muitos no Brasil não conhecem a língua de sinais. Falta pedir a secretaria de educação que se tenha mais informação porque aqui tudo falta. Aqui é difícil.*

*Ariel: Antigamente o surdo sofria, era muito difícil; o ouvinte se afastava do surdo, o repelia. Agora tem pessoas com vontade de aprender a língua de sinais e de ter contato com surdos. No futuro pode vir a melhorar, mas isso ainda está se desenvolvendo aos poucos. Tem faculdade de Letras, tem educação especial, apoio... Está se desenvolvendo. Eu acredito que no futuro melhora, agora ainda há dificuldades.*

*Ariel: Verdade!*

*Seheiah: Minha opinião... Meu sentimento é como de ouvinte, difícil uma opinião de surda. Mas aqui em Salvador há um pouco de preconceito sim, porque o ouvinte vê o surdo e pensa que o surdo não tem cultura, tem problema mental, eu percebo isso.*

*Caliel: Eu percebo e não aceito o que vejo, o surdo como submisso, bobo; precisa ter coragem. Por exemplo, no meu trabalho eu era novo ali e estava digitando e o chefe deu trabalho a todos. Eu o perguntei qual o meu e ele me pediu calma, esperei. Parecia que ele não confiava em mim. Três meses depois eu fui conversar com o diretor da empresa e expliquei a ele o que acontecia. Ele me olhou espantado, conversou com meu chefe, mas nada mudou. O diretor então me chamou para ensinar a língua de sinais para os funcionários e alguns conseguiram aprender, outros não, disseram que língua de sinais era coisa de macaco e desprezaram o curso. Me senti mal mas deixei pra lá. Tenho amigos surdos no CEFET-BA, alguns professores respeitam os surdos e outros não, falando para quê a língua de sinais. Às vezes o professor reclama com o intérprete para que este não interprete, e ele se sente mal.*

*Ariel: Estranho!*

*Caliel: O intérprete também sofre porque respeita a cultura surda e vê que o professor não respeita a identidade do surdo. (...) A maioria não tem respeito...*

*Ariel: Não dá valor...*

*Caliel: Não tem. Poucos respeitam. Por exemplo: surdos mostram sua luta e outros ficam olhando. O surdo luta? Se o surdo lutar, mostrar alguma coisa o outro vai se espantar, arregalando os olhos; se o surdo for submisso será tratado como lixo.*

*Ariel: Mas falta mostrar essa luta... Essa luta não existe...*

*Caliel: Por isso precisa lutar...*

*Ariel: Verdade.*

Pesquisadora: *Vocês já viram o surdo daqui lutando e conseguindo? Já viram eles unidos dizendo que precisa de escola, de intérprete, de lei?*

Ariel: *Eu sempre vou ao CESBA, sou sócio, tento informar sobre um dia para fazermos um movimento, um manifesto e muitos sempre falam: 'desculpa, eu não posso por causa do trabalho'. É direito dele, pode pedir atestado por causa da falta para provar e ir, mas o surdo não aceita participar. Parece que o surdo não conhece a identidade surda e não valoriza sua cultura, que tem medo do ouvinte. Entende?*

Manakel: *Um exemplo: se o surdo vai ao médico, este não conhece a língua de sinais e o surdo leva o intérprete junto. O médico precisa saber a língua de sinais para facilitar a comunicação. Assim como não precisaria do intérprete sempre junto quando o surdo vai ao médico, ao dentista, à justiça... Seria bom todos saberem a língua de sinais.*

Rafael: *Anteriormente em Simões Filho eu era sozinho, não tinha escola para surdos nem nada. Ficava somente em casa, meu irmão ajudava a entender as coisas, mas não sabia a língua de sinais, não a conhecia. A comunicação era faltante, minha família preocupada procurava até encontrar um lugar onde aceitava pessoas deficientes; a maioria era ouvinte, surdos havia poucos. Mas o ensino era somente o básico, não era profundo, tive apoio e orientação de minha mãe. Agora essa escola parece que não têm surdos, também não há associação e a maioria dos surdos continua dentro de casa. Há mães que se preocupam e sofrem por causa dos filhos porque não tem quem as orientem... Precisa de paciência e sacrifício. Eu tenho vontade de estudar, mas aonde? Eu fico esperando, falta escola, falta intérprete... Mas somente um lugar é pouco e os professores não sabem língua de sinais só oralização; se for somente ler e escrever eu não entendo nada.*

Mikael: *Eu não moro em Salvador, mas aqui na UFBA eu conheço vocês. Explicar o que eu entendo da sociedade é importante objetivo o que é a sociedade exemplo pessoa costume ouvinte de um lado do outro o surdo, diferentes mundos. O lado ouvinte acha que o surdo é retardado, se afasta se um surdo se aproximar, faz fofoca falando que o surdo é louco. É uma falta de respeito e de informação na sociedade, além do preconceito. É difícil.*

Ayel: *No Brasil, já existe a Lei número 10.436 para valorizar o surdo, mas o surdo não sabe e falta treinar. O ouvinte aproveita e toma o lugar do surdo, consegue trabalho e participação colocando o surdo para escanteio; é o ouvinte quem ensina língua de sinais no lugar do surdo. Mas o surdo precisa de coragem, precisa lutar e afirmar que é seu direito, mostrando-se para a sociedade que o surdo é capaz, que é inteligente, que tem a língua de sinais, que pode trabalhar; mas os surdos em geral se acomodam e se tornam submissos enquanto o ouvinte consegue as coisas. O surdo precisa mostrar a existência da lei, mas falta a coragem de lutar, estimulando o surdo, fazendo movimento a favor do próprio surdo.*

Ariel: *Verdade.*

Caliel: *Verdade.*

Pesquisadora: *Vocês estão falando sobre respeito à cultura e identidade surda. Às vezes o surdo não consegue entender o que é cultura e identidade... Pergunto a vocês, o que é cultura surda?*

Ariel: *Isso é verdade. Eu dentro do trabalho, sempre o ouvinte usa o telefone, vamos inverter a situação: o celular vibra, o surdo o apanha e responde a mensagem. Um ouvinte se aproxima e manda o surdo desligar o telefone e deixar a mensagem para depois. Eu pergunto: e a igualdade? Vou deixar de usar o celular porque sou surdo? Eu preciso! O ouvinte ordena como se tivesse preconceito; fui reclamar com o chefe e expliquei sobre o costume do surdo e a necessidade das mensagens no celular.*

Caliel: *Já aconteceu comigo.*

Ariel: *Eu não escuto, uso o celular como comunicação, é parte da vida do surdo.*

Caliel: *Um exemplo, também na faculdade o professor mandou abrir o livro e ler. Mas é impossível ler e olhar o intérprete ao mesmo tempo. Ter um olho em cima e outro embaixo é impossível. Outro exemplo: o ouvinte dá para ouvir e ler ao mesmo tempo, mas o surdo não. O material tem que ser dado antes, para o surdo poder ler e depois somente ver o intérprete. Falta entender a cultura do surdo, o ouvinte não entende, não conhece a cultura visual, nem a língua de sinais.*

Ayel: *Um exemplo, o grupo de surdos conta piada, o grupo de ouvintes também, mas cada um tem um jeito, um tipo de piada. Isso é cultura surda.*

Ariel: *É verdade. Tem piadas muito engraçada na cultura surda. Nós temos o nosso palhaço aqui (aponta para Caliel).*

(O grupo de entrevistados ri)

Mikael: *Surdos e ouvintes são diferentes. A experiência do ouvinte ao ver um show é diferente do surdo, o ouvinte sente emoção e dança, mas o surdo somente copia o ouvinte. Somente sente a vibração, mas é diferente do ouvinte.*

Ariel: *O surdo copia o ouvinte, ele pode fazer isso na hora de dançar. Não tem som, não ouve nada, só temos o visual e a vibração que seduz o surdo.*

Caliel: *O que acontece se o surdo copia o ouvinte, a luz apagada, de repente a musica para e o surdo continua a dançar de olhos fechados... Todo mundo olha para ele e ele se enche de vergonha...*

Ariel: *É só ter atenção!*

Caliel: *Mas o surdo está de olhos fechados.*

Ariel: *Você faz? Eu não.*

(Risadas)

Rafael: *Ouvintes e surdos são diferentes. Ouvinte sente emoção com a música, fica imaginando coisas, sentindo a música. O surdo nada; acho que é por isso que o surdo sente a vibração. Imagina coisas somente com a vibração da música e não com as palavras como o ouvinte.*

Caliel: *O surdo, visual, sente a música por vibração e pelas luzes, como se fosse uma boate. Ele sente e sabe; é parte de sua cultura. Mas não sei em outro lugar, Estados Unidos, por exemplo, se é igual ou não. Não sei.*

Ariel: *Em casa a campainha é ligada a luz...*

Pesquisadora: *Às vezes pessoas ouvintes usam mensagens de celular, luzes, tiram o som. Como fica isso?*

(Todos concordam)

Mikael: *Às vezes pessoas ouvintes experimentam coisa que o surdo usa. O surdo parece um fantoche no mundo. Precisa cortar as cordas, se libertar e entrar no mundo.*

Pesquisadora: *São mundos diferentes? Há o mundo do surdo e o mundo do ouvinte?*

(Todos concordam)

Pesquisadora: *Tem diferença?*

(Todos dizem que sim)

Mikael: *Dois mundos. Esse tem vontade e interesse em aprender, bate na porta do mundo dos surdos, a porta abre. O surdo com dificuldade de comunicação gesticula, escreve. O surdo ensina a língua de sinais ao ouvinte e este se transforma, divulgando as coisas no mundo do ouvinte. O surdo quer experimentar e vai ao mundo do ouvinte, bate na porta... O ouvinte abre a porta, olha o surdo e fecha a porta na cara deste. O surdo se decepciona porque antes ajudou o ouvinte e de nada adiantou. Por isso há diferença.*

Ayel: *Eu conversei com uma mulher ouvinte e discuti com ela porque o ouvinte parece que manda no surdo. O ouvinte quer que o surdo cante, mas ele não sabe, não entende como é isso, não tem percepção.*

Ariel: *Não combina.*

Ayel: *O surdo diz que não consegue, mas o ouvinte não se importa e manda o surdo cantar em língua de sinais. O surdo se sente como um cachorro que nada entende e somente tem que obedecer. Isso não combina, não é próprio da cultura surda a música, mas sim o teatro, brincadeiras, surdos juntos na associação... O ouvinte manda o surdo copiar música e o surdo se perde por não ser parte da vida dele. Precisa existir respeito ao surdo.*

Ariel: *Isso é coisa própria de ouvintes.*

Lelabel: *Eu sei o que é identidade e cultura, mas existem pessoas diferentes. Sei que antes a história dava ao surdo na Europa, no Brasil, no INES, informação para desenvolver o mundo do surdo, acreditar no surdo. O ouvinte estimulava, mas depois do congresso de Milão nada foi feito pela cultura surda. Colocou-se a oralidade como necessidade e como melhor para o surdo, como se a língua de sinais não desse desenvolvimento, isso tudo gerou um grande preconceito. Todos os surdos sofrem com a oralização, com a falta de informação em uma sociedade que não conhece a cultura e identidade surda. Preconceito que continua até hoje. A sociedade não tem cabeça aberta.*

Ayel: *A UNEB<sup>57</sup> é diferente. Aqui na UFBA<sup>58</sup> é livre, tem intérprete e aceitação da língua de sinais. A UNEB não aceita a língua de sinais prefere a oralização. Parece que não conhece a lei. A lei está pronta e não é aceita. A sociedade não conhece nada. Precisa de informação sobre a lei, precisa lutar para mudar.*

Caliel: *Às vezes é porque o surdo se acomoda. Eu tenho vontade de dar uns cascudos em alguns. Me seguro, oriento, mas o surdo não muda! É chato... Eu avisei sobre o vestibular<sup>59</sup>, orientei sobre como fazer a inscrição... Um surdo me disse que estava com dúvida em fazer ou não, não sabia se queria mesmo fazer faculdade. Eu o instiguei a fazer o vestibular. Outro surdo, próximo à prova do vestibular me disse que não tinha material nenhum para estudar. Eu o perguntei como ele ia fazer a prova, procurei e emprestei o material. É muito difícil. Outro dia, outro surdo me disse: 'desculpa eu cancelei o vestibular'. Perguntei o motivo e ele me disse que a irmã ia casar um dia antes da prova. Falei para ignorar o casamento e fazer a prova pensando no futuro e que a família iria entender, mas o surdo não fez. Cabeça dura!*

---

<sup>57</sup> UNEB: Universidade do Estado da Bahia.

<sup>58</sup> UFBA: Universidade Federal da Bahia.

<sup>59</sup> Vestibular do Curso Superior a distância do Letras/LIBRAS.

Ariel: *Verdade. Eu já havia divulgado e combinado com vinte surdos de ir ao CESBA<sup>60</sup> estudar para o vestibular, mas somente cinco foram. A desculpa? Falta de dinheiro, horário...*

Pesquisadora: *Qual a opinião de vocês sobre identidade surda?*

Ariel: *Identidade? Eu prefiro a língua de sinais. É como ela que eu encontro interação com surdos, mas com a família é difícil porque não sabem a língua de sinais e eu preciso oralizar. Tenho paciência e oralizo. Eu prefiro ficar com os amigos e usar a língua de sinais.*

Ayel: *Existem diferentes identidades porque existem pessoas surdas diferentes. Se um surdo nasce em família ouvinte e tem o costume de oralizar pode não ter contato com outros surdos. Outros podem ter contato com surdos e com a língua de sinais. Têm pessoas com identidades diferentes. Ninguém é igual a ninguém. A minha identidade é diferente da dele (aponta para Ariel) e a dele é diferente da dela (aponta para Seheiah). Cada um é um, por causa da família ouvinte, da família surda, dos contados, da escola, da exclusão. Identidade é diferença e as pessoas surdas são diferentes.*

Rafael: *Muitas famílias não conhecem a língua de sinais. O ouvinte se assusta com a língua de sinais, acha perigosa e aconselha a não aprendê-la. Na verdade por mais que o ouvinte saiba e aprenda a língua de sinais, ela não é a língua dele. A história pode melhorar, porque sem a língua de sinais, o surdo perde muito. Com a língua de sinais o surdo mostrar sua capacidade. Uma pessoa pode aprender a língua de sinais, mas precisa de vontade para não esquecê-la. O surdo tem direito à língua de sinais, do contato com outro surdo, mas não tem intérprete. Conscientemente, o ouvinte se coloca como melhor que o surdo; como se o ouvinte soubesse tudo pronto e o surdo não tivesse acesso a isso. No trabalho o ouvinte se beneficia e o surdo se sente inferior, como se a língua de sinais fosse algo proibido. A família precisa pensar na importância da língua de sinais que hoje não conhece, precisa pensar no futuro. É difícil.*

Lelabel: *Nasci surda. Algumas famílias ao percebem que o filho nasceu surdo percebe que há outros surdos também, mas outras famílias escondem que o filho é surdo e o obrigam a oralizar. Esse surdo cresce sem identidade, sem se desenvolver. Ele se sente vazio, oralizando. Quando descobre outros surdos se espanta, percebe o visual, tem vontade, ansiedade pela língua de sinais. a mão parece coçar, parece ter vida própria.*

Pesquisadora: *O surdo sente a mão ter vida própria, uma necessidade de sinalizar, é algo que dentro dele nasce...*

Lelabel: *Ansiedade mesmo. O surdo cresce e se sente excluído pela família e pela sociedade que não o informava de nada. O surdo percebe que é capaz, que tem identidade e pode se*

---

<sup>60</sup> CESBA: Centro de Surdos da Bahia

*desenvolver; não precisa se excluir ou ser excluído. Mas se ele não tem identidade ele falha. Pergunta por que não o aconselharam antes... É muita novidade, celular, computador, luzes, interação, língua de sinais... A sociedade precisa informar e saber que o surdo é capaz, para ele poder melhorar.*

*Mikael: Cada um explicou e eu observei a importância da identidade. Em uma família quando se descobre que nasceu um surdo (Mikael usa a configuração de mão aberta para representar a diversidade familiar) é diferente de outra família (mesma representação de mão) que nasceu outro surdo. São famílias iguais e diferentes. A segunda família sabe língua de sinais, informa o surdo, mostra coisas... A primeira família não tem base e esconde as coisas do surdo. O surdo da primeira família fica parado no lugar, enquanto o surdo da segunda família se desenvolve cada vez mais. Este surdo sabe viver sozinho, trabalhar, descobrir. O surdo da primeira família não, pode no futuro ter problemas mentais porque é sempre dependente da família, é preso, não se reconhece. O outro surdo é livre.<sup>61</sup>*

## ÍNDICE

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
RESUMO EM SIGNWRITTING	IX

---

<sup>61</sup> Infelizmente, por causa de problemas técnicos o final das entrevistas do grupo focal foi perdido. Havia mais quinze minutos de filmagens além do que está aqui traduzido. A pesquisadora lamenta profundamente a perda do material.

SUMÁRIO	XII
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2. APRESENTAÇÃO</b>	21
2.1 - MINHA HISTÓRIA	21
2.2 - A ORIGEM DESTA PESQUISA	22
<b>3. METODOLOGIA</b>	24
<b>4. SURDOS</b>	30
4.1 – O MUNDO DO SURDO	39
4.1.1 - <b>Comunidades surdas</b>	43
4.2 – CULTURA	47
4.2.1 - <b>Cultura surda</b>	50
4.2.2 - <b>LIBRAS: língua visuoespacial</b>	53
<b>5. O MUNDO</b>	57
5.1 – FAMÍLIA	62
5.2 – SOCIEDADE	67
5.3 – EDUCAÇÃO	72
5.4 – ALTERIDADE: A EXISTÊNCIA DO OUTRO	76
<b>6. IDENTIDADES</b>	79

6.1 – IDENTIDADES SURDAS	85
6.2 - O NEGAR, O DESCOBRIR E O FORTALECER DA IDENTIDADE SURDA	91
<b>CONCLUSÃO</b>	94
<b>REFERÊNCIA</b>	99
<b>ANEXOS</b>	102
<b>ÍNDICE</b>	144

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)